

**Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Departamento de Psicologia Clínica
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura**

**O PROCESSO DE TÉRMINO DE NAMOROS VIOLENTOS E
TRANSIÇÃO PARA NOVAS RELAÇÕES**

Priscila de Oliveira Parada

Brasília- DF,
Agosto de 2017.



Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Departamento de Psicologia Clínica
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

**O processo de término de namoros violentos e transição para novas
relações.**

Priscila de Oliveira Parada

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Sheila Giardini Murta

Brasília-DF,
Agosto de 2017

**O processo de término de namoros violentos e transição para novas
relações.**

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Sheila Giardini Murta
Universidade de Brasília – UnB
Presidente da Banca

Prof^o. Dr. Fabio Scorsolini-Comin
Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM
Membro Titular

Profa. Dra. Isabela Machado da Silva
Universidade de Brasília – UnB
Membro Titular

Prof^a. Dr^a. Silvia Renata Magalhães Lordello Borba Santos
Universidade de Brasília - UnB
Membro Suplente

Agradecimentos

À *Sheila*, minha orientadora, pela incrível habilidade em conciliar competência acadêmica, análise perpicaz, sensibilidade e acolhimento em suas relações com seus orientandos, sendo capaz de tornar esse um processo leve e prazeroso, ainda que intenso. Sou profundamente grata pelo suporte e orientação ao longo desses dois anos, sem os quais talvez eu não tivesse conseguido chegar até o fim. *Sheila* daria um belo estudo de caso sobre relações de orientação. Fica a dica para os pesquisadores.

Aos professores membros da banca de defesa, *Fabio Scorsolini-Comin*, *Isabela Machado da Silva* e *Silvia Renata Magalhães Lordello Borba Santos*, por aceitarem tão gentilmente o convite, pelo cuidado minucioso e dedicação na avaliação desse trabalho que geraram contribuições tão instigantes.

Ao *Pedro*, meu esposo e companheiro de vida, pelo apoio carinhoso, inspiração intelectual e bom-humor. Acima de tudo, por aprendermos juntos a cada dia como os relacionamentos amorosos podem ser doces, entusiasmantes e gratificantes. Tê-lo ao meu lado nessa jornada da vida tem sido um privilégio.

À minha mãe, *Sueli*, quem primeiro me inspirou nas veredas do trabalho intelectual. Grata pela coragem com que você aceitou o desafio da maternidade e pela dedicação incansável que tem exercido esses anos todos.

Ao meu pai, *Manoel*, pelo estímulo constante que me deu à curiosidade por quase tudo que pode haver no mundo – que carregou amorosamente comigo - e pelo afeto entusiasmado.

Aos meus irmãos, *Ana* e *Iuri*, por todas as lições de amor, paciência, companheirismo, regulação de emoções e solidariedade. Vocês são demais!

À minha tia *Sandra*, pelo carinho e denço.

À minha sogra, *Glória*, ao meu sogro, *Pedro Francisco*, e aos meus cunhados, *João Gabriel* e *Luís Felipe*, que me receberam em sua família de forma acolhedora. Ao meu cunhado, *Flávio*, pelo jeito atencioso.

Às minhas amigas *Juliana*, *Cecília*, *Silvana*, *Raquel*, *Júlia*, *Sílvia*, *Ana Luísa*, *Mayara* e *Gabriela*. Vocês me ensinaram tudo o que há para saber sobre suporte social muito antes de qualquer estudo científico.

À querida *Cândida*, pela parceria nos caminhos da psicologia desde os tempos de graduação, pela força nos momentos difíceis e pelos conselhos sobre a vida de mestrandia e a produção acadêmica. Ao *João Paulo*, pela amizade entusiasmada e disponibilidade em esclarecer minhas dúvidas jurídicas.

À *Helena*, *Larissa*, e *Maria Luíza*, por trazerem mais amor à minha vida e me inspirarem na busca em construir um mundo mais amável e gentil para vocês.

Aos colegas do SERAV, pelas trocas no ambiente de trabalho que fizeram parte do amadurecimento desse percurso. Carinho e gratidão especial a *Camila Bueno*, *Cristina Xavier*, *Andréa Lonning*, *Miguel Vargas* e *Polyana Marra*, por terem desempenhado papel fundamental na tomada de decisão sobre o direcionamento desse trabalho e pela solidariedade e espírito de equipe nos desafios enfrentados. À *Camila Bueno*, ainda, pelo suporte e parceria

no cotidiano das atividades e pela acolhida sincera desde os primeiros dias. À *Márcia Borba, Cristiane Matos, Michelle Tusi, Raquel Guimarães, Juliana Scaffuto, Denise Chaves e Ana Paula Aquino*, todas minhas supervisoras no trabalho em algum momento desse trajeto, pelo apoio dentro de suas possibilidades. À *Márcia Borba*, ainda, pela capacidade inovadora e por ter lançado algumas das sementes que me instigariam posteriormente nessa pesquisa. À *Cristiane Matos*, pela responsividade e condução cuidadosa do trabalho que me permitiu segurança para avançar nos meses finais de escrita dessa dissertação. A *Fabrcio Lemos*, pela solidariedade em apontar o caminho das pedras e pela indicação de bibliografias. Às estagiárias que ventilam novas ideias à nossa equipe, em especial à *Luciana, Priscila e Greicy*, que acompanharam com mais entusiasmo ao menos alguma das etapas do meu período de mestrado.

À *Kellen Pasqualletto*, amiga querida, pelas trocas de experiência como mestrandas e pelo exemplo encorajador de sagacidade intelectual, impulso realizador, responsabilidade social e compromisso ético. Espero não tardar em voltar a tê-la como parceira de trabalho.

À *Larissa Nobre-Sandoval*, por sua disponibilidade e generosidade em brindar a convivência com aqueles que estão ao seu redor com sua impressionante capacidade de análise e criação. Ainda, pela revisão do capítulo 4.

À professora *Regina Pedroza*, pela contribuição ímpar em minha formação como psicóloga.

À *Lilium Dutra*, pela escuta e porto seguro.

Aos colegas do *Grupo de Estudos em Prevenção e Promoção da Saúde no Ciclo da Vida - GEPPSVida*, *Ana Aparecida, Adriano, Ingrid, Jordana, Larissa, Janaína, Leonardo, Karine, Cristineide, Juliana, Marcos, Sâmia e José Marcelo*, pelas contribuições que ampararam as direções desse trabalho e pelo espaço intelectual frutífero que se constituiu em apoio afável e instigante nesse processo. A capacidade de criação cresce exponencialmente nesse grupo.

À *Nair Rodrigues, Maria da Conceição Souza, Luana Rosa e Greicy Duarte* pelo apoio nas transcrições das entrevistas. A *Nair e Conceição*, ainda, por terem me aproximado das temáticas da saúde indígena. A *Sara, Amanda, Marina e João Victor*, estudantes cuja participação em projetos correlatos se refletiu nesse trabalho.

À *Lídia Skorupa*, por me ajudar a me manter saudável e, ao mesmo tempo, ventilar e ensolarar as ideias nos meses finais do processo de escrita.

Aos estudantes que cursaram a disciplina “Intervenções Psicossociais em Contextos de Violência” no verão de 2017, pela dose extra de entusiasmo que me trouxeram.

Às pessoas que aceitaram participar dessa pesquisa, pela disponibilidade em compartilhar suas histórias.

À equipe da *Biblioteca Central dos Estudantes da Universidade de Brasília*, desde o pessoal de serviços gerais à direção, por tornarem esse um ambiente estimulante, especialmente nos últimos meses de escrita dessa dissertação.

À equipe do *Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura*, em especial a *Thamires e Maria Helena*, pelo apoio nos caminhos administrativos, tão necessários ao cumprimento adequado das tarefas.

À *UnB*, que, em algum grau, está associada a quase tudo de bom que houve em minha vida

desde os 17 anos. Pelas oportunidades que tive aqui e que se refletem em meu percurso profissional e pessoal. Por ser um local de intenso aprendizado, produção de conhecimento, trocas e ampliação de horizontes. Espero poder retribuir um dia o que esse lugar significa para mim.

À vida, que me tem sido tão generosa nos encontros.

Sumário

Lista de Tabelas	9
Lista de Figuras.....	10
Lista de Siglas	11
Lista de Anexos.....	12
Resumo	13
Abstract.....	14
Capítulo 1.....	15
Introdução	15
Descrição da Dissertação	22
Aprovação do Comitê de Ética	22
Referências.....	24
Capítulo 2.....	27
Abandono de relacionamentos íntimos violentos: uma revisão da literatura.....	27
Resumo	28
Abstract.....	29
Método	35
Resultados e Discussão	36
Estudos quantitativos	36
Estudos Qualitativos	44
Conclusões	48
Referências.....	53
Capítulo 3.....	56
Aplicação do Modelo Transteórico de Mudanças ao Processo de Término de Namoros Violentos	56
Resumo	57
Abstract.....	58
Método	65
Procedimentos.....	66
Análise dos dados	67
Cuidados Éticos	68
Resultados e Discussão	68
Estágios do Modelo Transteórico de Mudanças	68

Processos de mudança.....	75
Conclusões	85
Implicações para a prática profissional	90
Limitações.....	92
Agenda de pesquisa.....	92
Referências.....	94
Capítulo 4.....	97
Transição para novas relações após o término de namoros violentos: dois estudos de caso	97
Resumo	98
Abstract.....	99
Método.....	104
Participantes.....	104
Procedimentos.....	105
Análise dos dados	107
Cuidados Éticos	109
Resultados.....	109
Caso 1: Marília.....	109
Caso 2: Isabel.....	113
Comparação entre casos.....	116
Discussão	117
Referências.....	126
Capítulo 5.....	130
Conclusões	130
Sumário dos Resultados.....	131
Relevância Científica.....	135
Relevância Social.....	136
Implicações para a prática profissional e para as políticas públicas	136
Limitações do Estudo.....	140
Agenda de Pesquisa	141
Referências.....	144
Anexos	146

Lista de Tabelas

Tabela 2.1. <i>Termos usados de forma combinada como entradas na busca de artigos</i>	35
Tabela 2.2. <i>Quantidade de vezes em que cada variável foi estudada</i>	39
Tabela 3.1. <i>Síntese de resultados de estudos qualitativos que investigaram processos de mudança</i>	63
Tabela 3.2. <i>Características sociodemográficas das(o) participantes</i>	65
Tabela 3.3. <i>Barreiras e facilitadores para o avanço nos estágios de mudança na esfera pessoal, da relação e do contexto</i>	79
Tabela 4.1. <i>Dados sociodemográficos das participantes</i>	105

Lista de Figuras

Figura 3.1. <i>Modelo adotado para análise temática dos dados</i>	68
Figura 3.2. <i>Proposta de aplicação do Modelo Transteórico de Mudanças à superação da violência</i>	87
Figura 4.1. <i>Etapas de análise dos dados</i>	108
Figura 4.2. <i>Linha do tempo dos relacionamentos de Marília</i>	111
Figura 4.3. <i>Dimensões de evitação e ansiedade no período de cada um dos relacionamentos para Marília</i>	113
Figura 4.4. <i>Linha do tempo dos relacionamentos de Isabel</i>	114
Figura 4.5. <i>Dimensões de evitação e ansiedade nos períodos de cada um dos relacionamentos para Isabel</i>	116

Lista de Siglas

CNS - Conselho Nacional de Saúde

CTS – Conflict Tactics Scale

ECR – Experiences in Close Relationships

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPV – Intimate Partner Violence

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TTM – Transtheoretical Model of Change

Lista de Anexos

Anexo A. Aprovação do Comitê de Ética.....	147
Anexo B. Roteiro de Entrevista.....	150
Anexo C. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	152
Anexo D. Escala ECR – Experiences in Close Relationships.....	154

Resumo

A violência nos relacionamentos é um fenômeno de alta prevalência e com impactos individuais e sociais severos, tangenciando os campos da saúde, assistência, segurança pública, trabalho e educação. Essa dissertação contou com três estudos. O primeiro teve como objetivo analisar os avanços, limitações e lacunas nas pesquisas acerca do abandono de relacionamentos violentos e suas implicações. Realizaram-se buscas em inglês, espanhol, francês e português. Os resultados apontaram que, para os estudos quantitativos, nível de investimento, comprometimento, normas subjetivas, atribuir ao agressor a responsabilidade pela agressão, sentimento de raiva e barreiras e facilitadores estruturais mostraram correlação com o avanço rumo ao término. Para os estudos qualitativos, observaram-se a proposta de novos modelos de compreensão, o foco nas estratégias para o abandono da relação e a consideração do período pós separação nas análises. O segundo estudo teve como objetivo compreender - à luz do Modelo Transteórico de Mudanças - os processos de término de namoros violentos, analisando a maneira como as pessoas vivenciam cada estágio de mudança, quais as estratégias adotadas como processos de mudança e quais as características do contexto e da relação que atuam como barreiras ou facilitadores do avanço entre eles. Realizou-se entrevista com técnica narrativa com sete participantes que haviam terminado namoros violentos. Utilizou-se análise temática dos dados. A pré-contemplação foi caracterizado pela presença de sofrimento difuso e de percepções em algum grau sobre a violência, porém não validadas pela própria pessoa. A contemplação, pela validação dessas percepções e atribuição do sofrimento à violência. A preparação envolveu teste de soluções na própria relação e a preparação para o término. A ação consistiu no término e a manutenção na prevenção de retomadas. As características contextuais favorecedoras envolveram suporte social adequado e ampliação de modelos e experiências. As barreiras contextuais foram isolamento social ou suporte inadequado. Os favorecedores do avanço no processo de término na relação foram a ocorrência de episódio mais severo ou explícito de violência, a falta de mudança do parceiro e a diminuição dos aspectos positivos da relação. As barreiras foram o parceiro suscitar culpa e a ponderação dos aspectos positivos. Os facilitadores pessoais basearam-se na diversidade de estratégias adotadas ativamente para alcançar o término. As barreiras pessoais foram as limitações desenvolvimentais da adolescência e a dificuldade em lidar com sentimentos. O terceiro estudo teve o objetivo de compreender as características da transição para novos relacionamentos que favoreceram a entrada em relações saudáveis após o término de namoro violento. Realizaram-se estudos de caso a partir dos dados da entrevista narrativa e da aplicação da escala *Experiences in Close Relationships* com duas participantes: uma que havia transitado para relação saudável e outra que entrou em novo namoro violento. Ampliação de modelos, experiências, relações e ideias, maior acesso a informações e clara identificação da violência na primeira relação não foram suficientes para evitar o envolvimento em novo namoro violento. Desenvolver a capacidade de acessar e validar os próprios sentimentos e vontades mostrou-se favorecedor do desfecho de entrada em relação saudável, tendo se expressado através de maior habilidade de assertividade. Mudanças no apego no sentido de aproximação do apego seguro acompanharam esse desfecho. As conclusões apontam para potencial nas estratégias interventivas baseadas na restauração do apego e no desenvolvimento das habilidades de acessar e validar sentimentos e desejos. O investimento nas intervenções com pares com foco na oferta de suporte adequado e na promoção de vínculos comunitários seguros também se mostrou promissor.

Palavras-chave: Violência no namoro; Modelo Transteórico de Mudanças; Término; Transição; Apego.

Abstract

Intimate partner violence is a high prevalent phenomenon with relevant individual and social impacts on health, social assistance, security, labor and education. This work includes three studies. The first one had the goal to analyze advances limitations and gaps in research field about leaving violent relationships and its implications. Articles were browsed with entrances in English, Spanish, French and Portuguese. Beyond quantitative studies, investment level, commitment, subjective norms, responsibility attribution, anger and structural barriers and facilitators showed relation with the ending process. For qualitative studies, the proposal of new models of comprehension, the focus on strategies that make leaving process possible and the consideration of post separation period on the analysis was identified. The second study had the goal to comprehend the process of leaving dating relationships based on Transtheoretical Model of Change, analyzing how people leave each stage of change, which strategies were used as processes of changes and which characteristics of the context and the relationship acted as barriers or facilitators on the advance. Narrative interviews were conducted with seven participants who had left violent dating. Thematic analysis of data was made. Pre-contemplation was characterized by the presence of diffuse suffering and fleeting perceptions about violence, which though were not validated by the person. Contemplation was characterized by validation of those perceptions and the attribution of the suffering to the violence. Preparation evolved testing solutions to try changes inside the relationship and preparing to break up when the partner didn't respond well to the attempts. Action consisted on leaving the relationship and maintenance evolved preventing relapse. Favoring characteristics of the context were suitable social support and extending models. The main contextual barrier was social isolation or inappropriate support. In the relationship dimension, the occurrence of more severe or explicit episodes of violence and the lack of change on partner's behavior despite of the trials favored the advance on change process. Barriers in the relationship were the partner arousing guilty and the consideration of the positive aspects. Personal facilitators were adopting diversified strategies. Personal barriers were developmental constraints of adolescence and difficulty in dealing with feelings. The third study had the goal to comprehend the characteristics of transition to new relationships that favor the entrance in healthy relationships after leaving a violent one. Case studies were conducted using data from the narrative interview combined with Experiences in Close Relationships scale application with two participants: one that had moved to a healthy relationship and another who had moved to a new violent one. Enlargement of models, experiences, relations and ideas, more access to information and clear identification of violence in first relationships were not enough to avoid evolvment in a new violent dating. Development of the capacity of accessing one's own feelings and wishes showed to be favoring of the outcome of moving to a healthy relationship and was expressed through higher assertiveness abilities. Changes in attachment consisting in approaching secure attachment were related to this outcome. Conclusions point to potential on strategies based on restoring the attachment and on developing the abilities to access and validate feelings and wishes. The investment on interventions with peers focused on the offer of adequate support and on the promotion of secure peer and community relationships also showed promising.

Key words: Dating violence; Transtheoretical Model of Change, Leaving; Transition; Attachment

Capítulo 1

Introdução

Introdução Geral

O estudo sobre relacionamentos amorosos no Brasil – como em outras partes do mundo – debruçou-se tradicionalmente com maior afinco nas relações de casamento, cujas produções são diversas. Recentemente, no entanto, as relações pré-matrimoniais começam a receber maior atenção, seja pelo prisma de seu papel no processo de escolha do futuro cônjuge (Silva, Menezes & Lopes, 2010), da violência nos relacionamentos íntimos – especialmente com foco epidemiológico (Barreira, Lima, Bigras, Njaine, & Assis, 2014; Nascimento & Cordeiro, 2011; Soares, Lopes, & Njaine, 2013) e de prevenção (Murta, Santos, Martins, & Oliveira, 2013) - ou da satisfação com a relação de namoro (Scorsolini-Comin, Fontaine, & Santos, 2016).

O maior interesse gradual nas relações de namoro apresenta forte relação tanto com as mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas como com a constatação dos riscos e proteções envolvidos nesse tipo de relação e, por conseguinte, pelo potencial de intervenção e prevenção, em especial no que tange às primeiras relações íntimas ocorridas nas fases de adolescente e jovem adulto. Sobre o primeiro aspecto, as mudanças sociais compreendem, atualmente, a maior diversificação de configurações dos relacionamentos íntimos, tanto no que tange a sua duração como no compartilhamento de responsabilidades e intimidades. Essas mudanças aumentam a complexidade das classificações, que precisam, por exemplo, flexibilizar critérios (e as implicações deles) anteriormente típicos da relação de casamento – como a coabitação, por exemplo – ou tradicionalmente esperados nas relações de casal – como a exclusividade de parceiros. Além disso, fazem emergir novos temas até então negligenciados (embora nunca ausentes na realidade social), a exemplo da inclusão de maior diversidade de orientação sexual, por exemplo.

As mudanças sociais das últimas décadas tiraram as relações de namoro da exclusiva função de preceder o casamento, desvinculando a obrigatoriedade dessas duas formas de

relação. A concepção dos relacionamentos de namoro como espaços de aprendizado e exercícios de habilidades importantes para a vida conjugal, no entanto, não pode ser considerada ultrapassada. Os índices de casamento seguem altos (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2016), o que sugere que as novas configurações parecem, ao menos atualmente, coexistir com e trazer mudanças qualitativas para os modelos antigos, ao invés de substituí-los. Nesse ponto, a lente da prevenção encontra nos relacionamentos de namoro um terreno fértil uma vez que os aprendizados sobre relacionar-se amorosamente terão lugar especial nesse contexto.

É sob essa perspectiva que o estudo acerca da violência nas relações de namoro passa a receber maior atenção. No Brasil, esse fenômeno mostrou-se de alta prevalência. Em estudo envolvendo dez capitais das cinco regiões do país e mais de três mil participantes entre 15 e 19 anos, 86,9% dos adolescentes haviam cometido algum tipo de agressão ao parceiro íntimo e 86,8% haviam sofrido violência (Oliveira, Assis, Njaine, & Oliveira, 2011), com forte tendência à bidirecionalidade. Esses números tornam-se ainda mais preocupantes quando ressaltados os impactos correlacionados à violência nos relacionamentos (sejam de namoro ou casamento): depressão (Adeodato, Carvalho, Siqueira, & Souza, 2005), transtorno de estresse pós-traumático (Hatzenberger, Lima, Lobo, Leite & Kristensen, 2010), prejuízos cognitivos (Hatzenberger et al., 2010), maior risco de suicídio (Nahapetyan, Orpinas, Song, & Holland, 2013), maior chance de sexo desprotegido (Silverman, Raj, & Clements, 2004; Taquette, Ruzany, Meirelles, & Ricardo, 2003), maior chance de gestação indesejada, aborto e complicações na gestação (Puccia & Mamede, 2012), maior risco de gestação na adolescência, (Silverman, Raj, & Clements, 2004), maior instabilidade no emprego (Crowne et al., 2011). Ademais, impactos negativos nos filhos de casais que vivenciam relações violentas foram descritos, incluindo maior risco de depressão, estresse pós-traumático, dificuldades de aprendizagem e comportamentos agressivos (Evans, Davies, & DiLillo, 2008). Dessa forma, a

violência nos relacionamentos, tanto do ponto de vista pessoal como social apresenta alto potencial de impactos negativos nos campos da saúde, educação, segurança pública, parentalidade, assistência, economia e previdência, despontando como um tema transversal às políticas públicas.

Algumas particularidades da violência nas relações de namoro comparadas às de casamento são apontadas na literatura. Por um lado, aspectos ligados às normas sociais – especialmente entre adolescentes – parecem incidir sobre os riscos ligados à violência nas relações de namoro. Nesse sentido, encontrou-se que, nesse momento do desenvolvimento, a pressão dos pares para estar em um relacionamento é muito forte, o que pode encorajar a permanência em relações violentas (Gomes, 2011; Shorey, Cornelli, & Bell, 2008). Ademais, os estereótipos de gênero mostraram-se acentuados entre adolescentes em pesquisas nacionais e internacionais, dando respaldo aos papéis tradicionais de dominância masculina e submissão feminina e a discrepâncias no exercício da própria sexualidade, com repressão às das mulheres e hiperestimulação para os meninos (Gomes, 2011; Shorey et al., 2008) ignorando - em ambas as condições, porém com maior potencial de impacto danoso às mulheres - a liberdade e o desejo individual. Por outro lado, nas relações de casamento, maior nível de vínculos econômicos e familiares costumam estar envolvidos, tendendo a gerar maior comprometimento e investimento (Shorey et al., 2008) o que, por sua vez, dificulta uma eventual saída da relação (Choice & Lanke, 1999; Shorey et al., 2013; Edwards, Gidycz, & Murphy, 2015). A continuidade da violência entre o relacionamento de namoro e de casamento – seja com a mesma pessoa ou com parceiro distinto - também foi demonstrada em estudo anterior (Greenman & Matsuda, 2016).

Dado tal contexto, a importância da prevenção à violência pelo parceiro íntimo e da promoção de qualidade nos relacionamentos amorosos direcionadas às relações de namoro fica ressaltada não só pela ênfase na preparação para as relações futuras de casamento, mas também

pelo destaque dos impactos positivos e negativos das relações de namoro em si mesmas, cuja importância tende a se refletir em vários campos da vida, com especial destaque à saúde mental, como apontado anteriormente. Sendo assim, seu maior grau de compreensão é necessário para o desenvolvimento de estratégias preventivas e de tratamento. Nesse escopo, a questão central que se coloca é sobre como ajudar adolescentes, jovens e adultos a se relacionarem de forma saudável, com maior satisfação em suas relações amorosas que se reflita positivamente em outros campos de suas vidas. Essa questão central desemboca em uma série de outras perguntas sobre as quais as pesquisas científicas poderão se debruçar.

Nesse trabalho, as relações de namoro são entendidas como relacionamentos amorosos com grau considerável de estabilidade cujo objetivo principal é de atender a necessidades afetivas e de intimidade, diferenciando-se do casamento pela menor consistência na expectativa de permanência da relação e no compartilhamento de obrigações cotidianas e planos de futuro – ainda que esses existam – e dos relacionamentos de ficar pelo maior nível de tempo e compromisso e maior expectativa quanto ao desempenho de funções afetivas pelo parceiro.

As relações de namoro violentas são aqui entendidas como aquelas em que uma ou mais formas de violência ocorrem de forma repetida e crônica, caracterizando a própria forma de se relacionar. Recorreu-se à definição da Lei 11.340 (2006) – Lei Maria da Penha - para definir as formas de violência:

I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;

II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da auto-estima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição

contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;

III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;

IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;

V - a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria. (Lei 11.340, 2006, art. 7º)

Entenderam-se como namoros saudáveis as relações em que há elevado grau de satisfação, vínculos afetivos positivos, sobretudo com sentimento de amor e felicidade, apoio e cuidado mútuo e nos quais não há formas de violência de forma repetida ou crônica. Admite-se que mesmo relações saudáveis podem apresentar experiências pontuais de violência leve – como, por exemplo, desqualificar a parceira – no entanto, caso isso não tenha ocorrido de forma repetida e haja reconhecimento do dano e esforço de reparação, não se considerou, para fins desse estudo, a relação como violenta.

Para a condição de namoro, o critério foi de auto identificação. Entre as participantes, à exceção de uma, em que houve coabitação como forma de viabilizar solução financeira para as questões de moradia dos parceiros, os relacionamentos de namoro foram caracterizados por não contarem com coabitação, filhos ou estabelecimento de dívidas em comum. Sobre a exclusividade de parceiro, uma das participantes viveu um relacionamento aberto, em que ambos os parceiros admitiam relações fugazes com outras pessoas. Os outros participantes viveram relações com expectativa de exclusividade de parceiro. Para as condições de namoro violento ou namoro saudável, considerou-se as definições aqui apresentadas. Para as relações saudáveis, além do relato narrativo das entrevistas, aplicou-se a escala *Conflict in Adolescent Dating Relationship Inventory – CADRI* (Minayo, Assis, & Njaine, 2011) como forma de acessar a existência de formas de violência não identificadas pelas entrevistadas nos relacionamentos saudáveis.

Dentro desse escopo, esse trabalho teve como foco dois processos importantes ao alcance de relações saudáveis por boa parte dos jovens: o de terminar uma relação violenta e o de fazer a transição para uma nova relação. Uma das características do namoro quando comparado ao casamento é o menor nível de expectativas sociais (e comumente individuais) quanto a sua estabilidade. Sendo assim, a importância de promover qualidade no relacionamento tendo como alvo trajetórias de sucessivas relações - ao invés das mudanças árduas em um relacionamento único e estável que já não vai bem - parece fazer maior sentido. Para tanto, a maior compreensão dos processos de término e transição, sobre os quais dar-se-á atenção nos capítulos que seguem, faz-se necessária. As questões de pesquisa que guiaram essa dissertação foram: como se dá o processo de término de namoros violentos e quais as características do processo de transição para novas relações que permitem a entrada e construção de novo relacionamento amoroso que seja saudável.

Descrição da Dissertação

Além desse capítulo introdutório, essa dissertação conta com mais quatro capítulos. O Capítulo 2 consiste em uma revisão de literatura sobre o término de relacionamentos violentos, cujo objetivo foi de analisar os avanços, limitações e lacunas nas pesquisas publicadas após 2001 acerca do abandono de relacionamentos violentos e suas implicações.

O Capítulo 3 traz um estudo de abordagem qualitativa e método de análise temática sobre o término de namoros violentos, analisados à luz do Modelo Transteórico de Mudanças. O objetivo do estudo foi compreender os processos de término de namoros violentos analisando a maneira como as pessoas vivenciam cada estágio de mudança e quais as estratégias adotadas e as características do contexto e da relação que atuam como barreiras ou facilitadores do avanço entre eles.

O Capítulo 4 utilizou-se dos dados advindos do mesmo estudo no qual se baseou o Capítulo 3, tendo foco, contudo, no processo de transição para novas relações após o término de um namoro violento. Seu objetivo foi de compreender as características da transição para novos relacionamentos que favoreceram a superação da violência através da entrada em relações saudáveis após o término de namoro violento. Para tanto, lançou-se mão de método de estudo de caso.

No Capítulo 5, são sumarizadas as principais conclusões dessa dissertação, as limitações, as possibilidades de aplicação para a prática profissional e as políticas públicas e a agenda de pesquisas futuras.

Aprovação do Comitê de Ética

Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília sob o protocolo 57966016.0.0000.5558 (Anexo A). Visando

atender as normas éticas, nomes, fatos e outras informações que permitam identificar os participantes foram omitidos. Por se utilizar de relatos de relacionamentos amorosos, a análise referente à omissão de informações precisou ser mais criteriosa diante do fato de que o ex-parceiro compartilha das mesmas informações e que seu eventual contato com esse trabalho, caso não houvesse cuidado adequado no tratamento dos dados, poderia trazer risco às participantes. Nesse sentido, narrativas que explicitassem fatos específicos de vivências individuais, do casal ou do parceiro foram omitidas ou descritas em termos gerais, sem revelar as minúcias da experiência.

Referências

Adeodato, V.G., Carvalho, R.R., Siqueira, V.R., & Souza, F.G.M. (2005). Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros. *Revista de Saúde Pública*. 39 (1) 108-113.

Barreira, A.K.; Lima, M.L.C.; Bigras, M.; Njaine, K. & Assis, S.G. (2014). Direcionalidade da violência física e psicológica no namoro entre adolescentes do Recife, Brasil. *Revista Brasileira de Epidemiologia*. Jan-Mar, 217-228.

Choice, P., Lanke, L. K. (1999). Stay/leave decision-making processes in abusive dating relationships. *Personal Relationships*. 6, 351 – 367.

Crowne, S.S., Juon, H., Ensminger, M., Burrell, L., McFarlane, E. & Duggan, A. (2011). Concurrent and Long-Term Impact of Intimate Partner Violence on Employment Stability. *Journal of Interpersonal Violence*. 26(6) 1282–1304

Edwards, K.M., Gidycz, C.A., Murphy, M.J. (2015). Leaving an Abusive Dating Relationship: A Prospective Analysis of the Investment Model and Theory of Planned Behavior. *Journal of Interpersonal Violence*. 30(16) 2908–2927.

Evans, S.E., Davies, C. & DiLillo, D. (2008). Exposure to domestic violence: A Meta-analysis of child and adolescent outcomes. *Aggression and Violent Behavior*. 13 (2008) 131–140.

Gomes, R. (2011). Invisibilidade da violência nas relações afetivo-sexuais. in M.C.S. Minayo; S.G. Assis; K. Njaine (org.). *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro – RJ: Fiocruz.

Greenman, S.J. & Matsuda, M. (2016). From early dating violence to adult intimate partner violence: continuity and sources of resilience in adulthood. *Criminal Behaviour and Mental Health*. 26(4), 293-303

Hatzenberger, R., Lima, A.P.V.L., Lobo, B., Leite, L. & Kristensen, C.H (2010). Transtorno de estresse pós-traumático e prejuízos cognitivos em mulheres vítimas de violência pelo parceiro íntimo. *Ciências & Cognição*. 15 (2) 094-110.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2016). *Estatística do Registro Civil de 2015*. Rio de Janeiro: IBGE.

Minayo, M.C.S., Assis, S.G., Njaine, K. (2011). *Amor e Violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ.

Murta, S.G. Santos, B.R.P., Martins, C.P.S. & Oliveira, B. (2013). Prevenção primária à violência no namoro: uma revisão de literatura. *Contextos Clínicos*. 6 (2)117-131

Nahapetyan, L., Orpinas, P., Song, X., Holland, K. (2013). Longitudinal Association of Suicidal Ideation and Physical Dating Violence among High School Students. *Journal of Youth and Adolescence*. 43:629–640.

Nascimento, F.S & Cordeiro, R.L.M. (2011). Violência no namoro para jovens moradores de Recife. *Psicologia & Sociedade*. 23 (3): 516-525.

Oliveira, Q.B.M., Assis, S.G.; Njaine, K. & Oliveira, R.V.C. (2011). Violências nas relações afetivo-sexuais in M.C.S. Minayo; S.G. Assis; K. Njaine (org.). *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro – RJ: Fiocruz.

Puccia, M.I.R. & Mamede, M.V. (2012). Revisão integrativa sobre a violência por parceiro íntimo na gestação. *Revista Eletrônica de Enfermagem*. 4(4) 944-56.

Soares, J.S.F., Lopes, M.J.M. & Njaine, K. (2013). Violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil: busca de ajuda e rede de apoio. *Cadernos de Saúde Pública*. 29(6):1121-1130.

Shorey, R.C., Cornelli, T.L. & Bell, K.M. (2008). A critical review of theoretical frameworks for dating violence: Comparing the dating and marital fields. *Aggression and Violent Behavior*. 13, 185–194

Shorey, R.C., Tirone, V., Nathanson, A. M., Handsel, V. A., Rhatigan, D. L. (2013). A Preliminary Investigation of the Influence of Subjective Norms and Relationship Commitment on Stages of Change in Female Intimate Partner Violence Victims. *Journal of Interpersonal Violence*. 28(3) 621-642.

Scorsolini-Comin, F., Fontaine, A.M.G.V., & Santos, M.A. (2016). Satisfação no Namoro e Bem-Estar Subjetivo: Associações com a Conjugalidade dos Pais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 32 (3) 1-8.

Silva, I.M., Menezes, C.C. & Lopes, R.C.S. (2010). Em busca da “cara-metade”: motivações para a escolha do cônjuge. *Estudos de Psicologia*. 27 (3) 383-391.

Silverman, J.G., Raj, A. & Clements, K. (2004). Dating Violence and Associated Sexual Risk and Pregnancy Among Adolescent Girls in the United States. *Pediatrics*. 114 (2) 220-225.

Taquette, S.R., Ruzany, M.H., Meirelles, Z., Ricardo, I. (2003). Relacionamento violento na adolescência e risco de DST/AIDS. *Cadernos de Saúde Pública*. 19(5):1437-1444

Capítulo 2

Abandono de relacionamentos íntimos violentos: uma revisão da literatura

Resumo

Esse artigo teve como objetivo analisar os avanços, limitações e lacunas nas pesquisas publicadas após 2001 acerca do abandono de relacionamentos violentos e suas implicações. Realizou-se busca através dos portais Periódicos Capes e Scielo com entradas em inglês, espanhol, português e francês. Os critérios de inclusão foram tratar do término de relações amorosas violentas ou de aspectos da decisão ficar *versus* sair. Os critérios de exclusão foram tratar de violência em relações não amorosas e ter sido publicado antes de 2001. Foram incluídos 14 estudos. Entre os sete estudos quantitativos, nível de investimento, comprometimento, normas subjetivas, atribuir ao agressor a responsabilidade pela agressão, sentimento de raiva e barreiras e facilitadores estruturais mostraram correlação com o avanço rumo ao término. A inserção da dimensão processual do abandono da relação começa a ser observada nesses estudos. Para os sete estudos qualitativos, observaram-se a proposta de novos modelos de compreensão, a maior variabilidade de recrutamento das amostras e a consideração do período pós separação nas análises. Como lacunas, destacam-se a ausência de estudos que considerem a transição para novas relações e a falta de segmentação de dados sobre relações de namoro e casamento. Discutem-se recomendações para a prática profissional.

Palavras-chave: Término, Violência por Parceiro Íntimo, Violência contra a mulher.

Abstract

This article aimed to analyze advances limitations and gaps in research field about leaving violent relationships and its implications. A search through Periódicos Capes and Scielo Web Searches with entrances in english, portuguese, spanish and french resulted in 14 articles published in five databases: Scielo, SagePub, Elsevier, Wiley-Blackwell and Springer. Inclusion criteria were having the end of violent relationships or the stay/leave decision process as main theme. Exclusion criteria was having been published before 2001 and treating of violence in other kinds of relationships. Beyond the seven quantitative studies, investment, commitment, subjective norms, responsibility attribution, anger and structural barriers and facilitators showed relation with the leaving process. The insertion of a processual comprehension was an important characteristic on these researches. For the seven qualitative studies, the proposal of new models, the focus on strategies that make leaving process possible and the consideration of post separation period on the analysis was identified. As gaps, the absence of studies which focus on transition process to new relationships and the missing segmentation of data for dating and marriage relationships are pointed. Recommendations for professional practice are discussed.

Key words: Stay/Leave, Intimate Partner Violence, Violence against women.

Estudos acerca da prevalência e dos impactos da violência nos relacionamentos íntimos são crescentes e têm se tornado cada vez mais importantes tanto na compreensão desse fenômeno, como na construção de diretrizes das políticas públicas relacionadas ao tema (Lei 11340, 2006). Dados sobre a prevalência apontam que ao menos uma em cada cinco mulheres brasileiras sofrem com a violência nos relacionamentos (DATASenado, 2013) e que 43% das mulheres que buscam ajuda via assistência telefônica são agredidas diariamente e 35%, semanalmente (Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2012). Esses dados, contudo, ainda devem ser tratados como limites mínimos, uma vez que é comum que tanto mulheres como homens não saibam reconhecer formas de violência diversas da agressão física.

Entre os adolescentes brasileiros, Oliveira, Assis, Njaine e Oliveira (2011) identificaram que 86,9% do total de uma amostra de 3202 jovens de ambos os sexos, na sua maioria em relações de namoro, já foram vítimas de violência, enquanto 86,8% já praticaram algum tipo de agressão. 76,6% dos adolescentes afirmaram já terem sido tanto vítimas como perpetradores de violência em relacionamentos íntimos. A prevalência desse problema, portanto, atinge números alarmantes tanto na população adolescente como adulta.

Nesse contexto, os estudos sobre término de relacionamentos violentos apresentam potencial de maior esclarecimento sobre os processos e contextos que propiciam o fim desse tipo de relação. A ampliação da compreensão desse processo complexo poderá gerar conclusões relevantes e aplicáveis às políticas públicas e aos serviços de prevenção - no sentido do abandono precoce de relações que se mostrem violentas - e de suporte a vítimas de violência.

A superação da condição de violência no relacionamento engloba mais de um caminho possível. Uma primeira variante seria a interrupção da violência dentro do próprio relacionamento. Outra possibilidade consistiria no término da relação violenta. Sobre a primeira opção, contudo, revisões sistemáticas e meta-análises têm apontado para a inconsistência dos resultados de intervenções realizadas com homens autores encaminhados

pela justiça (Akoensi, Koehler, Lösel, & Humphreys, 2013; Feder & Wilson 2005; Feder, Wilson & Austin, 2008). As revisões da literatura sobre o tema (Feder & Wilson 2005; Feder, Wilson & Austin, 2008) mostraram que estudos que se utilizaram de métodos experimentais apresentaram efeitos modestos quando comparados os grupos de tratamento e controle, enquanto aqueles de delineamento quase-experimental com grupo de comparação sem tratamento indicaram resultados inconsistentes, com possibilidades de pequenos efeitos prejudiciais. Ademais, mesmo nas pesquisas que indicaram resultados positivos das intervenções, segue existindo reincidência, porém com menor frequência (Tolman & Edleson, 1995). As evidências, portanto, apontam para o fraco efeito das intervenções direcionadas aos agressores existentes atualmente, indicando, por um lado, a necessidade de investigações que permitam o desenvolvimento de técnicas e intervenções mais efetivas e, por outro, que as intervenções destinadas à superação da violência não sejam focadas unicamente em mudanças de comportamento do agressor, mas abarquem a possibilidade de abandono da relação pela vítima.

Nesse sentido, resta analisar as possibilidades relacionadas ao outro caminho possível: o término do relacionamento. Essa, contudo, não se mostra uma via simples, envolvendo outras tantas ramificações de possibilidades no que diz respeito à continuidade *versus* superação da violência. Em primeiro lugar, sabe-se que o término não necessariamente significa o fim da violência e, em alguns casos, a avaliação dos riscos diante de uma ou outra opção pela vítima leva-a a concluir que a permanência, ao menos no curto prazo, é a opção mais segura (Anderson, 2003; Bell, Goodman & Dutton, 2007; Meyer, 2012).

Em segundo, os resultados de alguns estudos demonstraram que o término da relação não necessariamente se mostra definitivo (Bell et al., 2007; Shurman & Rodrigues, 2007) e, ainda, que nem sempre é acompanhado de bem-estar. Shurman e Rodriguez (2007), nesse sentido, encontraram a depressão como aspecto emocional associado ao período que segue o

término da relação. Esses resultados apontam para a necessidade de estudos que clarifiquem quais outros fatores contribuem para a melhoria da qualidade de vida de pessoas que conseguem sair de relações violentas e da revisão das políticas públicas, cuja atuação não se encerra quando ocorre a separação, nesse sentido.

Em terceiro, existe a possibilidade do engajamento em novas relações violentas após o abandono da anterior. Martsof, Draucker, Stephenson, Cook e Heckman (2012), em um estudo qualitativo envolvendo 88 participantes, encontraram que 32 haviam vivido mais de um namoro violento no período da adolescência. Isso ressalta o fato de que a superação do ciclo da violência é um fenômeno complexo e ainda pouco conhecido que merece muita atenção.

Embora o abandono do relacionamento não se constitua em todos os casos como uma opção viável – ao menos no curto prazo - ou não implique necessariamente o fim da violência, ele segue sendo um caminho possível e cuja compreensão tem potencial de aprimorar as políticas de atendimento a vítimas de agressões por parceiros íntimos, seja pela oferta de novos serviços voltados a necessidades que atualmente não são atendidas ou não entraram na agenda, pelo desenvolvimento de perspectivas preventivas, especialmente da prevenção indicada (aquela direcionada a pessoas que já apresentam um problema em estágio inicial), ou pela qualificação de técnicas e métodos de intervenção mais eficazes nos serviços já existentes.

No único artigo anterior encontrado de revisão de literatura sobre o tema do abandono de relações violentas, Anderson e Saunders (2003) ressaltaram a consistência de variáveis e as tendências na agenda de pesquisa em 20 estudos quantitativos e 28 estudos qualitativos publicados entre 1976 e 2001. No que diz respeito aos estudos quantitativos, essa revisão identificou a existência de quatro grupos de variáveis sobre as quais os estudos se concentraram: frequência e severidade da violência, história de vitimização da mulher na infância ou família de origem, fatores psicossociais, recursos externos e estratégias de enfrentamento anteriores. Sobre a relação entre-frequência e severidade da violência e término

da relação, os estudos mostraram-se inconsistentes, provavelmente em razão de conceituação da severidade e de medidas utilizadas. O mesmo ocorreu no que diz respeito à vivência de violência na infância ou família de origem, tendo sido os resultados entre os estudos inconsistentes para apontar esse como um fator que facilite ou dificulte o abandono da relação.

Sobre os fatores psicossociais, o mais estudado nas pesquisas incluídas na revisão de Anderson e Saunders (2003) consistiu no conceito de comprometimento com o relacionamento, hipotetizando que mulheres com maior comprometimento tenderiam a permanecer mais no relacionamento. Essa relação foi observada quando se utilizaram medidas subjetivas (ex: sentimentos positivos em relação ao parceiro), contudo mostrou-se mais fraca diante de medidas objetivas (ex: tempo e *status* do relacionamento). As variáveis ligadas a recursos externos, especialmente aquelas relacionadas a renda, por sua vez, foram as que se mostraram mais consistentes e tiveram maior poder de predição ao longo dos estudos. Nesse sentido, menos acesso a renda própria ou a outros recursos externos dificultou o término da relação.

Por fim, os estudos que inseriram variáveis relacionadas às estratégias de enfrentamento da violência são apontados por Anderson e Saunders (2003) como precursores da ideia do abandono enquanto processo. Essas pesquisas apontaram que mulheres com maior número de tentativas de término definitivo mostraram-se mais aptas a alcançá-lo e que aquelas que empregaram múltiplas estratégias de enfrentamento, além do rompimento, tinham maiores chances de conseguirem se separar. A autora e o autor apontam, ainda, para a mudança proporcionada por essas pesquisas no foco de interesse, que deixa de residir nos motivos pelos quais as mulheres permanecem na relação para aqueles que permitem que elas as deixem (Anderson & Saunders, 2003).

No que diz respeito às investigações qualitativas, Anderson e Saunders (2003) apontaram para maior tendência, nesses estudos, de conceituar o abandono como um processo que não se restringe ao término definitivo, mas envolve decisões e ações que ocorrem durante

meses ou anos. Os pesquisadores interpretam o fenômeno, portanto, como esforços ativos e cumulativos pelos quais as mulheres aprendem gradualmente estratégias mais efetivas para lidar com o abuso, incluindo o abandono. O Modelo Transteórico de Mudança (Prochaska & DiClemente, 1984) destacou-se como referencial de interpretação dos dados qualitativos entre os estudos incluídos na revisão. Eles identificaram que as mulheres passaram por um aumento de suas perspectivas que, em alguns casos, ocorreu repentinamente, mas, na maioria, desenvolveram-se a partir de percepções fugidias sobre a relação e sobre si. Como catalizadores no processo de abandono da relação, as pesquisas qualitativas englobadas pela revisão encontraram aumento no nível da violência, menor quantidade de carinho e dedicação pelo parceiro, perda da esperança na melhoria da relação, perceber o efeito do abuso nos filhos e a rede de suporte social comunitária e profissional.

Anderson e Saunders (2003) destacam, ainda, aspectos relacionados ao bem-estar psicológico após a separação. Essa foi uma lacuna identificada por eles naquele momento da produção científica. Entre os poucos estudos analisados por eles que se preocuparam com isso, os resultados mostraram que, na medida em que passa o tempo desde a separação, aumenta o bem-estar psicológico. Por outro lado, quando considerados grupos distintos ao invés de médias gerais, encontrou-se prevalência considerável de sintomas de depressão, estresse pós-traumático e ansiedade após o término da relação violenta, o que chama atenção para a necessidade de maior compreensão sobre esse período para tais grupos e da investigação sobre eventuais fragilidades sociodemográficas, de saúde ou de suporte social associadas a esses desfechos.

Doze anos após a publicação da única revisão anterior encontrada sobre o tema, o presente artigo tem como objetivo analisar os avanços, limitações e lacunas nas pesquisas publicadas após 2001 acerca do abandono de relacionamentos violentos e suas implicações. Considera-se que tal esforço poderá contribuir para uma melhor compreensão do estado da arte

acerca do tema cujo aprofundamento permitirá o desenvolvimento e revisão de direcionamentos tanto para o tratamento quanto para a prevenção indicada nos casos de relacionamentos recentes.

Método

Realizou-se busca nos portais Periódicos Capes e Scielo utilizando-se entradas compostas por combinações das palavras apresentadas na Tabela 2.1 em quatro idiomas diferentes: inglês, português, espanhol e francês.

Tabela 2.1. *Termos usados de forma combinada como entradas na busca de artigos.*

Idioma	Verbos	Substantivos	Adjetivos	Termos consolidados na literatura
Inglês	Leave Stay/leave Abandon End	Date Relationship IPV Partner Violence	Violent Agressive	IPV
Português	Abandonar Terminar Sair Deixar	Namoros Relacionamentos Relação Casamento	Violento(as)	Violência por parceiro íntimo
Espanhol	Dejar Salir Acabar Romper	Relación Noviazgo	Violento(a)	-
Francês	Laisser Finire	Couple Relation	Violent(e)	-

O critério de inclusão foi tratar do processo de término ou da dinâmica de ficar ou sair da relação. Os critérios de exclusão foram tratar de violência em relações não amorosas e ter sido publicado antes de 2001 (ano de publicação do artigo mais recente da revisão de Anderson & Saunders, 2003). Uma exceção foi feita em relação a um artigo de 1999 que não havia sido inserido na revisão anterior. Ademais, incluíram-se na revisão artigos acessados por meio de autores que investigam esta temática.

Para fins de análise, os quatorze artigos foram separados em estudos com métodos quantitativos e estudos com métodos qualitativos, havendo, para esses dois grupos, critérios de análise cujo interesse foi comum a ambos os tipos de método e outros específicos dos estudos quantitativos. Os critérios comuns a ambos os grupos foram referentes ao método (delineamento, amostra, recrutamento da amostra, procedimentos de coleta e instrumentos), ao(s) modelo(s) teórico(s) adotado(s), aos tipos de relacionamentos englobados (se namoro, casamento, relacionamento estável ou outros) e aos resultados encontrados. As informações específicas para análise dos estudos quantitativos foram: variáveis independentes, variáveis mediadoras e variáveis dependentes.

Resultados e Discussão

Foram incluídos 14 artigos publicados entre 1999 e 2015. A pesquisa gerou 12 estudos em inglês e um em português. Os países de atuação dos autores foram Estados Unidos (11 artigos), Brasil (1), Austrália (1) e Suécia (1). Os dados serão apresentados com base nos tipos de estudo: quantitativo ou qualitativo.

Estudos quantitativos

Dos 14 artigos incluídos nessa revisão, sete utilizaram-se de métodos quantitativos. A análise do delineamento dos estudos revelou que todos adotaram modelos observacionais, em sua maioria com recortes transversais (Alexander, Tracy, Radek & Koverola, 2009; Choice & Lanke, 1999; Pape & Arias, 2000; Shorey, Tirone, Nathanson, Handsel, Rhatigan, 2013; Shurman & Rodriguez, 2006). Tal delineamento tem como vantagens o melhor ajuste às possibilidades financeiras da pesquisa, além da economia de tempo. Por outro lado, permite observar um recorte cronológico limitado, implicando delineamento mais frágil quando se quer atribuir relação de antecedência e sucessão de eventos. Ademais, a complexidade e a

volatilidade da dinâmica de abandonar e retomar a relação não pode ser capturada por esse tipo de método. Entre as outras pesquisas, duas apresentaram recorte longitudinal (Bell, Goodman & Dutton, 2007; Edwards, Gidycz & Murphy, 2015), que tem maior poder de estabelecer relações de antecedência e sucessão entre os eventos.

Sobre as escalas adotadas, observa-se que a versão revisada da Escala de Táticas de Conflito (*Conflict Tactics Scales – revised* [CTS-2]; Straus, Hamby, Boney-McCoy & Sugarman, 1996) vem se mostrando relevante para os estudos do campo. O uso de um mesmo instrumento em estudos distintos apresenta a vantagem de permitir comparações entre os dados de diferentes pesquisas. Por outro lado, esse instrumento se restringe ao acesso da violência em situações de conflito. Embora essa seja uma dimensão importante da violência, ela não encerra o fenômeno uma vez que outras formas de violência, especialmente aquela de caráter simbólico, não costuma gerar conflito e, ainda quando isso ocorre, a violência simbólica é comumente ignorada da situação. Essa forma de violência é caracterizada pela incorporação na cultura de formas de comportamentos e práticas em que determinados grupos são tratados de forma desigual, tendo seu acesso a direitos negligenciado ou negado. A violência de gênero e a violência racial, por exemplo, são formas de violência simbólica. Embora essa forma de violência costume se manifestar em conjunto com outras formas, como, por exemplo, a psicológica (ex: dizer que uma mulher é quase um homem para elogiar suas capacidades intelectuais) ou a institucional (ex: dedicar menos tempo em consultas de saúde para pessoas negras do que para pessoas brancas), ela também pode ocorrer de forma isolada quando, justamente por seu caráter de incorporação à cultura, ela passa despercebida e silenciada. Isso ocorre, por exemplo, na divisão desigual do trabalho doméstico e com os filhos entre homens e mulheres, o que acarreta em prejuízos às possibilidades de lazer e descanso para as mulheres e, por conseguinte, potencial de danos à saúde mental e ao desenvolvimento de habilidades de

vida. A falta de instrumentos que acessem essa dimensão representa enorme lacuna nos estudos sobre relacionamentos violentos.

A primeira característica que se destaca quanto aos modelos teóricos adotados é a inserção crescente do Modelo Transteórico de Mudança como referencial teórico nesses estudos. Das sete pesquisas quantitativas, três utilizam esse modelo como base de coleta e análise dos dados (Alexander et al., 2009; Shorey et al., 2013; Shurman & Rodriguez, 2006). Anderson e Saunders (2003) haviam apontado para seu uso em estudos qualitativos e para a tendência, nesses, de considerar o caráter processual do abandono da relação. Esse entendimento parece ser, paulatinamente, absorvido nessas pesquisas quantitativas, que observaram como características demográficas e outras variáveis independentes de interesse relacionavam-se com os estágios de mudança, trazendo, assim, a possibilidade de compreender, mesmo em estudos quantitativos, o abandono não como um ponto no tempo, mas como uma construção que passa por distintas etapas. As variáveis estudadas foram: estilos de apego, atribuição (de responsabilidade), depressão, desesperança, ansiedade e raiva (Shurman & Rodriguez, 2006); características demográficas, estilo de apego, característica da violência, natureza do relacionamento e suporte social (Alexander et al., 2009); e normas subjetivas e comprometimento (Shorey et al., 2013). Outro modelo teórico que teve adesão foi o Modelo de Investimento, usado em três investigações (Choice & Lanke, 1999; Edwards et al., 2014; Shorey et al., 2013).

No que tange à diversidade ou especificidade das variáveis investigadas ao longo de todos os estudos analisados, observa-se a configuração apresentada na Tabela 2.2, que indica a quantidade de vezes em que cada variável foi estudada.

Tabela 2.2. *Frequência com que cada variável foi estudada*

Variável independente ou mediadora	No.
Características da violência	3
Normas subjetivas ^b	3
Nível de investimento na relação (Satisfação com o relacionamento, qualidade das alternativas e investimentos irrecuperáveis).	2
Comprometimento ^b	2
Estilos de apego	2
Atribuição da responsabilidade pela violência ao parceiro ^a	2
Recursos e barreiras estruturais (renda, despesas, bens em comum)	2
Comportamento planejado (Intenções de deixar a relação, atitudes e controle sobre o comportamento)	2
Sentimentos (raiva, tristeza, nervosismo, desesperança)	2
Impactos na saúde mental (depressão e ansiedade)	1
Satisfação com o suporte social	1
Natureza do relacionamento	1

a. Pape & Arias (2000) estudaram reações emocionais e atribuição de responsabilidade pela violência como variáveis mediadoras entre a severidade da violência e a intenção de deixar a relação.

b. Shorey et al. (2013), além de estudarem comprometimento e normas subjetivas como variáveis independentes, verificaram se há mediação entre as duas variáveis.

Entre essas variáveis, aquelas para as quais se encontrou correlação com a intenção, a efetivação ou o processo de término do relacionamento de forma consistente entre os estudos ou com indicação considerável dentro de apenas um estudo (nos casos em que tenha sido estudada apenas uma vez) foram normas subjetivas (n = 3; Choice & Lanke, 1999; Shorey et al., 2013; Edwards, Gidycs & Murphy, 2015), investimento na relação e comprometimento (n=3, sendo que Choice & Lanke estudam as duas variáveis como construtos separados) (Choice & Lanke, 1999; Shorey & cols., 2013; Edwards, Gidycs & Murphy, 2015), atribuição da responsabilidade pela violência ao agressor (n=2; Pape & Arias, 2000; Shurman & Rodriguez, 2006), recursos e barreiras estruturais (n=2; Choice & Lanke, 1999; Alexander, Tracy, Radek & Koverola, 2009), comportamento planejado (n=1; Edwards, Gidycs &

Murphy, 2015) e sentimento de raiva (n=1; Shurman & Rodriguez, 2006). Normas subjetivas favoráveis ao término, atribuição de responsabilidade pela violência ao agressor, existência de recursos estruturais (ex: ter renda própria), comportamento planejado e sentimento de raiva tiveram correlação positiva com o término da relação. Investimento na relação, comprometimento e existência de barreiras estruturais (ex: não ter renda própria) tiveram correlação negativa com o término. Vale ressaltar que investimento na relação e comprometimento são definidos por fatores muito próximos nos artigos que estudam essas variáveis.

Tais resultados revelam uma grande variedade de aspectos relacionados ao avanço rumo ao abandono da relação violenta, apontando para a considerável quantidade de determinantes que atuam nesse processo. Nesse sentido, aspectos do contexto social (normas subjetivas), do contexto estrutural (renda, ter onde morar, etc) e pessoais (investimento na relação, comprometimento, emoções, atribuição de responsabilidade) podem contribuir ou constituir-se como barreiras para o processo de superação da violência.

As variáveis cuja correlação se mostrou inexistente foram as características da violência e a satisfação com o suporte social (Alexander et al. 2009). Sobre a primeira, Anderson e Saunders (2003) já haviam apontado para esse resultado entre os estudos, destacando, no entanto, a falta de padronização dos conceitos e classificação. A persistência de achados nesse sentido, no entanto, reforça a evidência de que a severidade da violência não guarde relação com o processo de término. Sobre a segunda, as autoras discutem que a rede social, embora satisfatória, pode ser dividida com o agressor e não oferecer suporte para a saída da relação, ainda que proteja quanto à severidade da violência. Dessa forma, avaliam que a variabilidade e amplitude da rede de suporte é mais importante que a satisfação com ela.

Os resultados referentes ao estilo de apego mostraram-se inconsistentes entre os dois estudos que consideraram essa variável. Alexander et al. (2009) encontraram o apego

preocupado como associado aos estágios iniciais do Modelo Transteórico de Mudança. Shurman e Rodriguez (2006), por sua vez, encontraram relação entre esse estilo de apego e a prontidão para mudança entre os estágios. É possível que diferenças das amostras tenham gerado tais resultados especialmente considerando que Shurman e Rodriguez trabalharam com mulheres que estavam em abrigos ou residências de apoio transitórias, sendo comum, nesses casos, a associação com outros fatores de vulnerabilidades, especialmente os referentes à escassez de renda e de suporte social. Se por um lado esse aspecto traz viés considerável ao perfil da amostra, por outro, destaca as características de um grupo em situação de muita vulnerabilidade e, por conseguinte, cujas necessidades precisam ser priorizadas.

Um aspecto importante a ser observado é a grande diversidade de variáveis investigadas diante do reduzido número de artigos encontrados, de forma que cada uma foi estudada em, no máximo, três pesquisas. Da mesma forma, não existe aprofundamento nas características relacionadas a nenhuma variável de interesse, tampouco segmentação entre grupos distintos. Esse quadro sinaliza para o caráter multicausal dos aspectos relacionados ao abandono dos relacionamentos violentos, o que gera hipóteses muito variadas advindas de observações em contextos específicos e de teorias distintas.

As variáveis dependentes estudadas foram a intenção de abandono da relação, a permanência ou saída da relação e os estágios do Modelo Transteórico de Mudanças tendo como foco a saída definitiva da relação. É importante ressaltar que, embora possam ser pensadas em um *continuum*, elas não necessariamente falam de gradações do mesmo fenômeno uma vez que a intenção de deixar o relacionamento nem sempre se concretiza e que estar fora dele não significa que essa condição irá se manter. Os dois aspectos, contudo, estão englobados ao se pensar o abandono como um processo, como ocorre nos estágios do Modelo Transteórico de Mudanças.

A análise das características do recrutamento das amostras, revelou quatro ambientes ou estratégias: recrutamento comunitário (n=3), entre estudantes (n=2), em centros de atendimento a vítimas ou agressores (n=3) e em abrigos (n=3). Sobre essas formas, é importante fazer algumas considerações. É possível que nenhuma delas consiga recrutar casos em que a pessoa agredida está isolada da rede de serviços de atenção à violência ou inibida em tornar conhecida a situação de agressão, seja por razões individuais (vergonha, falta de acesso), por aquelas referentes às características da violência (medo, grave ameaça) ou por estarem em situação de grande exclusão social (pessoas em situação de rua ou não alfabetizadas, por exemplo). Tais condições, acarretam maior nível de vulnerabilidade e stress e amostras que as englobem podem gerar resultados com vistas a informar sobre necessidades não endereçadas nos serviços de atendimento existentes atualmente. Tendo em conta que algumas dessas condições podem ser mais comuns do que se imagina e que ela implica graves riscos, estratégias que permitam o acesso a elas no contexto da pesquisa são importantes. Algumas alternativas residem na recorrência a contextos existentes em políticas públicas, como aquelas de acesso facilitado (por exemplo, o Disque 180, no Brasil), de busca ativa (como casos identificados no contexto dos atendimentos das equipes do Saúde da Família ou da Polícia Militar) ou na realização de estudos de caso (uma vez que será pouco provável o número de participantes que permitam outros delineamentos) em situações identificadas em serviços não direcionados ao atendimento de casos de violência, por exemplo, nos hospitais gerais.

Outro limitador considerável consiste no poder de generalização e nas limitações à interpretação dos dados com amostras recrutadas em abrigos. Em geral, as pesquisas não trouxeram informações detalhadas acerca da situação de vulnerabilidade social (exceto aquelas relativas à renda) e da existência ou não de suporte social e familiar. Por outro lado, o público atendido por esse tipo de serviço costuma englobar pessoas com alto nível de vulnerabilidade social, dificuldades financeiras e rede de suporte social escassa e inefetiva. Nesse sentido,

dados como os encontrados por Shurman e Rodriguez (2006) de que depressão foi preditor do estágio de manutenção no Modelo Transteórico de Mudanças, podem estar mais relacionados a essas características da amostra do que ao estágio de mudança em si, além de talvez não poderem ser generalizáveis para outros grupos. Apesar disso, os estudos com mulheres vivendo em abrigos são extremamente importantes justamente por lançarem luz a uma parcela muito vulnerável da população. Todavia, é preciso fazer ressalvas a seu poder de generalização. Esse aspecto reforça o direcionamento de que os grupos não sejam tratados como homogêneos, mas de que se faça recortes de acordo com suas especificidades.

Sobre os tipos de relacionamentos pesquisados, apenas um estudo dedicou-se exclusivamente às relações pré-matrimoniais (Choice & Lanke, 1999). Outros três, envolveram, ainda que de forma minoritária, relações de namoro na amostra (Shurman & Rodriguez, 2006; Bell, Goodman & Dutton, 2007; Edwards, Gidycz & Murphy, 2015). No entanto, eles não segmentam suas análises em função do tipo de relacionamento. Dessa forma, não é possível esclarecer se existem particularidades no processo de abandono desse tipo de relação quando comparados a casamentos ou relações em que há coabitação. Essa permanece uma lacuna na literatura que limita as formas de intervenção para as pessoas em relacionamentos de namoro e apresenta um grande custo de oportunidade no que diz respeito à prevenção.

Entre os estudos quantitativos, apenas um (Bell, Goodman & Dutton, 2007) debruçou-se sobre o período que sucede o término da relação, tendo investigado bem-estar e exposição à violência diante de diferentes desfechos que se seguiram à condição de estar separada do parceiro no início do estudo (manter separação, retomar a relação de forma estável, ou manter separação e retomar relação alternadamente). Considera-se esse estudo de especial relevância por lançar luz nos acontecimentos posteriores ao término da relação, apontando para o fato de que nem todas as experiências de rompimento indicam um mesmo fenômeno, e abrindo um

caminho de pesquisa precioso no campo quantitativo para a geração de conhecimento que permita o delineamento de políticas públicas e de estratégias de atendimento mais adequadas. Anderson e Saunders (2003), em sua revisão, identificaram a escassez de estudos sobre o período que sucede o fim da relação como uma lacuna importante. Desde então, houve pouco avanço nesse ponto nos estudos quantitativos.

Estudos Qualitativos

Dos 14 artigos incluídos nessa revisão, sete adotaram métodos qualitativos. No que diz respeito aos aspectos do método, a entrevista se mostrou como procedimento mais usual de coleta de dados, sendo que, à exceção de dois, todos os outros lançaram mão desse recurso (Cluss et al., 2006; Few & Rosen, 2005; Meyer, 2012; Murta, Ramos, Cangussú, Tavares, & Costa, 2014; Wiklund, Malmgren-Olsson, Bengs & Öhman, 2010). Anderson (2003) fez uso da técnica Delphi, que visa à coleta de dados com especialistas e Edwards et al. (2012) utilizaram-se de respostas escritas a perguntas abertas. A entrevista enquanto estratégia de coleta de dados apresenta a vantagem de ser acessível com maior facilidade para o pesquisador. Por outro lado, a quase inexistência de outras estratégias de coletas de dados, pode estar limitando o acesso a determinados tipos de informações que não são acessíveis através de entrevista.

Sobre os referenciais teóricos, o Modelo Transteórico de Mudanças mostrou-se bastante utilizado, seguindo aquilo que já havia sido observado por Anderson e Saunders (2003). Dos sete estudos, quatro lançaram mão dele, sendo um relacionado à análise de sua adequação ao fenômeno (Anderson, 2003), um partindo desse referencial e questionando-o posteriormente (gerando o Modelo de Prontidão Psicossocial; Cluss et al., 2006), um utilizando-se dele para analisar o avanço nos estágios em um intervalo de dois meses (Edwards et al., 2012) e o último

aprofundando as análises na identificação de estratégias que colaboram para a passagem de um estágio ao outro (Murta et al., 2014).

Um aspecto relevante nesses estudos, ainda, consiste na frequência com que se dedicam a analisar a adequação ou geração de modelos. Todos eles, em algum grau, envolvem uma dessas vertentes. Além das verificações já citadas em torno do Modelo Transteórico de Mudanças, identifica-se a adequação à Teoria da Escolha Racional e a geração de novos modelos: Modelo de Prontidão Psicossocial (Cluss et al., 2006) e Modelo Conceitual de Vulnerabilidade (Few & Rosen, 2005). Wiklund et al. (2010), embora não proponham novo modelo, adotam etapas e constroem uma linha cronológica para o enfrentamento da violência (Wiklund et al., 2010). Todos os modelos incluem aspectos relativos às barreiras e aos recursos de enfrentamento internos e externos que permitem chegar ao término da relação e à manutenção dessa condição.

O Modelo de Prontidão Psicossocial (Cluss et al., 2006) é composto por três fatores internos – percepção de suporte social, autoeficácia e tomada de consciência – que são situados ao longo de um *continuum* que vai da manutenção total do status quo à superação da violência. Dois fatores externos – suporte social e condições situacionais (ex: ter renda, ter casa, etc) - empurram os fatores internos para um lado ou outro do *continuum*.

O Modelo Conceitual de Vulnerabilidade (Few & Rosen, 2005) é caracterizado por duas dimensões: vulnerabilidade relacional (crenças sobre si na relação com os outros ou sobre o que é aceitável em um relacionamento) e vulnerabilidade estrutural (estressores advindos de mudanças tanto inerentes ao ciclo de vida, como inesperadas, ou da falta de que se atinjam expectativas sociais ligadas ao status de relacionamento). A representação do modelo é feita em plano cartesiano. Essas duas dimensões estão imersas no contexto sociocultural.

A linha cronológica do enfrentamento da violência (Wiklund et al., 2010) não chega a ser proposta pelas autoras como modelo teórico, contudo, apresenta estruturas de análise

comuns para os dois casos estudados, tendo como base a linha cronológica dos eventos, diferenciando distintas fases rumo ao abandono da relação e ao enfrentamento das consequências da violência após o seu término. Ela inicia com “estar sob controle de um namorado violento”, passando por “lutando para parar a violência e terminar a relação”, “voltar a andar com os próprios pés e fazer um novo começo” e terminando com “deixar a relação e lidar com as consequências da violência”. Para cada ponto desse processo, os desafios e comportamentos adotados são descritos.

No escopo dos estudos qualitativos, ainda, algumas das estratégias às quais as participantes recorreram no processo de término da relação foram identificadas. Auto-observação, suporte social, autocuidado, busca de informações, teste de soluções (ex: terminar e retomar, tentar acabar com a violência dentro da própria relação), avaliação de riscos para terceiros, controle de estímulos, análise de riscos e benefícios, regulação de emoções, empoderamento (Murta et al., 2014). Após o término, trazer à consciência os aspectos relacionados às emoções negativas ligadas à relação e os próprios esquemas disfuncionais que operam nas relações amorosas, manejar situações de risco, dedicar atenção a necessidades de outros campos da vida, análise de prejuízos e ganhos, autovalorização e dedicar-se a novos interesses foram as estratégias mapeadas (Murta et al., 2014). Anderson (2003) classificou as estratégias de acordo com os processos de mudança previstos no Modelo Transteórico de Mudanças.

No que concerne ao recrutamento da amostra, as características mostraram-se distintas em alguns pontos quando comparadas aos estudos quantitativos. Foram utilizados como ambientes/grupos de recrutamento: serviços de saúde não relacionados diretamente à violência (n=3), abrigos para mulheres vítimas de violência (n=2), lideranças comunitárias no combate à violência nos relacionamentos que passaram por esse tipo de experiência (n=1), estudantes

universitárias (n=1), serviços de atendimento a vítimas de violência (n=1), além de amostra de conveniência (n=1).

Embora não tenha contado com recrutamento comunitário, a inclusão significativa do recrutamento em serviços de saúde não relacionados diretamente à violência aumenta as chances de acesso a pessoas que não buscam os serviços direcionados a essa problemática ou que não estão dispostas a revelar a condição de abuso na relação espontaneamente. Esses espaços são considerados privilegiados no acesso a vítimas de violência pois, com maior frequência, elas os procuram com queixas que não relacionam de forma explícita à violência (ex: dores, lesões, sintomas depressivos). Uma abordagem cuidadosa do profissional de saúde ou do pesquisador, contudo, pode ser um importante passo rumo ao melhor enfrentamento do problema, além de poder contribuir para a geração de novos conhecimentos (Zuma et al., 2014). Esse aspecto, mais uma vez, revela a importância do uso de delineamentos qualitativos na elucidação de situações nas quais o acesso aos casos é muito difícil, limitando seu número.

Por fim, no tangente à abordagem e ao aprofundamento dos conhecimentos acerca do período pós término, apontado como uma lacuna na revisão anterior de Anderson e Saunders (2003), seis dos sete estudos qualitativos contemplaram-no em algum grau (Anderson, 2003; Cluss et al., 2006; Few & Rosen, 2005; Meyer, 2012; Murta et al., 2014; Wiklund et al., 2010). Dois trataram das estratégias de enfrentamento às dificuldades e barreiras à manutenção do término da relação (Anderson, 2003; Murta et al., 2014), um apontou para estratégias de proteção desenvolvidas após o fim da relação e impactos na saúde (Wiklund et al., 2010), um focou na discussão das decisões informadas pela avaliação de risco maior para si e para os filhos no caso de abandono da relação e as estratégias de planejamento necessárias para sair dessa relação (Meyer, 2012) e dois o trataram através da inserção de aspectos facilitadores e barreiras nos modelos gerados para a compreensão do fenômeno (Cluss et al., 2006; Few & Rosen, 2005). Se por um lado se observa preocupação com o período após o término nos

estudos qualitativos, seja em relação aos impactos ou às estratégias e barreiras experimentadas, por outro, o alvo e a referência permanecem em uma única relação e em seus impactos. Considerando que as experiências com relacionamentos violentos não necessariamente se restringem a uma única relação (Martsof et al., 2012), resta como lacuna a necessidade de estudos que se aprofundem na transição entre relacionamentos e cuja referência não esteja em apenas um deles.

Conclusões

Identificaram-se, nessa revisão, algumas características da produção de artigos sobre o tema do abandono de relacionamentos violentos entre 1999 e 2015. Os estudos quantitativos analisados foram marcados pelo início da inserção da dimensão processual através do Modelo Transteórico de Mudanças na explicação do abandono de relações violentas, a grande diversidade de variáveis, a pouca diferenciação ao se analisar os dados entre as relações de namoro e casamento e a limitação na variedade de recrutamento da amostra. Os estudos qualitativos, por sua vez, tiveram como características a adoção marcante da dimensão processual do abandono da relação violenta, a busca pela investigação da adequação e da geração de modelos de compreensão do fenômeno, a variedade de recrutamento da amostra, com inclusão de grupos recrutados em serviços de saúde não relacionados diretamente à violência, e a consideração de aspectos relacionados ao período pós término da relação.

Sobre artigos que fazem uso de teorias que compreendam o abandono como um processo, os artigos qualitativos foram unânimes em trazê-las, seja através do Modelo Transteórico de Mudança, seja pela da geração de outras teorias, como o Modelo de Prontidão Psicossocial (Cluss et al., 2006) ou o Modelo Conceitual de Vulnerabilidade (Few & Rosen, 2005). No que diz respeito aos estudos quantitativos, a compreensão do caráter processual do

fenômeno consiste mais especificamente na adoção do Modelo Transteórico de Mudanças. Esses aspectos confirmam a observação da revisão de Anderson e Saunders (2003), que apontaram para a adoção da compreensão do abandono como processo nos estudos qualitativos produzidos até então. Nos últimos anos, portanto, essa tendência foi observada também nos estudos quantitativos.

No tangente à investigação de aspectos relacionados ao período após o término da relação, os estudos qualitativos dedicaram mais atenção ao incluir ao menos o período que se seguiu imediatamente ao término (ou a manutenção do fim da relação). Entre os estudos quantitativos, apenas dois mencionam temas relacionados a esse momento em suas discussões, sem, contudo, abordá-los de forma central, e apenas um tem como foco a elucidação das condições vivenciadas nesse período e seus impactos sobre o bem-estar e a vivência de violência. Anderson e Saunders (2003) identificaram essa como uma lacuna na revisão realizada em 2003. Aparentemente, embora tenha havido avanços nesse campo, eles foram tímidos.

As implicações dos resultados para a prática profissional apontam para estratégias preciosas a serem adotadas pelos serviços de atendimento. A importância das normas subjetivas como facilitadoras (ou barreiras) do término ressalta a necessidade de que as intervenções não sejam focadas exclusivamente na vítima ou no autor da violência, mas englobem outras pessoas importantes. No contexto macro, a abordagem do tema nos meios de comunicação com foco na quebra de preconceitos e disseminação de ideias que favoreçam a proteção e o suporte por pares ou familiares a pessoas que sofrem violência apresenta grande potencial de contribuir para suporte social mais adequado, o que tende a gerar impactos positivos no término da relação. O investimento na qualidade das relações de suporte também ganha destaque diante dos resultados que apresentaram o investimento na relação como fator relacionado com o término. Sendo a qualidade das alternativas parte do construto que define investimento,

relações sociais de amizade positivas tendem a aumentar a avaliação da alternativa de terminar um relacionamento e permanecer sem parceiro. Nesse sentido, pessoas que contam com suporte social para outras esferas de sua vida também contam com maior condição de suporte emocional para enfrentar a difícil tarefa de terminar e permanecer fora de uma relação.

A ênfase na qualidade das alternativas à relação traz outro desdobramento para os serviços de atendimento a vítimas de violência: a criação de espaços de convivência baseados em atividades de lazer e socialização que não abordem diretamente a violência pode ser uma estratégia importante no seu combate ao fomentar relações sociais e ampliar repertórios. Ainda, tais estratégias contam com a vantagem de serem mais atraentes ao público que ainda tem dificuldade em se perceber em condição de violência.

A necessidade de endereçar barreiras externas ao término apresenta-se mais uma vez evidente a partir dos resultados apresentados. Tais barreiras coincidem com contextos de vulnerabilidade social, especialmente os relativos à pobreza. Nesse sentido, iniciativas relativas a geração de renda, habitação (especialmente em caráter emergencial) e ao atendimento das necessidades básicas em caráter emergencial demandam atenção dos serviços. Aparentemente, abordagens profissionais interdisciplinares que enderecem o atendimento às necessidades de ordem prática (que atuam como barreiras estruturais externas) e àquelas que perpassam as questões psicossociais (de ordem interna) apresentam maior potencial de efetividade.

Como limitações dessa revisão, apontam-se a dificuldade de replicação dos processos de busca, o que reduz seu caráter de sistematização, e o fato de que os dados foram analisados por apenas uma autora, sem verificação de concordância entre codificadores, o que compromete a confiabilidade das análises.

Algumas lacunas são identificadas na literatura a partir dessa revisão. Em primeiro lugar, observa-se a necessidade de mais pesquisas que tenham como foco o período pós separação, lacuna que já havia sido apontada na revisão anterior e para a qual houve poucos

avanços desde então. Esse aspecto tem especial importância ao se levar em conta que as separações nem sempre são definitivas e, em alguns casos, não suficientes para gerarem bem-estar. Para além do período que sucede imediatamente ao término, a transição para novas relações tem sido negligenciada pelos estudos científicos. Tendo em conta que o interesse social no esclarecimento das questões relativas ao término de relacionamentos violentos não é apenas de que as pessoas terminem relações pontuais, mas que vivam livres da violência nos relacionamentos íntimos, a maior compreensão dos processos de transição para novos relacionamentos mostra-se urgente e poderá permitir o aprimoramento da oferta de suporte às pessoas que abandonam relacionamentos violentos.

Outro aspecto que carece de esclarecimento concerne à geração de maior conhecimento acerca de pessoas e grupos que não acessam os serviços direcionados à atenção à violência ou sequer revelam essa condição. Tal grupo encontra-se em condição de extrema vulnerabilidade, o que ressalta a necessidade de busca ativa por esses sujeitos e demanda, prioritariamente, o uso de métodos qualitativos, tanto por permitirem a compreensão aprofundada de realidades individuais como em razão da dificuldade de acesso a essas pessoas que não solicitam ajuda. Estratégias que recorram à internet, tanto para pesquisa como para intervenção, também se apresentam promissoras.

Sob o prisma da prevenção, destaca-se a necessidade de maior conhecimento dos processos iniciais que favorecem o término como uma estratégia preciosa de enriquecimento dos programas de prevenção indicada, em especial nas relações de namoro nas quais a violência se mostre inicial. A entrada em relacionamentos violentos, ainda, merece atenção a partir dessa perspectiva. Compreender como as pessoas entram em relações violentas pode apontar para estratégias significativas para a prevenção universal (aquela direcionada a toda a população).

Por fim, ressalta-se a necessidade de estratificação dos dados relativos a relações de namoro e de casamento/relação estável, tanto em razão das especificidades de necessidades de

intervenção em cada tipo de relação, como pelo grande potencial de geração de intervenções preventivas existente na maior compreensão dos processos envolvidos na relação de namoro. O tratamento dos dados como caracterizando um mesmo grupo pode estar escondendo especificidades relevantes e nublando as análises. Ademais, ressalta-se a importância de estudos que considerem a estratificação de grupos e perfis, adotando variáveis moderadoras, dada a grande variedade de condições internas e externas às quais as pessoas estão sujeitas no contexto de abandono de relações violentas e o potencial de esclarecimento acerca da divergência de resultados a partir de dados advindos de amostras distintas. Vulnerabilidades relacionadas a pobreza se mostram mais evidentes nos estudos, porém, outras questões sociais - como as relacionadas a raça, orientação sexual, ter uma deficiência, por exemplo - cuja intersecção se relaciona com a vivência de relacionamentos violentos, não devem ser ignoradas e poderão ser melhor estudadas em pesquisas futuras. Ainda, diferenças entre relações de namoro e casamento valem ser melhor exploradas.

Referências

Akoenski, T.D., Koehler, J.A., Lösel, F & Humphreys, D.K. (2013). Domestic Violence Perpetrator Programs in Europe, APrt II: A systematic review of the state of evidence. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*. 57 (10).

Alexander, P.C. Tracy, A., Radek, M. & Koverola, C. (2009). Predicting Stages of Change in Battered Women. *Journal of interpersonal violence*. 24, 1672-1772.

Anderson, C. (2003). Evolving Out of Violence: An Application of the Transtheoretical Model of Behavioral Change. *Research and Theory for Nursing Practice: An International Journal*, 17 (3), 225-240.

Anderson, D.K. & Saunders, D.G. (2003). Leaving an abusive partner: an empirical review of predictors, the process of leaving and psychological well-being. *Trauma, violence and abuse*. 4(2), 163–191.

Bell, M.E., Goodman, L.A. & Dutton, M.A. (2007). The Dynamics of Staying and Leaving: Implications for Battered Women's Emotional Well-Being and Experiences of Violence at the End of a Year. *Journal of family Violence*. 22:413–428

Burke, J.G., Gielen, A.C., McDonnel, K.A., O'Campo, P. & Maman, S. (2001) The Process of Ending Abuse in Intimate Relationships: A Qualitative Exploration of the Transtheoretical Model, *Violence Against Women*. 7, 1144-1163.

Choice, P. & Lanke, L. K. (1999). Stay/leave decision-making processes in abusive dating relationships. *Personal Relationships*. 6, 351 – 367.

Cluss, P.A., Chang, D.C., Hawker, L., Scholle, S. H., Dado, D., Buranosky, R. et al. (2006). The process of change for victims of intimate partner violence: support for a psychosocial readiness model. *Women`s health issues*. 16, 262-274.

Edwards, K.M., Gidycz, C.A. & Murphy, M.J. (2015). Leaving an Abusive Dating Relationship: A Prospective Analysis of the Investment Model and Theory of Planned Behavior. *Journal of Interpersonal Violence*. 30(16) 2908–2927.

Edwards, K.M., Murphy, M.J., Tansill, E.C., Myrick, C.; Probst, D.R., Corsa, R. et al. (2012). A Qualitative Analysis of College Women’s Leaving Processes in Abusive Relationships. *Journal of American College Health*. 60 (3) 204 – 210.

Feder, L. & Wilson, D.B. (2005). A meta-analytic review of court mandated batterer intervention programs: Can courts affect abusers’ behavior? *Journal of Experimental Criminology*, 1: 239-262.

Feder, L., Wilson, D. B. & Austin, S. (2008). Court-mandated interventions for individuals convicted of domestic violence. *Campbell Systematic Reviews*, 12, 1-46.

Few, A.L. & Rosen, K.H. (2005). Victims of Chronic Dating Violence: How Women’s Vulnerabilities Link to Their Decisions to Stay. *Family Relations*. 54, 265–279.

Lei 11.340 (2006). Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. BRASIL. Recuperado em 27 de novembro de 2015 em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm.

Martsof, D.S., Draucker, C.B., Stephenson, P.L., Cook, C.B. & Heckman, T.A. (2012). Patterns of dating violence across adolescence. *Qualitative Health Research*. 22(9) 1271-1283.

Meyer, S. (2012). Why women stay: A theoretical examination of rational choice and moral reasoning in the context of intimate partner violence. *Australian & New Zealand Journal of Criminology*. 45(2) 179–193

Murta, S.G., Ramos, C.E.P.L., Cangussú, E.D.A., Tavares, T.N.G. & Costa, M.S.F. (2014). Desenvolvimento de um website para prevenção à violência no namoro, abandono de relações íntimas abusivas e apoio aos pares. *Contextos Clínicos*.7(2):118-132.

Oliveira, Q.B.M., Assis, S.G., Njaine, K. & Oliveira, R.V.C. (2011). Violência nas relações afetivo-sexuais in M.C.S. Minayo, S.G., Assis & K. Njaine. *Amor e Violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ.

Pape, K.T. & Arias, I. (2000). The Role of Perceptions and Attributions in Battered Women's Intentions to Permanently End Their Violent Relationships. *Cognitive Therapy and Research*, 24 (2), 201-214.

Prochaska, J.O., DiClemente, C.C. & Norcross, J.C. (1992). In search of how people change. Applications to addictive behaviors. *American Psychologist*. 47 (9) 1102-1114.

Shorey, R.C., Tirone, V., Nathanson, A. M., Handsel, V. A. & Rhatigan, D. L. (2013). A Preliminary Investigation of the Influence of Subjective Norms and Relationship Commitment on Stages of Change in Female Intimate Partner Violence Victims. *Journal of Interpersonal Violence*. 28(3) 621-642.

Shurman, L.A. & Rodriguez, C.M. (2006). Cognitive-Affective Predictors of Women's Readiness to End Domestic Violence Relationships. *Journal of interpersonal violence*. 21, 1417-1439.

Straus, M.A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S. & Sugarman, D.B. (1996). The revised Conflict Tactics Scale (CTS2): development and preliminary psychometric data. *Journal of Family Issues*, 17, 283-316.

Wiklund, M., Malmgren-Olsson, E., Bengs, C. & Öhman, A. (2010). "He Messed Me Up": Swedish Adolescent Girls' Experiences of Gender-Related Partner Violence and Its Consequences Over Time. *Violence Against Women*. 16, 207-231.

Zuma, C.E., Mendes, C.H.F., Cavalcanti, L.F. & Gomes, R. (2013). Violência de gênero na vida adulta. In Njaine, K. Assis, S.G., Constantino, P. (orgs.). *Impactos da violência na saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz.

Capítulo 3

Aplicação do Modelo Transteórico de Mudanças ao Processo de Término de Namoros Violentos

Resumo

Esse estudo teve como objetivo compreender - à luz do Modelo Transteórico de Mudanças - os processos de término de namoros violentos, analisando a maneira como as pessoas vivenciam cada estágio de mudança, quais as estratégias adotadas como processos de mudança e quais as características do contexto e da relação que atuam como barreiras ou facilitadores do avanço entre eles. Realizou-se entrevista narrativa com sete participantes. O estágio de pré-contemplação foi caracterizado pela existência de sofrimento e percepção difusa em relação à violência. A contemplação se dá no momento em que a pessoa valida as percepções sobre a violência e atribui o sofrimento a isso. A preparação apresentou teste de soluções dentro da própria relação e preparação para o término. A ação se deu através do término da relação de namoro. A manutenção caracterizou-se pela permanência do término e pelo fim da violência. Processos de mudança, aspectos do contexto e da relação, atuando como barreiras e facilitadores no avanço entre os estágios são identificados e analisados. Implicações para a prática profissional englobam a customização de intervenções segundo estágio de mudança, especialmente as intervenções breves. Pesquisas futuras de aplicação do modelo à violência no namoro poderão esclarecer sobre balança decisória, autoeficácia e desenvolver instrumentos.

Palavras-chave: Modelo Transteórico de Mudanças, Violência pelo parceiro íntimo, Namoro.

Abstract

This study had the goal to comprehend the process of leaving dating relationships based on Transtheoretical Model of Change, analyzing how people leave each stage of change, which strategies were used as processes of changes and which characteristics of the context and the relationship acted as barriers or facilitators on the advance. Seven Narrative Interview interviews were taken. Pre-contemplation stage was characterized by existence of diffuse suffering and perceptions related to the violence. Contemplation occurs when the person validates those perceptions and attributes suffering to the relationship. Preparation had to phases: trying solutions inside the relationship and preparing to leave. Partner's reactions informed the continuation of the process. Action happened through break up for the sample. Maintenance was characterized by keeping it and by the end of the violence. Processes of change, contextual and relational aspects, acting as barriers and facilitators on advance between stages are identified and analyzed. Implications for professional practice evolve tailoring interventions bellow stages of change, specially brief ones. Future research can clarify the application of decisional balance and self-efficacy to this theme and develop instrumentation.

Key words: Transtheoretical Model of Change (TTM), Intimate Partner Violence, Dating Relationships.

As relações amorosas violentas apresentam elevado custo social e impactos individuais e familiares severos (Adeodato, Carvalho, Siqueira & Souza, 2005; Hatzenberger, Lima, Lobo, Leite & Kristensen, 2010; Puccia & Mamede, 2012). O estudo sobre o término desse tipo de relação apresenta potencial de informar sobre maneiras de intervir, seja através de prevenção ou de tratamento, nessa que, atualmente, é uma questão que vem ganhando espaço nas políticas públicas de saúde e segurança pública. Embora o término da relação não deva ser visto como a única possibilidade de dar fim à violência – tampouco como sinônimo disso – ele segue sendo uma alternativa viável e comum em sua superação.

Entre os referenciais teóricos utilizados, o Modelo Transteórico de Mudanças (Prochaska, Di Clemente & Norcross, 1992) tem se apresentado como um caminho promissor. Brown (1997) propôs a aplicação desse modelo à superação da violência nos relacionamentos íntimos pela primeira vez, apontando algumas particularidades de sua utilização que precisariam ser endereçadas na agenda de pesquisa futura: (a) O término não é o único caminho, pode haver outras formas de superação da violência dentro da própria relação. Como compreendê-las dentro do modelo?; (b) A relação não é só um contexto, mas o próprio foco da mudança no caso dos relacionamentos violentos. Como considerar essa dimensão que escapa à mudança individual?; (c) Quais as características dos estágios de mudança específicas para o fenômeno dos relacionamentos violentos?; (d) A necessidade de investigações sobre a aplicação das outras três dimensões do Modelo: processos de mudança, balança decisória e autoeficácia, especialmente considerando a característica relacional.

O Modelo Transteórico de Mudanças foi desenvolvido a partir de estudos para o abandono do cigarro por James Prochaska e Carlo Di Clemente, cujo interesse era de desenvolver um modelo integrativo dos vários sistemas teóricos da psicologia. Posteriormente, foi aplicado a outros contextos. O modelo prevê quatro dimensões que se mostraram relacionadas com o alcance de mudanças favoráveis, com ou sem ajuda terapêutica profissional

(o que, embora mais raro, é possível): estágios de mudança, processos de mudança, balança decisória e autoeficácia (Prochaska et al., 1992).

Os estágios de mudança são cinco. A pré-contemplação é caracterizada pela falta de ciência ou pela ciência precária acerca da existência de um problema, sendo a resistência em reconhecer ou modificar um problema a principal marca das pessoas em pré-contemplação. A contemplação refere-se ao estágio no qual existe consciência sobre o problema, no entanto, as pessoas ainda não estão seriamente comprometidas em implementarem mudanças, sendo sua característica central a consideração, de forma consistente, sobre a necessidade de resolução do problema (ainda que não haja mobilização suficiente para implementar mudanças). No estágio seguinte, o de preparação, começa a haver esforço de mobilização de ações para caminhar rumo à mudança, o que pode ser observado através da implementação ou de tentativas de algumas mudanças que favoreçam a solução do problema ou ainda permitam atenuá-lo. O estágio de ação é o quarto e corresponde ao período em que se adotam efetivamente comportamentos distintos alcançando o critério estabelecido, sendo o compromisso com a mudança e sua efetiva realização a principal marca desse estágio. Por fim, o estágio de manutenção tem como tarefa prevenir as recaídas, estabilizar as mudanças e consolidar os ganhos alcançados durante o estágio de ação (Prochaska et al., 1992).

O modelo prevê a possibilidade de recaídas entre os estágios, o que não invalida o processo de mudança, ao contrário, torna-se parte dele uma vez que novos avanços rumo à mudança podem ser novamente iniciados, dessa vez com o aprendizado de experiências anteriores (Prochaska et al. 1992) Nesse sentido, os autores propõem que um modelo espiral é o que melhor define o processo de mudança, ao invés de um modelo linear ou cíclico. Quatro padrões principais foram encontrados: progressivos - que avançam de um estágio a outro sem recaídas -, recicladores – que apresentam recaídas e reiniciam o processo adotando aprendizados dos ciclos anteriores -, estacionários – que permanecem em um mesmo estágio,

sem demonstrar avanços – e cíclicos - que alternam entre dois estágios, como se girassem em círculos, sem apresentar avanços (Prochaska et al., 1992,). É admitida, ainda, a possibilidade de que algumas pessoas simplesmente saltem estágios - o que se observa em casos concretos – embora os autores não cheguem a teorizar sobre isso.

O único fator que apresentou maior poder de predizer a efetividade do tratamento para abandono do fumo que os estágios de mudança foi a qualidade do uso de processos de mudança (Prochaska et al, 1992). Enquanto os estágios de mudança tratam de quando a mudança acontece, os processos de mudança referem-se a como ela ocorre. Eles foram analisados primeiramente do ponto de vista teórico, com base nos principais sistemas terapêuticos existentes. Posteriormente, passaram por validação empírica tendo sido descritos dez processos distintos após alguns anos de pesquisa: aumento de consciência, autorreavaliação, autoliberação, contracondicionamento, controle de estímulos, manejo de reforços, relações de ajuda, alívio dramático, reavaliação do ambiente e liberação social (Prochaska, Velicer, Di Clemente & Fava, 1988).

O aumento de consciência consiste em aumentar a quantidade e profundidade de informação sobre si e sobre o problema (ex: auto-observação, ler sobre o assunto). A autorreavaliação envolve estratégias que permitem avaliar como a pessoa se sente e como pensa sobre si a respeito do problema (ex: contrapor desfechos do problema com planos de vida, utilizar-se de imagens mentais para acessar emoções). A autoliberação refere-se a estratégias que implicam em permitir-se acreditar na própria capacidade de mudar e comprometer-se a agir (ex: resoluções de ano novo, aumento do comprometimento). O contracondicionamento consiste em buscar alternativas substitutas a comportamentos problemáticos (ex: diante de situação que traz ansiedade, buscar amigos ao invés do álcool). O controle de estímulos reúne estratégias nas quais se evita estímulos e situações que eliciam comportamentos problemáticos (ex: evitar situações de alto risco de recaída, reestruturar a rotina e os ambientes). O manejo de

reforços envolve a obtenção de recompensas de si ou de outras pessoas pelas mudanças alcançadas (ex: reforço explícito ou implícito, contratos contingenciais segundo metas). As relações de ajuda referem-se a possibilidade de falar de forma aberta e com confiança sobre os problemas com alguém importante (ex: aliança terapêutica, suporte social e grupos de ajuda mútua). O alívio dramático reúne estratégias que permitem experienciar e expressar sentimentos sobre os problemas e soluções (ex: sociodrama, role playing, luto). A reavaliação do ambiente envolve estratégias sobre avaliar como o próprio problema afeta o ambiente ao redor (ex: treino de empatia, assistir documentários). Por fim, a liberação social refere-se a adoção de alternativas de comportamentos que não sejam problemáticos e que estejam disponíveis na sociedade (ex: defesa de direitos, observar ganhos sociais pela mudança) (Prochaska et al., 1988). Para pessoas que tiveram êxito em suas tentativas de mudança, alívio dramático, aumento da consciência e reavaliação do ambiente foram mais usados entre pré-contemplação e contemplação. Autoreavaliação esteve presente com mais intensidade entre contemplação e preparação. Autoliberação destacou-se na passagem entre preparação e ação. Manejo de reforços, relações de ajuda, liberação social, contracondicionamento e controle de estímulos foram mais acessados entre ação e manutenção (Prochaska et al., 1992).

A terceira dimensão do modelo transteórico é a balança decisória. A análise fatorial de Prochaska et al. (1994) apontou para a existência de apenas dois fatores importantes nesse contexto: prós e contras. Houve três padrões encontrados ao longo da análise de dados advindos da aplicação do modelo a 12 problemas distintos. Para todos os problemas, na pré-contemplação os contras superam os prós. Entre os estágios de pré-contemplação e de contemplação ocorre o aumento dos prós (não necessariamente há diminuição dos contra). No estágio de ação, os prós superam os contras para todos os problemas estudados, sendo que o ponto em que essa relação se dá ocorre nas fases de contemplação ou de preparação (Prochaska et al., 1994). Por fim, a quarta dimensão do modelo, a autoeficácia - conceito que se refere ao

quanto uma pessoa se avalia capaz de chegar a um fim - relaciona-se com a capacidade de prevenir recaídas e adotar estratégias para tanto (DiClemente, 1981).

Alguns estudos se debruçaram sobre a aplicação desse modelo ao término de relacionamentos violentos nas últimas décadas. As características dos estágios de mudança do Modelo aplicado à violência por parceiro íntimo (Anderson, 2003; Burke, J.G., Gielen, A.C., McDonnel, K.A., O'Campo, P., Maman, S., 2001) foram exploradas, tendo-se encontrado correspondência com os estágios descritos por Prochaska et al. (1992). Algumas observações na aplicação aos relacionamentos violentos são feitas pelas autoras no estágio de pré-contemplação quando, além da característica já conhecida da falta de consciência do abuso como um problema, o uso de racionalização, minimização e negação também foram verificados (Anderson, 2003; Burke et al., 2001). As especificidades relativas à dimensão da relação na aplicação do modelo, no entanto, foram somente tangenciadas nesses estudos.

Os processos de mudança também foram foco de interesse de pesquisas qualitativas (Anderson, 2003; Murta, Ramos & Parada, 2017). Os resultados de dois estudos estão sumarizados na Tabela 3.1.

Tabela 3.1. *Síntese de resultados de estudos qualitativos que investigaram processos de mudança.*

	Pré-contemplação p/ Contemplação	Da Contemplação para Preparação	Da Preparação para Ação	Da Ação para Manutenção
Anderson (2003)	Esperança de mudança (sem ações) Aumento de consciência (Busca de Informações, pensar sobre o problema, ouvir outras pessoas)	Auto-reavaliação (rever escolhas, atribuir responsabilidades) Alívio Dramático (acessar emoções, encontrar apoio) Liberação Social (conhecer direitos das mulheres) Reavaliação Ambiental (perceber que não é só um problema individual) Relações de ajuda	Autoliberação (afirmar a própria capacidade de fazer mudanças) Manejo de reforços (perceber ganhos a partir da separação) Controle de estímulo e contracondicionamento (ver a própria foto com marcas de agressão)	Não houve processos novos. Mudança se baseou na consistência dos processos nos estágios anteriores. Estratégias: grupos de ajuda mútua, estabelecer novas relações não abusivas, manter o sentimento de felicidade e auto-estima.
Murta, Ramos & Parada (2017)	Auto-observação Suporte social Autocuidado Episódio mais grave de violência	Auto-observação Suporte social Autocuidado Busca de informações Teste de soluções Avaliação de risco para terceiros	Auto-observação Suporte social Autocuidado Término Análise de riscos e benefícios Assertividade	Dedicar-se a necessidades negligenciadas Análise de prejuízos e ganhos Autovalorização Novos interesses Suporte Social

Controle de estímulos

Regulação das
emoções
EmpoderamentoAcessar emoções negativas
sobre a forma de se
relacionar.
Manejo de situações de
risco em relações futuras.

No que tange aos estudos quantitativos, a aplicação do Modelo ao término de relações violentas permitiu a inserção da dimensão processual do fenômeno. As variáveis para as quais se encontrou relação com o avanço entre os estágios de mudança foram normas subjetivas, comprometimento (Shorey et al., 2013), sentimento de raiva, atribuição de responsabilidade ao parceiro (Shurman e Rodriguez, 2006) e idade (Alexander et al., 2009). Não houve relação entre características da violência, e satisfação com suporte social (Alexander et al., 2009). Os resultados para estilo de apego foram inconsistentes (Shurman e Rodrigues, 2006; Alexander et al. 2009).

Entre os estudos que exploraram o término de relacionamentos violentos à luz do Modelo Transteórico de Mudanças, portanto, restam sem resposta a questão proposta por Brown sobre como inserir a dimensão relacional do fenômeno – não apenas como contexto, mas como o próprio foco da mudança - na aplicação do Modelo. Ainda no que concerne a essa aplicação, a admissão de desfechos do processo de mudança que compreendam a continuidade da relação - não apenas o término – resta sem propostas baseadas em evidências científicas. Ainda, há escassez de estudos que tenham se debruçado sobre as características dos estágios de mudança aplicados ao término de relacionamentos violentos, sendo que os únicos estudos nacionais encontrados nesse tema, tiveram como foco as estratégias para avanço entre os estágios, restando essa, também, como uma lacuna. Por fim, as dimensões da balança decisória e da autoeficácia seguem sem propostas de aplicação.

Dessa forma, essa pesquisa teve como objetivo compreender os processos de término de namoros violentos analisando a maneira como as pessoas vivenciam cada estágio de

mudança e quais as estratégias adotadas e as características do contexto e da relação que atuam como barreiras ou facilitadores do avanço entre eles.

Método

Esse estudo fez parte de um estudo mais amplo que investigou tanto o processo de término quanto o de transição para novas relações. Os participantes foram recrutados através do método bola de neve. Enviaram-se e-mails e mensagens via aplicativo de celular com a descrição do perfil de interesse: pessoas que já tivessem terminado relacionamentos de namoro violentos. O critério para definir relação de namoro, portanto, limitou-se à identificação dessa condição pela (o) própria participante. Dezesete pessoas fizeram contato manifestando interesse. Dessas, dez deixaram de participar por terem interrompido o contato ou por residirem em cidade distinta da que ocorreu o estudo. Sete pessoas, cujos dados sociodemográficos são apresentados na Tabela 3.2, participaram da pesquisa.

Tabela 3.2. *Características sociodemográficas das(o) participantes.*

Nome	Marília	Isabel	Júlia	Inês	Bárbara	Gabriel	Carla
Idade	23	22	25	29	25	25	18
Sexo	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Masculino	Feminino
Raça/cor	Branca	Branca	Branca	Parda	Branca	Pardo	Parda
Orientação Sexual	Bissexual	Hetero	Hetero	Hetero	Hetero	Hetero	Bissexual
Classe Social ^a	C	C	B	C	A	B	- ^b
Renda individual	R\$3.000,00	Sem renda	Sem renda	R\$3.000,00	Sem renda	R\$1.000,00	Sem renda
Ocupação	Estudante	Estudante	Estudante	Advogada	Economista	Psicólogo	Estudante
Escolaridade	Sup. Inc.	Sup.Inc.	Sup.Inc.	Pós-grad.	Sup. Comp.	Sup. Comp.	Sup. Inc.
No de relações violentas	2	1	4	4	3	1	1
Idades nos namoros violentos	17-18 e 20-23	15-19	15-19	20 -29	14 - 22	22 - 25	15 – 18
Tempo desde o término do último namoro violento	2 meses	3 anos	5 anos	1 mês	3 anos	6 meses	6 meses

a. Classe social da família de origem segundo a classificação do IBGE.

b. Dado perdido.

Procedimentos

Realizaram-se três entrevistas piloto visando testar a adequação do roteiro, das técnicas de entrevista e dos procedimentos, a partir das quais se definiu o método aqui apresentado. Utilizou-se roteiro de entrevista semiestruturado (Anexo B), que teve como base a técnica de entrevista narrativa (Jovchelovitch & Bauer, 2000), que envolve cinco fases: preparação, iniciação, narração central, fase de perguntas e encerramento.

A fase de preparação se dá antes da entrevista e consiste no contato prolongado com o campo a ser investigado. Nesse momento, traçam-se questões exmanentes – aquelas de interesse do pesquisador – que devem ser transformadas em questões imanentes – os temas, tópicos e relatos de acontecimentos que surgem durante a narração (Jovchelovitch & Bauer, 2000). Para essa pesquisa, isso ocorreu em um serviço psicossocial de assessoramento no qual são atendidos casais e ex-casais que estão envolvidos em processos de violência doméstica contra a mulher, no qual a pesquisadora atua. Nesse sentido, o contato cotidiano com o campo permitiu maior profundidade de compreensão do fenômeno, além da identificação de perguntas que propiciassem a narração das circunstâncias e processos presentes no avanço em direção ao término de uma relação violenta que subsidiaram a construção do roteiro de entrevista.

Na iniciação, primeiro momento da entrevista em si mesma, apresenta-se o contexto da investigação ao participante e explica-se o procedimento da Entrevista Narrativa (Jovchelovitch & Bauer, 2000). Nesse estudo, após esclarecimento acerca do foco de interesse, as participantes eram convidadas a fazer uma linha do tempo com todos os relacionamentos de namoro ou outros relacionamentos íntimos que tivessem sido significativos. Em seguida, se lhes pedia que contassem de forma resumida a história desses relacionamentos e, a partir daí, que identificassem em qual ou em quais relacionamentos houve experiência de violência. Na sequência, solicitava-se às participantes que construíssem nova linha do tempo abarcando o

relacionamento violento mais significativo e uma outra relação (podendo essa ser violenta ou saudável, nos casos em que isso havia ocorrido).

A fase seguinte, narração central, é quando se convida o participante a narrar a história. Nesse momento não deve haver interrupções e o papel do entrevistador é de encorajar a fala através de signos não verbais (Jovchelovitch & Bauer, 2000). No caso dessa investigação, pedia-se às participantes que contassem a história do primeiro relacionamento, a história do período entre eles e a história do segundo relacionamento.

A quarta fase, a de questionamentos, se inicia quando o participante conclui seu relato espontâneo. Não devem ser feitas questões que estimulem julgamentos ou apontem contradições, o que se busca são complementações sobre o relato naqueles pontos em que se quer aprofundar (Jovchelovitch & Bauer, 2000). Para esse estudo, o roteiro semiestruturado (Anexo B) foi construído de forma a possibilitar que a entrevistadora assinalasse as questões já abordadas. Para as que não houvessem sido relatadas, perguntas na forma de estímulo à narração de situações ou períodos específicos eram acrescentadas.

Por fim, na fala conclusiva – última fase – perguntas do tipo “por quê” podem ser feitas (Jovchelovitch & Bauer, 2000). As entrevistas foram conduzidas em salas de um centro de atendimento da Universidade ou em salas cedidas em prédios destinados a oferta de serviços públicos direcionados a pessoas com experiência de violência em relacionamentos íntimos.

Análise dos dados

Esse estudo utilizou-se de análise temática (Braun & Clarke, 2006). As entrevistas foram transcritas pela pesquisadora e por assistentes de pesquisa. Na etapa seguinte, realizou-se leitura livre do material transcrito para maior familiaridade com os relatos, anotando-se direcionamentos gerais para análise. Posteriormente, os trechos do relato foram categorizados entre processo de construção das relações, processo de término das relações e processo de

transição entre as relações. O processo de término, objeto desse artigo, foi categorizado a partir dos estágios do Modelo Transteórico de Mudanças: pré-contemplação, contemplação, preparação, ação e manutenção. Para a análise dos avanços entre eles, três categorias foram identificadas: esfera pessoal, características do contexto, acontecimentos na relação. Barreiras e facilitadores dessas três categorias foram identificados. A figura 3.1 sintetiza o modelo de análise temática adotado, conjugando as categorias estágios de mudança para o término com as categorias do avanço nessa direção.

Figura 3.1. *Modelo adotado para análise temática dos dados*

Término: estágios de mudança					
Avanço rumo ao término	Pré- contemplação	Contemplação	Preparação	Ação	Manutenção
	Esfera pessoal: barreiras e facilitadores				
	Características do Contexto: barreiras e facilitadores				
	Acontecimentos da relação: barreiras e facilitadores				

Cuidados Éticos

Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília (Protocolo 57966016.0.0000.5558). Além das garantias previstas pela Resolução CNS 466/12, devidamente apresentadas no TCLE (Anexo C), foram disponibilizadas informações acerca da rede de atendimento pública e privada e ofereceu-se a possibilidade de encontro adicional para tratar de eventuais desconfortos emocionais que o procedimento de pesquisa viesse a desencadear.

Resultados e Discussão

Estágios do Modelo Transteórico de Mudanças

Pré-contemplação e Contemplação

Os dados apontaram para algumas peculiaridades na aplicação do Modelo aos relacionamentos violentos. Para os casos estudados, a violência teve início ainda nos primeiros

meses de relacionamento. A referência ao terceiro mês foi uma característica comum às participantes, mesmo entre aquelas que não souberam precisar um episódio específico, mas que apontavam um período no qual as agressões haviam começado.

Entre o início da violência e a percepção da relação enquanto tal, há um longo curso de tempo no qual as narrativas apresentam a existência de sofrimento e de percepção difusos de que algo está errado, mas sem que a pessoa consiga acessar bem as emoções ou aumentar a consciência sobre o problema da violência. Esses sentimentos difusos são acompanhados por questionamentos constantes sobre a existência de agressões e práticas abusivas no relacionamento. No entanto, à essa percepção seguem-se minimizações ou negações do que se está questionando através da autculpabilização pelos problemas, da atribuição do sofrimento a outras causas, da desqualificação dos próprios sentimentos e percepções ou do peso dado às qualidades do parceiro. Em suma, há um incômodo difuso acerca da relação, todavia, tal incômodo não é nomeado. O relato de Marília evidencia isto:

Marília (sobre primeira relação violenta): “Eu percebia que tinha sido um relacionamento ruim, mas só depois que eu fui perceber as violências” [sobre segunda relação violenta]: “Quando eu estava com ele, antes de trabalhar com relacionamentos violentos, eu percebia coisas que eu pensava ‘nossa, eu acho que eu to num relacionamento abusivo’. Mas aí eu pensava assim ‘Não, não deve ser, porque eu to deprimida, eu to...’ aquele gaslihgting ‘ eu devo estar louca, sei lá’. (...) eu perguntava isso, mas sempre me calava: ‘Não, não é isso...’”.

Esses questionamentos sobre a própria relação ganham força em circunstâncias distintas que serão descritas adiante para cada participante. Nesse ponto, as percepções que anteriormente eram difusas e marcadas pela negação e minimização, passam a ser validadas, assim como os sentimentos relativos ao namoro. A pessoa para de recorrer a minimizações e negações, sendo afirmativa no que está percebendo. Nesse ponto, algum tipo de mudança no

contexto ou na relação (mudança nas características da violência ou na qualidade da relação) favoreceu o avanço entre pré-contemplação e contemplação.

Carla: “Eu já não tava mais feliz com esse relacionamento, eu tava vendo que isso não tava mais dando certo pra minha vida que não tava me trazendo coisas tão positivas. Ele poderia me proporcionar todo nível material, mas, não era só isso. E aí eu fui vendo as situações de ciúmes, foi nesse período que eu também entrei na Universidade e minha cabeça foi abrindo, foi se expandindo e aí eu comecei a perceber que algumas coisas erradas estavam acontecendo, que ele sempre falava quando a gente saía: “Nossa, tem um homem te olhando”, (...) [quando um homem a abordou] ao invés dele enfrentar aquela situação e falar, “o que é que tá acontecendo aqui?”, ele já veio me culpabilizar: “Por quê que você deu espaço pra essa pessoa?”. Outra situação também, foi a partir do momento que eu assumi meu cabelo, antigamente eu alisava meu cabelo, não assumia meu cabelo afro, e eu vi que pra ele foi uma coisa, assim, muito estrondosa, ele mesmo não elogiava e começou a ficar totalmente a parte, e eu falei: ‘eu não quero mais isso pra minha vida, não quero isso pra minha vida’”.

Esses dados sugerem que, no caso dos relacionamentos violentos, a pré-contemplação não é caracterizada exatamente pela falta de percepção da existência de um problema. O que ocorre, para as participantes, não é um período em que essa questão passa totalmente despercebida, mas sim, a existência de sofrimento, insatisfação e percepções difusas, pouco claras e não validadas pela própria pessoa, o que ocorre através da minimização e da negação. Essas, portanto, despontam como características importantes na descrição do estágio de pré-contemplação para os namoros violentos.

A contemplação, por sua vez, é caracterizada pela consolidação da percepção de que se está em uma relação violenta. Nesse momento, as percepções que anteriormente eram difusas e marcadas pela negação e minimização, passam a ser validadas, assim como os sentimentos

relativos ao namoro. Diante disso, a pessoa passa a ser afirmativa no que está percebendo e a considerar a violência como um problema que precisa ser solucionado.

Preparação

Seguida à identificação consistente do problema da violência na relação, as participantes fizeram tentativas de mudanças em algum grau antes de buscar o término, ainda que em alguns casos essas tentativas tenham durado curto período de tempo. O período em que houve tentativas de mudança dentro da própria relação variou de aproximadamente duas semanas a cerca de um ano e meio para as(os) participantes.

Inês: “’Eu acho que é a bebida que transforma ele porque tudo que aconteceu com a gente foi com bebida.’ Então eu passei a tentar fazer programa sem bebida, só que ele passou a me xingar sem beber.” (...) “Eu sempre tentava me impor pra ver se ele parava com isso, né, porque até então eu tava muito quietinha, assustada”. (...)*“Eu não fazia nada, eu não saía com os amigos, eu parei, cortei tudo. Saí da academia. A minha outra pós-graduação eu fiz on line porque ele dizia que isso era só pra beber.” (...)* “Mostrar pra ele que ‘olha, eu to aqui com você pra o que você precisar de mim, não precisa... eu sei o que eu quero. A gente pode construir junto’, só que tudo o que eu fazia pra ele era pouco e eu sempre vivia com o nome de puta, pra ele era isso.”

A decisão do término veio principalmente diante de duas condições: a primeira, quando o parceiro não respondeu bem às tentativas, ignorando os esforços ou descumprindo os acordos; a segunda, quando, ainda que tenha havido resposta positiva, ela não tenha sido suficientemente satisfatória e, ao mesmo tempo, o sentimento pelo parceiro já se houvesse esvaído. Em um dos casos, em que não houve estágio de contemplação, a preparação para o término se deu a partir do momento em que o parceiro deixou de ser atencioso com ela. A partir daí, cada participante começou a se preparar para o término. Esse período apresentou características bem específicas a cada relação - todas tangenciando a balança decisória através

da redução de contras (resolução de situações que constituíam barreiras) e aumento dos prós - incluindo a preparação do parceiro para esse desfecho, a saída do isolamento ou das restrições sociais que prendiam na relação, o fortalecimento emocional (através de terapia e outras práticas de auto-cuidado) para conseguir tomar a atitude de terminar, o abandono paulatino dos sentimentos que prendiam na relação e de coisas que remetiam a ela (inclusive objetos), a busca de tratamento para quadros associados à violência (depressão, insônia), o estabelecimento de prazos ou contingências.

Bárbara: Eu acho que foi um conjunto de decisões [que permitiram chegar ao término]. Primeiro a privação de sono. (...) eu não procurei resolver o problema que eu tava: a tristeza. Foi dormir. Eu fui atrás do médico pra tentar dormir. Aí ele foi tentando conversar comigo... pediu pra eu relatar a situação. (...)” (...) “Tirar as coisas que me envolviam (...) até borrachinha que ele tinha me dado eu tirei, porque aquilo ali tava me remetendo muito àquela pessoa. Na hora que eu tirei aquilo da minha frente... parecia uma cortina, assim, ao meu redor... (...) na hora que eu fui tirando aquelas coisas parece que eu tava, assim, cavando um buraco e começando a ver a luz. (...). Esvaziei meu apartamento e ele se encheu. Parece que entrou a vida, assim.” (...) “O dia que eu tava muito ruim, antes de acordar, antes de abrir o olho, eu começava a agradecer pelas coisas que eu tinha.” (...) “Outra coisa: a oração.” “Não tava falando com as minhas amigas. Eu tinha começado a falar com elas de novo. Tinha pesadelos horríveis que elas não iam querer falar comigo, mas elas foram me recebendo.”

Nesse sentido, o estágio de preparação envolveu as tentativas de mudança dentro da própria relação no primeiro momento. Diante da insatisfação com os resultados dessa tentativa, teve início a preparação para o término. Em alguns casos, esses dois momentos da preparação se sobrepuseram por algum período.

Ação

O estágio de ação, pelo próprio viés de seleção dos participantes, foi caracterizado pela efetivação do término da relação, não tendo havido casos em que a superação se deu através de mudanças dentro da mesma relação. Em alguns dos casos, houve termos anteriores ao derradeiro que duraram entre duas semanas e três meses com recaída posterior nas quais o retorno foi para os estágios de contemplação ou preparação. Termos cuja retomada ocorreu no mesmo dia ou no dia seguinte não foram considerados como parte do estágio de ação, mas sim de preparação.

Em cinco casos, houve episódios de violência após o término da relação nas primeiras semanas que se seguiram. O rompimento total de qualquer tipo de relação e do contato, o que em alguns casos ocorreu com a ajuda da rede de suporte, favoreceu o fim da violência após o término. No caso de Gabriel, não houve violência após o término. No de Júlia, a violência ainda se estendeu por quase seis meses. Houve busca de ajuda policial – sem registro de ocorrência em razão de violência institucional – e as agressões só tiveram fim após a intervenção do pai dela, que contactou a mãe dele e foi assertivo quanto a recorrer à esfera judicial diante de qualquer situação nova. Diante disso, à exceção de Julia, para todos os participantes a violência se encerrou no período de ação, contudo não no momento do término para a maioria.

Júlia: “minha mãe pegou uma champanhe que tinha lá em casa abrindo e disse ‘Julia, esse brinde é pra selar o término desse namoro, chega! Eu tremia de medo! (...) aí a gente brindou, compramos a passagem no dia seguinte de manhã pra eu passar dois meses em outra cidade porque estava nas férias. Minha mãe fez um acordo comigo que eu precisava me afastar dele, fosse o que fosse (...) troquei meu telefone quando voltei... isso, eu fui com o mesmo celular e aí ele mandava zilhões de mensagens, no começo era de te odeio de tudo quanto é jeito que você imaginar (...) aí ele começou a entrar em uma outra técnica que era eu te amo de todas as formas possíveis e imagináveis e depois a outra que ele mandava mensagens todos

os dias contando da vida dele (...) quando meu celular tocava eu tremia. Me fazia mal, eu amava ele querendo ou não. (...) [após episódio de perseguição] meu pai ligou [para a mãe dele] e falou assim ‘seu filho continua fazendo isso, isso e isso. A gente foi na delegacia da mulher, já sabemos que a gente tem o direito de entrar com uma lei, agora, assim, no próximo passo que ele der em relação à minha filha, a gente entra. Seja de eu te amo ou eu te odeio, a gente vai entrar’, e aí eu acho que aquilo foi o limite que os pais deram.”

Marília: “esse dia [em que houve episódio de violência após o término] eu quase fui internada mesmo. Fui no psiquiatra, estava em crise, eu chorava: ‘Eu não sei mais o que fazer, não sei mais lidar com isso’. Ele falou ‘calma, não é o caso de internação’. (...) mas ele chegou a fazer o encaminhamento, botou o CID lá, ‘por conflitos graves com o ex companheiro’. (...) Então eu cheguei num nível e falei ‘meu deus! Eu não posso ter essa pessoa na minha vida, ela é muito tóxica pra mim.” E aí foi quando eu decidi ‘ah, vou cortar de vez mesmo e não quero falar, não quero’”.

Manutenção

O período de manutenção teve como característica a permanência fora da relação. Foi também um período de expansão ou de retomada de experiências, vínculos e atividades.

Gabriel: “Acho que foi insistência. Pensei: ‘não, agora vou tomar um caminho diferente’. Então realmente foi a insistência, todos os dias tentar fazer alguma coisa diferente. Terapia ajudou (...) Foi conturbado porque eu tinha que lutar comigo mesmo pra não procurar, fazer um esforço pra me manter naquele luto (...) não tentar ficar resgatando uma coisa quebrada, que não funciona, só pra tentar fugir do sentimento. Depois que eu aceitei isso, ok. Um, dois, três dias, três meses, seis meses e ok. (...) Eu tive muito a questão de sair com os amigos, ver filme loucamente, sair de casa, o comum... Comer compulsivamente. (...) Hoje eu tenho a consciência de que relacionamentos abusivos são vias de mão dupla, a coisa nunca é unilateralmente abusiva. (...) Então foi aí que eu revi as minhas culpas e os meus

erros, pedi desculpas por isso aqui... coisas pontuais que eu sabia que tinha acontecido, não por tudo na relação, e dela nunca ouvi uma desculpa, nunca ouvi um obrigado, nem nada.”

Isabel: “Eu comecei o grupo de dança, que foi até onde eu conheci o Fernando depois. Procurei meditação, procurei ioga, procurei, sabe, coisas, assim, que eram motivos pra eu fortalecer a mim mesma”.

Processos de mudança

A tabela 3.3 apresenta as estratégias adotadas, os aspectos do relacionamento e os aspectos do contexto que funcionaram como barreiras ou facilitadores para o avanço nos estágios rumo ao término da relação para cada participante. As recaídas foram comuns nos casos estudados, sendo que os aprendizados de cada tentativa foram importantes para o avanço em todos os casos.

No avanço entre todos os estágios, aspectos da relação, do contexto e pessoais atuaram tanto como barreiras como enquanto facilitadores. As mudanças contextuais favorecedoras, em geral, proporcionaram ampliação de modelos, acesso a novas ideias ou a informações sobre relações abusivas, o que impactou ou catalisou as estratégias que cada pessoa vinha adotando. Ter apoio social adequado foi um aspecto contextual fundamental para o avanço entre os estágios, seja no que concerne aos processos de aumento de consciência (conversar sobre o problema, ouvir de uma amiga do parceiro que ela percebia a violência), de autoliberação (através de encorajamento) de alívio dramático (ter apoio para acessar emoções) ou de relações de ajuda (na resolução de barreiras de ordem prática ou ajudando com distrações e lazer). Todos esses fatores contextuais incidiram na balança decisória, reduzindo contras ou aumentando prós. Por exemplo, ampliar atividades, ter experiências e momentos bons com amigos que não ocorriam antes aumentou os prós do término. Por outro lado, o isolamento social foi marcadamente o fator contextual que consistiu na principal barreira, cerceando o acesso a

vários processos de mudança (não só relações de ajuda). Tal condição decorreu da violência na relação, mas também de decisões individuais motivadas pela vergonha ou por intervenções inadequadas. Vale mencionar o caso de Inês, cuja rede de apoio contava com normas sociais culpabilizadoras da mulher em situação de violência e que acreditava que seria recriminada caso compartilhasse o que estava vivendo. Essa participante permaneceu em completo isolamento social, tendo revelado sua história pela primeira vez no contexto dessa pesquisa.

Outra barreira contextual digna de nota consistiu no estímulo da mãe para a retomada da relação, o que ocorreu em dois casos, Carla e Isabel, cujos namoros terminaram quando elas tinham 18 e 19 anos, respectivamente. Nas duas situações, as formas de violência contavam com graus consideráveis de aceitação social, consistindo em controle dos espaços que podia frequentar e das amizades, cerceamento da liberdade e censura a comportamentos (especialmente aqueles que feriam estereótipos de gênero). Isabel avalia que o receio da necessidade de monitorar a filha em nova fase da vida em que ela teria mais autonomia, faria novas amizades e sairia sozinha em contraste com o período de namoro, em que ela tinha poucas amizades e passava a maior parte do tempo em casa, influenciou o estímulo da mãe pela retomada. Essas situações destacam a necessidade da sensibilização dos pais de adolescentes acerca da violência no namoro.

Na esfera da relação, os facilitadores mais comuns foram a ocorrência de formas de violência mais explícitas ou mais severas e a falta de mudança por parte do parceiro. O primeiro tipo de situação foi especialmente favorecedor da passagem entre pré-contemplação e contemplação e pareceu atuar na redução do uso de negação e de minimização, que se tornaram insustentáveis diante de formas mais evidentes de violência. A inexistência de mudança do quadro incidiu especialmente na autorreavaliação, diante da constatação de que a permanência era insustentável com o sentimento de paz e felicidade. Esse aspecto assumiu maior peso a

partir do estágio de preparação, especificamente à medida que começa a haver preparação para o término.

As principais barreiras na esfera da relação referiram-se à ponderação e afeto relativo aos aspectos positivos da relação e à suscitação de culpa pelo parceiro. Nas relações em que essa foi a barreira mais forte, observou-se a existência de padrão característico do Ciclo da Violência (Walker, 1979), em que seguido a um episódio de violência mais explícita, ocorre período de compensação pela ofensa, com promessas de mudança - chamado Lua de Mel - seguido de novo período de aumento da tensão que culmina em nova agressão. Sobre suscitar culpa, essa foi uma forma de violência psicológica grave que teve como efeito prolongar a relação. Consistiu em eliciar culpa e cobrar dívida – que deveria ser paga com a leniência diante das agressões ou com a permanência na relação - por cuidados oferecidos anteriormente ou por faltas cometidas anteriormente (como traição, por exemplo, ainda que posteriormente se descobrisse que o parceiro também havia traído). A forma de atuação dessa barreira parece seguir mecanismos semelhantes ao sugerido por Alexander et al. (2009), que encontraram que a reciprocidade da violência retardou o avanço nos estágios de mudança. Aparentemente, ao menos entre alguns casais, a relação assemelha-se a um registro contábil, em que ofensas ou cuidado geram uma dívida a ser paga com direito ou dever de compensação – não de reparação – pelo outro, o que fortalece os vínculos a despeito da gravidade do sofrimento ou dos sentimentos suscitados pela relação. Estudos futuros poderão esclarecer a atuação da culpa e da reciprocidade na manutenção de vínculos.

Na dimensão pessoal, as estratégias adotadas para avançar entre os estágios foram variadas e podem ser classificadas de acordo com os processos de mudança propostos por Prochaska et al (1994). Entre pré-contemplação e contemplação, aumento da consciência (ex: ler sobre o assunto, confirmar percepções com ajuda de outras pessoas) e alívio dramático (ex: acessar e validar sofrimento advindo da relação) foram os principais processos. Entre

contemplação e preparação, autorreavaliação (ex: ponderar como os problemas da relação afetam a vida), relações de ajuda (ex: conversar com amigos sobre os problemas) e aumento de consciência foram utilizados com mais intensidade. Na passagem da preparação para mudança para a preparação para o término, os processos do estágio anterior, somados à reavaliação do ambiente (perceber que, a despeito de qualquer esforço, não há mudança) foram os mais presentes. Entre a preparação para o término e sua efetivação (ação) recorreu-se a autoliberação (ex: permitir-se terminar), relações de ajuda (ex: suporte emocional para si e para o parceiro, fortalecer amizades), manejo de reforços (ex: estabelecer para si data limite para tomar a atitude do término) e controle de estímulos (ex: olhar marca roxa no espelho). Para o avanço entre ação e manutenção, os principais processos foram contracondicionamento (ex: pensar em como se sentia com ele e como se sente sem ele quando sente saudade), controle de estímulos (ex: mudar de telefone), relações de ajuda (ex: distrair-se com amigos, apoio emocional, apoio para rompimento total do contato), reavaliação ambiental (perceber ganhos em outros campos da vida), e liberação social (expandir experiências que antes não podia ter por restrição do parceiro). O uso de processos de mudança não seguiu o mesmo padrão apontado por Prochaska et al. (1992). Ressalta-se, no entanto, que esses autores afirmam que todos os processos podem ser usados em todos os estágios, o que se altera é a frequência com que se recorre a cada um deles. Os resultados não permitem avaliar se a intensidade no uso de cada processo se assemelha àquela apontada por Prochaska et al. (1992) no caso dos relacionamentos violentos uma vez que recorreu-se à narração das estratégias, não tendo sido acessada a frequência de seu uso.

Por fim, a principal barreira encontrada na dimensão pessoal referiu-se a uma barreira desenvolvimental: as dificuldades intrínsecas ao período de adolescência, seja no que tange à escassez de habilidades diante da falta de experiências ou no amadurecimento emocional que permita acessar sentimentos, compreendê-los e lidar com eles. Isabel, por exemplo, relata como

o fato de não saber como terminar fez com que a relação se estendesse por alguns meses a mais ou como ela não sabe explicar porque simplesmente não conseguia se colocar - dizer ao namorado o que queria, como se sentia – sentindo-se travada diante do namorado, que tinha 21 anos quando ela contava com 15. Carla, por sua vez, tinha dificuldade em entender o que sentia, uma vez que, por um lado, achava que já não o amava e, por outro, sentia-se animada com as experiências diferentes que ele, que tinha 27 anos quando ela tinha 17, lhe proporcionava. Para além da barreira desenvolvimental, lidar com os sentimentos (medo, tristeza, saudade, culpa) e compreender que a empatia não pode gerar leniência foi um aspecto que precisou ser ultrapassado pelos participantes.

Tabela 3.3. *Barreiras e facilitadores para o avanço nos estágios de mudança na esfera pessoal, da relação e do contexto.*

	De Pré-contemplação para Contemplação	De cont. para Prep. para mudanças na relação	De prep. para mudanças para Prep. p/ término	De preparação para ação	De ação para Manutenção	
Pessoal	Barreiras	<p>Quadro Depressivo</p> <p>Período de desenvolvimento: adolescência.</p>	<p>Adolescência.</p> <p>Empatia: compreender que a outra pessoa está sofrendo e achar que precisa ajudar.</p> <p>Quadro depressivo.</p> <p>Sensação de que pode administrar os riscos.</p>	<p>Adolescência</p> <p>Empatia: compreender que a outra pessoa está sofrendo e achar que precisa ajuda-la.</p> <p>Quadro depressivo.</p>	<p>Adolescência.</p> <p>Culpa: terminar em um momento difícil da vida dele.</p> <p>Vergonha de que os outros saibam.</p>	<p>Adolescência</p> <p>Preocupação com o bem-estar da outra pessoa e culpa.</p> <p>Estresse pós-traumático.</p> <p>Vergonha de que os outros saibam.</p> <p>Medo.</p> <p>Saudade.</p>
	Facilitadores	<p>Tratamento para depressão ou insônia.</p> <p>Mais compartilhamento das percepções com amigas.</p> <p>Valida observações e sentimentos que antes eram difusos.</p> <p>Perceber que a parceira ignora suas necessidades.</p> <p>Ler sobre relacionamentos abusivos na internet.</p> <p>Perceber incongruências entre o que ele diz e o que ele faz.</p>	<p>Passa a ser gradualmente mais firme em suas decisões sobre não se submeter.</p> <p>Perceber que o abuso ocorre em outras relações.</p> <p>Melhora gradual dos sintomas depressivos.</p> <p>Busca apoio com amigos.</p> <p>Terapia.</p>	<p>Perceber que a despeito de todas as tentativas, a outra pessoa não muda.</p> <p>Melhora gradual dos sintomas depressivos.</p> <p>Terapia.</p>	<p>Faz planos aguardando que ele termine período difícil de sua vida.</p> <p>Começa a acostumá-lo à ideia do término.</p> <p>Avalia o sofrimento como insustentável.</p> <p>Aciona rede de suporte dele.</p> <p>Aciona a própria rede de suporte.</p> <p>Mantém validação das percepções sobre a relação.</p> <p>Fortalece amizades antigas e busca novas.</p> <p>Inicia novas atividades.</p> <p>Autocuidado: yoga e meditação</p> <p>Sente-se infeliz na relação.</p> <p>Percebe os impactos na vida profissional e na saúde.</p> <p>Perceber que até a afinidade sexual havia acabado.</p> <p>Perceber que já não ama o parceiro.</p> <p>Terapia.</p> <p>Ver mais uma marca roxa no corpo.</p>	<p>Observa que contato com ele causa crises depressivas, Compara como se sente estando com e sem ele.</p> <p>Rompe totalmente o contato.</p> <p>Intervenção da rede de suporte para rompimento total.</p> <p>Pede a outras pessoas que ajudem o ex-parceiro.</p> <p>Novas experiências e relações nas quais antes era cerceada por ele.</p> <p>Distrair-se para aguentar a saudade.</p> <p>Suportar o sofrimento, especialmente no início.</p> <p>Suporte emocional dos amigos.</p> <p>Terapia.</p> <p>Olhar marcas roxas no espelho.</p> <p>Ocupar o tempo.</p> <p>Viajar.</p> <p>Mudar de telefone.</p>

		Contexto				
Relação	Barreiras	Isolamento social advindo da violência. Mudança de cidade: fica sem rede de apoio alguma.	Isolamento social.	Isolamento social. Normas subjetivas de que mulher que apanha é vagabunda	Não sabe como terminar. Vínculo com a família dele. Normas subjetivas de que mulher que apanha é vagabunda Medo da rejeição dos amigos.	Mãe dela estimula retomada. Normas subjetivas de que mulher que apanha é vagabunda.
	Facilitadores	Amiga dele diz a ela que acha que ele está em um relacionamento abusivo. Começa a trabalhar com relações violentas. Lê história de relação abusiva e se identifica. Entra na Universidade e tem contato com novas ideias e modelos.	Menos atenção e carinho do parceiro. Ouvir de outra pessoa a incongruência entre o que ele faz e o sentimento de amor.	Amigos ou familiares apóiam o término.	Momento crítico da vida dele chega ao fim. Proximidade do dia dos namorados: não quer troca de presentes. Amigos ou familiares apóiam o término	Ampliação de espaços e grupos de convivência: contato com novas ideias e modelos.
	Barreiras	Violência sutil e velada, disfarçada de preocupação e cuidado. Sentir-se em falta com ele por ter cometido alguma falha. Violência psic.: ele a faz se sentir culpada.	Aspectos positivos da relação: ciclo da violência	Aspectos positivos da relação: ciclo da violência	Ele pede prazos relacionados a dificuldades que está vivenciando.	Ele mantém contato a despeito da vontade dela e a culpa por tê-lo deixado. Ele insiste em retomar.
	Facilitadores	Episódio de violência mais explícita. Menor atenção à relação por parte dele.	Ela exige que ele rompa contato com uma amiga. Ela age de forma abusiva com uma amiga dela.	Ele não cumpre os acordos sobre mudanças. Mesmo havendo mudanças, elas não são suficientes para que ela se sinta feliz. Não importa o que se faça, a outra pessoa não muda. Roxo no olho, onde as pessoas podem ver.	Violências continuam.	Violências continuam e desencadeiam desvinculação emocional.

Condições de vulnerabilidade e suas implicações para o término

Algumas condições de vulnerabilidade tangenciaram o processo de construção e término das relações e o acesso a recursos para enfrentamento das dificuldades. No que se refere a gênero, embora a amostra tenha incluído um homem - Gabriel, que identificou sua relação como caracterizada pela violência recíproca, porém, em sua avaliação, com maior vitimização por parte dele – algumas diferenças são observadas em relação às outras participantes. Em primeiro lugar, o grau de violência perpetrada descrita por Gabriel destoa do nível das queixas da ex-namorada, reproduzidas por ele. A falta de acesso à ex-companheira não permite concluir se esse aspecto sinaliza para a possibilidade de que ele - embora reconheça - subestime o potencial de dano das agressões que praticou ou para a existência, por parte dela, de exigências inalcançáveis, o que se observa com certa frequência em relacionamentos violentos. Ainda, os momentos desenvolvimentais muito distintos entre os dois no início do relacionamento, em que ela tinha 18 anos e ele 23, deve ser considerado como um fator vulnerabilizante para a violência. Essas observações não invalidam o sofrimento narrado pelo participante diante da violência sofrida, tampouco implicam em que as agressões de mulheres contra homens devam ser desconsideradas ou minimizadas ao tratar da dinâmica de relações violentas, especialmente quando se pensa nas possibilidades de solução para esse problema. No entanto, elas apontam para o fato de que, independente da direcionalidade da violência – se do homem contra a mulher, da mulher contra o homem ou recíproca -, não cabe falar em equivalência ou simetria entre esses fenômenos. Algumas participantes mulheres também descreveram situações em que houve violências recíprocas, essas, no entanto, estiveram frequentemente relacionadas ao teste de soluções característico da fase de preparação com foco nas mudanças na relação.

Sobre as questões de gênero nos processos de término, uma barreira importante para algumas das participantes residiu na existência de pessoas da rede de suporte cujas normas sociais eram contrárias ao fim da relação, que colocavam em cheque suas percepções ou que as culpabilizavam - e até mesmo romperam a amizade - pela incapacidade de terminar o relacionamento. Inês, por exemplo, tinha suas percepções sobre a atribuição de responsabilidade pela violência ao parceiro frequentemente desqualificadas por amigos e amigas do ex-companheiro que lhe diziam que ela possivelmente estaria provocando reações agressivas nele, que era considerado por todos uma boa pessoa. Júlia ficou socialmente isolada porque suas amigas abordavam-na de forma acusatória por não conseguir terminar a relação, o que em parte se devia à dificuldade emocional em lidar com o sofrimento dela e, em parte, a tendências sociais de culpabilização da mulher pelos desfechos vivenciados em relacionamentos amorosos. Gabriel, por sua vez, não fez qualquer menção a suporte social inadequado por parte de seus amigos ou familiares. Embora ele careça de suporte social familiar, inclusive para outros campos da vida, ele descreveu sua rede de amizades como propícia ao avanço rumo ao término, tendo sido alertado sobretudo pelos amigos sobre os problemas da relação em momentos distintos. As mulheres, à exceção de Inês, também contaram com pessoas que favoreceram o término em suas relações de suporte, no entanto, a ambiguidade de mensagens foi uma característica importante do contexto social próximo a elas que retardou o avanço em direção ao término do namoro. Tais considerações ilustram como a existência de crenças culpabilizadoras da mulher atua como barreira ao avanço entre os estágios. Ainda que muitas pessoas contem com suporte adequado, a ambiguidade de normas sociais acaba por acentuar a ambivalência que já caracteriza esse momento.

No que concerne aos aspectos de raça, tanto Inês como Carla descreveram situações em que foram recriminadas por seus parceiros por assumirem e serem afirmativas quanto a aspectos de sua identidade negra. Vale ressaltar que embora a vivência desse aspecto da

violência racial seja identificada pelas duas, Carla estava imersa em contexto que lhe oferecia suporte e validação quanto às suas percepções sobre as desigualdades nas relações raciais, o que favoreceu a percepção desses episódios como formas de violência, permitindo esse como um fator de avanço entre pré-contemplação e contemplação. No caso de Inês - que não contou com esse tipo de contexto social - no entanto, esse não foi um facilitador, ainda que, após o término, ela fosse capaz de identificar essa forma de violência.

Sobre os aspectos que tangenciam a adolescência como vulnerabilidade, embora a barreira desenvolvimental tenha sido considerada como pertencendo à esfera pessoal nesse estudo diante do fato de que a carência em algumas habilidades está relacionada à maturação, é importante traçar alguns pontos sobre essa como uma barreira do contexto e da relação. No que se refere ao contexto, o apoio dos pais para a permanência na relação nos casos de Carla e Isabel se deu, na leitura delas, por um somatório do receio sobre as filhas passarem a ter mais liberdade, a sair e frequentar lugares diferentes sobre os quais os pais não teriam controle com o fato de os pais considerarem os ex-namorados bons companheiros para suas filhas, evidenciando, em alguns aspectos, o total desconhecimento do que ocorria na relação e, em outros, a naturalização da violência psicológica, especialmente aquela relativa a ciúme, controle, restrição da liberdade e das relações e cerceamento do comportamento. No primeiro ponto, sobre o receio diante da maior liberdade que as filhas passariam a ter, as concepções sociais desqualificadoras da fase de adolescente - tido como momento de rebeldia imotivada - que colocam no indivíduo o peso das dificuldades vivenciadas nessa fase e não favorecem o desenvolvimento de habilidades parentais para oferecer suporte aos filhos para os desafios enfrentados nesse momento da vida, figura como uma barreira contextual importante. As implicações da vivência de contextos com alto índice de violência urbana nessa situação não devem ser ignoradas, resultando em maior grau de preocupação. Ainda, a interseccionalidade com as questões de gênero, em que há maior estímulo à permanência das mulheres no ambiente

do lar, devem ser consideradas. A violência nas famílias de origem não foi acessada, restando como uma pergunta importante para as pesquisas futuras.

No que se refere à fase de adolescência compreendida na esfera da relação, embora as barreiras relacionadas à falta de maturação no desenvolvimento de algumas habilidades (o que a situa como barreira da esfera pessoal) possam ser vivenciadas independente da diferença de idade entre os parceiros, nos casos mencionados de Carla e Isabel, essa discrepância colocava o namorado – já um jovem adulto - em fase distinta do desenvolvimento e com condições absolutamente desiguais de ascendência sobre as participantes, constituindo-se em agravante da violência. Vale enfatizar essa como uma barreira relacional (e não pessoal) uma vez que tal assimetria traz a tônica da responsabilidade para o adulto e não para a adolescente: cabia aos adultos terem consciência das lacunas desenvolvimentais entre eles - respeitando o momento de desenvolvimento das adolescentes e buscando parceiras adultas - ao invés de se utilizarem dessa como uma vantagem na relação.

Conclusões

Os resultados encontrados apontaram para algumas características importantes dos estágios de mudança aplicados ao contexto do término de namoros violentos. O estágio de pré-contemplação é caracterizado pela existência de sofrimento e percepção difusos em relação à violência, podendo haver questionamentos sobre isso, existindo, no entanto, minimização ou negação dessas percepções. A contemplação se dá no momento em que a pessoa se vê afirmativa sobre essas percepções e atribui o sofrimento à relação e à violência. A preparação apresentou duas fases distintas (que podem se sobrepor): preparação direcionada a mudanças na própria relação (com teste de soluções) e a preparação para o término. Nesse ponto, a dimensão da relação se faz presente uma vez que a reação do parceiro tenderá a informar sobre a continuidade do processo. A ação, em razão do viés de seleção, se deu através do término

para todas as participantes. O fim da violência se deu ainda nesse estágio, mas algum tempo após a efetivação do término. A manutenção caracterizou-se pela permanência do término e a expansão de experiências e vínculos sociais.

Assim como em pesquisas anteriores (Anderson, 2003; Burke et al., 2001; Murta et al, 2014), o Modelo Transteórico de Mudanças mostrou-se útil tanto à melhor compreensão do fenômeno da superação da violência nos relacionamentos amorosos, como no que tange ao potencial de desenvolvimento de ferramentas de intervenção e pesquisas futuras. Ainda, os dados apresentados trazem elucidação para algumas das lacunas existentes na literatura acerca da aplicabilidade do modelo a essa realidade.

Tais lacunas referem-se, em primeiro lugar, ao fato de a mudança, nesse caso, ter a relação como foco da mudança e não somente como seu contexto. Essa condição traz como desafio a possibilidade de mais de um desfecho: o fim da violência na relação não vem somente com seu término (tampouco essa é condição suficiente para isso), havendo a possibilidade de mudanças na própria relação.

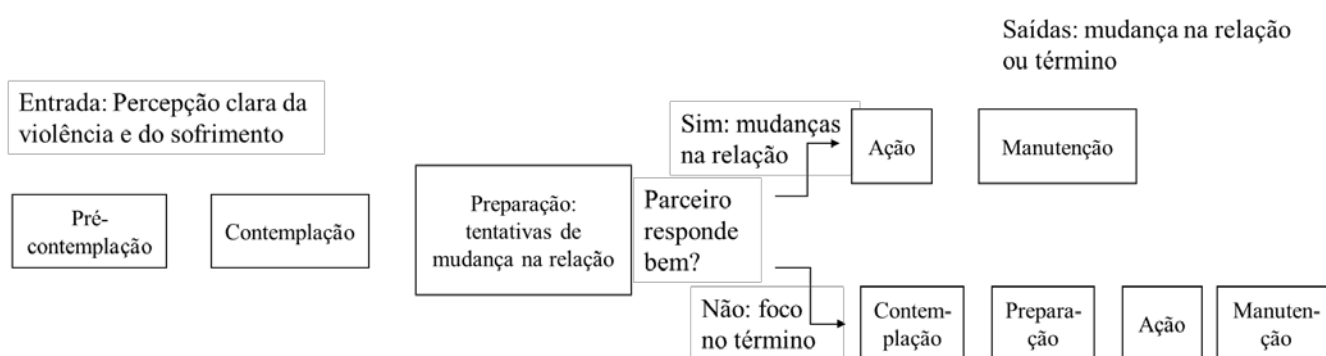
Um primeiro aspecto que os dados evidenciam é que uma aplicação do Modelo Transteórico de Mudanças que seja mais útil não deve se restringir aos processos que apontam somente para a decisão de término e sua efetivação. Para as participantes, o primeiro momento envolve perceber a violência como um problema. O desfecho a ser seguido a partir daí não inclui só o término e limitar a análise ao momento em que se dá a decisão de término empobreceria a compreensão dos casos e tornaria o modelo pouco útil. Para os casos descritos, por exemplo, o período entre a decisão de terminar e o término efetivo durou menos de um quarto do tempo da relação. Sendo assim, pode-se analisar que a entrada no processo de superação da violência se dá através da percepção da relação como violenta de forma consistente, o que vem através da validação de percepções e sentimentos que já apareciam de

forma difusa e inconsistente, sendo minimizados ou negados no período de pré-contemplanção. O desfecho a ser seguido ao longo desse processo, no entanto, dependerá de outros aspectos.

É nesse ponto que a dimensão relacional pode e deve aparecer de forma elucidativa. Por tratar-se de uma relação, a cada decisão e ação tomada por um, o outro também apresenta reações e decisões próprias, o que pode favorecer ou prejudicar o fim da violência seja qual for o desfecho adotado (término ou mudanças na própria relação).

Nessa pesquisa, em razão das próprias características do recrutamento e do interesse em compreender o processo de término, todos os participantes seguiram pelo desfecho do término, motivo pelo qual os processos de mudança cujo desfecho seguido até o fim seja a mudança da relação não puderam ser elucidados. Esclarecimentos sobre o avanço no processo, no entanto, puderam ser feitos. Diante do exposto, a Figura 3.2 apresenta uma proposta de aplicação do Modelo Transteórico de Mudanças que contemple as questões que estão postas na literatura científica no que tange à necessidade de incluir a dimensão da relação e de considerar outros desfechos além do término como alternativas ao fim da violência.

Figura 3.2. *Proposta de aplicação do Modelo Transteórico de Mudanças à superação da violência.*



Nessa proposta, a entrada no processo de mudança se dá via percepção clara da violência na relação, o que caracteriza o estágio de contemplanção. As saídas do processo, no entanto, apresentam duas possibilidades: o término da relação ou mudanças que ocorram dentro

dela. Em todos os casos apresentados, o estágio de preparação se inicia com tentativas de mudança da relação, ainda que, em alguns deles, elas ocorram durante curto período de tempo e que, junto a elas, as dúvidas sobre continuar ou terminar a relação apareçam de forma concomitante. O que definiu os desfechos adotados foram as decisões tomadas a partir da reação do parceiro às tentativas de mudança e o sentimento em relação a ele nesse momento: como a resposta ou foi negativa ou não foi suficientemente satisfatória, a preparação para o término teve lugar. No momento de transição do desfecho direcionado às mudanças na própria relação para o desfecho direcionado ao término, houve casos em que houve recaída à contemplação para a decisão de término e outros em que se seguiu para a preparação direcionada ao término.

Vale ressaltar que o fim da violência não ocorreu exatamente junto à efetivação do término na maioria dos casos, mas somente após o rompimento total do vínculo – sempre com a ajuda de amigos ou familiares - e, em um deles, o aviso à família do ex-parceiro de que, caso as agressões não se encerrassem, a polícia seria acionada. Dessa forma, mesmo quando a ação do término se dá, o fim da violência também depende das decisões e reações do (ex)parceiro.

Sobre as características de cada estágio, ainda, a diferença principal da aplicação do Modelo Transteórico de Mudanças a outros problemas reside nos estágios iniciais. No caso dos relacionamentos violentos, a desconsideração da existência de um problema não é a característica mais marcante do estágio de pré-contemplação, mas sim o fato de os sentimentos negativos serem difusos e de haver minimização e negação das percepções. A contemplação, por conseguinte, não se inicia quando a pessoa começa a se questionar sobre ter ou não um problema, mas quando ela valida esses questionamentos e passa a ser afirmativa sobre a existência de violência na relação. A preparação, por sua vez, apresenta dois momentos distintos: o de preparação para mudanças dentro da própria relação e o de preparação para o término.

Tais especificidades, no entanto, não parecem estar totalmente desconsideradas no Modelo Transteórico de Mudanças da maneira como foi aplicado originalmente ao fumo e a outros problemas. No próprio conceito de balança decisória, em que, no período de pré-contemplação, para doze problemas estudados (Prochaska et al., 1994), os contras da mudança superaram os prós, há algum nível de consciência dos prós, ainda que os contras os superem. Sendo assim, não há total ausência de consideração do problema, mas isso ocorre de forma muito incipiente.

Sobre os processos de mudança adotados pelas participantes, os dados lançam luz à diversidade de estratégias adotadas para que a relação chegue ao fim. Aspectos contextuais e da relação interagem com essas estratégias que permitem superar barreiras e avançar rumo ao término da relação. Ainda, assim como apontado por Anderson e Saunders (2003), a diversidade de estratégias e a reciclagem de estratégias baseada nas tentativas anteriores a cada tentativa de término mostraram-se favorecedoras do alcance do término, o que vai ao encontro da observação de Prochaska et al. (1992). As estratégias encontradas nesse estudo para facilitar o avanço entre os estágios se assemelharam àquelas descritas por Murta et al. (2014) e Murta et al. (2017).

Um aspecto importante acerca dos processos de mudança refere-se à intensidade com que o suporte social incide sobre o avanço pelos estágios do modelo transteórico, seja através das relações de ajuda ou do auxílio ao aumento da consciência e da autorreavaliação. No avanço entre todos os estágios e durante eles, as relações pessoais e o suporte encontrado nelas foram centrais ao alcance do término. Da mesma forma, a carência de vínculos ou o fato de eles serem desfavoráveis ao término atuaram como barreira importante. Esses achados expressam-se nos resultados das pesquisas anteriores no que tange à importância das normas subjetivas e da qualidade das alternativas ao relacionamento (Shorey et al., 2013). Terminar a relação é mais fácil quando as pessoas próximas são favoráveis a isso e auxiliam na tomada de consciência e

na autorreavaliação, quando outros vínculos podem suprir necessidades emocionais e de companhia - ainda que não de intimidade - e quando há apoio para resolver questões de ordem prática.

Implicações para a prática profissional

Esse trabalho trouxe duas contribuições principais: uma relativa à caracterização da aplicação do modelo à superação da violência em um relacionamento e outra concernente a estratégias, contextos e aspectos relacionais que atuam como barreiras ou facilitadores, incidindo sobre ou consistindo em processos de mudança adotados.

Ambas as contribuições apontam para boas perspectivas de aplicação na prática profissional. A caracterização de cada estágio de mudança é um primeiro passo para que intervenções customizadas a cada um sejam desenvolvidas. A literatura tem mostrado que intervenções que se baseiam nos estágios de mudança tendem a trazer melhores resultados.

Prochaska et al. (1992) demonstraram que o estágio de mudança ao início do tratamento é um preditor poderoso de sua efetividade, sobressaindo-se a outras variáveis como características demográficas e histórico do problema. Ainda, os avanços entre os estágios de mudança apresentaram potencial de multiplicar as chances de sucesso do tratamento. Pessoas que conseguiram avançar um estágio no primeiro mês de tratamento dobraram suas chances de ação após seis meses (Prochaska et al., 1992). Tais resultados demonstram como a identificação correta de cada estágio, além de permitir intervenções mais adequadas, é uma importante ferramenta de monitoramento. Delinear intervenções que favoreçam avançar um estágio, por exemplo, parece ser uma meta viável e com grande potencial de efetividade para intervenções breves, realidade imposta para a maior parte dos centros de atendimento a pessoas em condição de violência nos relacionamentos em razão dos recursos reduzidos.

No que concerne aos processos de mudanças, os resultados apontam tanto para momentos contextuais que parecem ser ricos para intensificar alguns processos como para algumas técnicas e ferramentas que os favorecem. Por exemplo, momentos em que ocorrem violências mais explícitas, parecem ser profícuos à entrada na contemplação. Conjuguar, nos casos reais, situações como essa com técnicas que aumentem a auto-observação e a informação disponível sobre relações violentas, por exemplo, tenderá a gerar avanços nos estágios. No mesmo sentido, técnicas que auxiliem no planejamento dos próximos passos podem ser importantes para o avanço entre preparação e ação.

Uma última implicação importante para a prática profissional diz respeito à necessidade de oferecer redução dos contras e aumento dos prós para vítimas em relações violentas. Essa estratégia se mostra especialmente relevante para viabilizar o acesso de pessoas em pré-contemplação – quando a compreensão sobre o problema ainda é difusa e há dificuldade em validar as percepções e, por conseguinte, pouca disponibilidade em buscar ajuda - aos serviços de atendimento. Estratégias que apresentam grande potencial de gerar resultados positivos residem na oferta de espaços de convivência que propiciem o estabelecimento de relações de apoio e o acesso a momentos de lazer e socialização. Tais estratégias coincidem com ações de promoção de saúde mental através dos vínculos e da resiliência comunitária. Apresentação de filmes com debates, atividades esportivas em grupo, realização de projetos coletivos, orientação para planejar e implementar novos interesses, por exemplo, poderiam ser estratégias preciosas na intervenção com vítimas de violência. Dada a importância que as relações sociais assumiram para as participantes em todos os estágios e no avanço entre eles, seja pelo suporte ou por proverem informações e respaldo para aumento da consciência, estratégias que favoreçam o estabelecimento de vínculos apresentam potencial de acelerar o processo de mudança.

Limitações

Essa pesquisa não conta com potencial de generalização, sendo suas contribuições restritas à maior compreensão de como se dão os processos individuais em cujo interesse ela se focou, sem pretensão de compreendê-los como universais. Ainda, o recorte retrospectivo consiste em uma limitação, uma vez que os dados foram acessados a partir da retomada de experiências passadas.

Outras limitações dizem respeito às características da amostra, que não contou com variabilidade de renda e cujas relações foram todas heterossexuais (mesmo que haja participantes com orientação bissexual). Esses aspectos têm sido apontados na literatura como mediador importante das experiências de violência, com maiores prejuízos para mulheres negras e pobres (Romio, 2013). Algumas das barreiras enfrentadas por pessoas nessas condições, especialmente aquelas impostas pela renda e pelo capital social (variedade restrita de espaços sociais a que têm acesso) não fazem parte das experiências das participantes desse estudo, cuja origem social é de classe média.

Agenda de pesquisa

A aplicação do Modelo Transteórico de Mudanças ao fim da violência em um relacionamento ainda apresenta mais perguntas que respostas. No que concerne aos aspectos teóricos, pesquisas futuras poderão testar em amostras representativas a validade da aplicação do Modelo proposta nessa pesquisa. Ademais, estudos com amostras maiores poderão testar sua validade externa. Ainda, duas das dimensões, a balança decisória e a autoeficácia, foram apenas tangenciadas nesse estudo, que precisam ser melhor compreendidos no que diz respeito ao fim da vivência de violência em uma relação. Segue emergente, também, a necessidade de produção de instrumentos que permitam avaliar as dimensões do Modelo Transteórico de

Mudanças para essa questão. Sobre outras saídas possíveis para a violência, aplicações do Modelo ao processo de deixar de perpetrar violência contra parceiro íntimo, ainda, parecem promissoras. Investigações futuras poderão trazer contribuições relevantes a esse que segue sendo um desafio profundo. Por fim, no que concerne à prevenção, os dados também apontam para grande potencial de efetividade de intervenções direcionadas aos pares como suporte ao término de relacionamentos violentos. Pesquisas que desenvolvam e testem métodos e técnicas favorecedoras do suporte de maior qualidade, a exemplo de Santos (2016), parecem apresentar grande potencial de contribuição para o campo.

Referências

- Adeodato, V.G., Carvalho, R.R., Siqueira, V.R., & Souza, F.G.M. (2005). Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros. *Revista de Saúde Pública*. 39 (1) 108-113.
- Alexander, P.C. Tracy, A., Radek, M. & Koverola, C. (2009). Predicting Stages of Change in Battered Women. *Journal of interpersonal violence*. 24, 1672-1772.
- Anderson, D.K. & Saunders, D.G. (2003). Leaving an abusive partner: an empirical review of predictors, the process of leaving and psychological well-being. *Trauma, violence and abuse*. 4(2), 163–191.
- Anderson, C. (2003). Evolving Out of Violence: An Application of the Transtheoretical Model of Behavioral Change. *Research and Theory for Nursing Practice: An International Journal*, 17 (3), 225-240.
- Braun, V. & Clarke, V. (2006) Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3 (2) 77-101.
- Brown, J. (1997). Working toward freedom from violence: the process of change in battered women. *Violence Against Women*. 3(1) 5-26.
- Burke, J.G., Gielen, A.C., McDonnell, K.A., O'Campo, P. & Maman, S. (2001) The Process of Ending Abuse in Intimate Relationships: A Qualitative Exploration of the Transtheoretical Model, *Violence Against Women*. 7, 1144-1163.
- Cluss, P.A., Chang, D.C., Hawker, L., Scholle, S. H., Dado, D., Buranosky, et al. (2006). The process of change for victims of intimate partner violence: support for a psychosocial readiness model. *Women`s health issues*. 16, 262-274
- DiClemente, C.C. (1981). Self-efficacy and smoke cessation maintenance: a preliminary report. *Cognitive Therapy and research*. 5 175-187.

Eckstein, J.J. (2011). Reasons for Staying in Intimately Violent Relationships: Comparisons of Men and Women and Messages Communicated to Self and Others. *Journal of Family Violence*. 26, 21-30.

Edwards, K.M., Gidycz, C.A. & Murphy, M.J. (2015). Leaving an Abusive Dating Relationship: A Prospective Analysis of the Investment Model and Theory of Planned Behavior. *Journal of Interpersonal Violence*. 30(16) 2908–2927.

Few, A.L. & Rosen, K.H. (2005). Victims of Chronic Dating Violence: How Women's Vulnerabilities Link to Their Decisions to Stay. *Family Relations*. 54, 265–279.

Hatzenberger, R., Lima, A.P.V.L., Lobo, B., Leite, L. & Kristensen, C.H (2010). Transtorno de estresse pós-traumático e prejuízos cognitivos em mulheres vítimas de violência pelo parceiro íntimo. *Ciências & Cognição*. 15 (2) 094-110.

Jovchelovitch, S. & Bauer, M.W. (2000). Entrevista Narrativa in M.W. Bauer and G. Gaskell (org.). *Pesquisa Qualitativa com Texto Imagem e Som*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Martsof, D.S., Draucker, C.B., Stephenson, P.L., Cook, C.B. & Heckman, T.A. (2012). Patterns of dating violence across adolescence. *Qualitative Health Research*. 22(9) 1271-1283.

Murta, S.G., Ramos, C.E.P.L., Cangussú, E.D.A., Tavares, T.N.G. & Costa, M.S.F. (2014). Desenvolvimento de um website para prevenção à violência no namoro, abandono de relações íntimas abusivas e apoio aos pares. *Contextos Clínicos*. 7(2):118-132.

Murta, S.G., Ramos, C.E.P.L. & Parada, P.O. (2017). Abandonando namoros violentos: da tomada de consciência à prevenção de recaídas. *No prelo*.

Pape, K.T. & Arias, I.(2000). The Role of Perceptions and Attributions in Battered Women's Intentions to Permanently End Their Violent Relationships. *Cognitive Therapy and Research*, 24 (2), 201-214.

Prochaska, J.O., DiClemente, C.C. & Norcross, J.C. (1992). In search of how people change. Applications to addictive behaviors. *American Psychologist*. 47 (9) 1102-1114.

Prochaska, J.O., Velicer, W.F., DiClemente, C.C. & Fava, J. (1988). Measuring Processes of Change: Applications to the cessation of smoking. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*. 56 (4) 520-528.

Prochaska, J.O., Velicer, W.F., Rossi, J.S., Goldstein, M.G., Marcus, B. H., Rakowski, W., et al. (1994). Stages of change and decisional balance for 12 problem behaviors. *Health Psychology*. 13 (1) 39-46.

Puccia, M.I.R. & Mamede, M.V. (2012). Revisão integrativa sobre a violência por parceiro íntimo na gestação. *Revista Eletrônica de Enfermagem*. 4(4) 944-56.

Romio, J.A.F. (2013). A vitimização de mulheres por agressão física, segundo raça/cor no Brasil in M.M. Marcondes, L. Pinheiro, C. Queiroz, A.C. Quirino, D. Valverde (org.) *Dossiê Mulheres Negras. Retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*. Brasília: IPEA.

Santos, K.B. (2016). *Mobilizando Comportamentos de Ajuda na Rede de Amizades: Uma Estratégia de Prevenção à Violência no Namoro Baseada nos Pares e na Abordagem do Espectador*. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília. Brasília-DF. Brasil.

Shorey, R.C., Tirone, V., Nathanson, A. M., Handsel, V. A., Rhatigan, D. L. (2013). A Preliminary Investigation of the Influence of Subjective Norms and Relationship Commitment on Stages of Change in Female Intimate Partner Violence Victims. *Journal of Interpersonal Violence*. 28(3) 621-642.

Shurman, L.A., Rodriguez, C.M. (2006). Cognitive-Affective Predictors of Women's Readiness to End Domestic Violence Relationships. *Journal of interpersonal violence*. 21, 1417-1439.

Walker, L. E. (1979). *The battered woman*. Nova York: HarperPerennial.

Capítulo 4

Transição para novas relações após o término de
namoros violentos: dois estudos de caso

Resumo

Esse estudo teve como objetivo compreender as características da transição para novos relacionamentos que favoreceram a entrada em relações saudáveis após o término de namoro violento. Realizaram-se estudos de caso de duas participantes: uma transitou para relação saudável e outra para nova relação violenta. Utilizou-se entrevista narrativa e aplicação da escala *Experiences in Close Relationships*. Ambas as participantes recorreram a estratégias geradoras de bem-estar após o término, como psicoterapia, práticas de autocuidado, ampliar experiências e redes de relação. As mudanças contextuais implicaram, para as duas, em maior diversidade de modelos, mais autonomia e acesso a novas ideias e valores. As principais diferenças residiram nas relações intermediárias e nos desfechos experimentados na forma de se relacionar. O desfecho que favoreceu a entrada em relação saudável foi o desenvolvimento da capacidade de acessar e validar os próprios sentimentos e, a partir disso, os próprios desejos. Essa habilidade esteve associada à aproximação do estilo de apego seguro. A capacidade de dar fim às relações intermediárias a despeito da existência de sentimento pela outra pessoa diante da percepção de incompatibilidades – em contraste com a extensão ou retomada da relação pela dificuldade em compreender os próprios sentimentos e vontades – mostrou-se um termômetro para o avanço nessa capacidade.

Palavras-chave: Violência pelo parceiro íntimo; Transição para relações saudáveis; Apego

Abstract

This study had the goal to comprehend the characteristics of the transition to new relationships that favored the entrance in healthy relationships after leaving a violent one. Case studies with two participants were conducted: one that moved to a healthy date relationship and the other who moved to a new violent one. Narrative interviews were made and Experiences in Close Relationships scale was applied. Both participants used strategies that promoted wellbeing after breaking up as psychotherapy, selfcare practices, expanding experiences and friendship relationships. Changes in context implied, for both, in higher diversity of models, ideas and values. Main differences were observed on the intermediary relationships and outcomes experienced on the manner of relating romantically. The outcome that favored the move to a healthy relationship was the development of the capacity to access and validate one's own feelings and desires. This ability was observed together with approaching to secure attachment. The capacity to end intermediary relationships when perceiving incompatibilities in spite of having feelings for the other person – in contrast with extending or retaking relationships based on the difficulty to understand one's own wishes – showed to be a thermometer that signs the advance in this ability.

Key words: Intimate Partner Violence; Transition to healthy relationships; Attachment

O fim de um relacionamento violento não é sinônimo de superação da violência. Em primeiro lugar, a interrupção das agressões não necessariamente coincide com o término, sendo esse, muitas vezes, um momento de risco para agravamento da violência. Em segundo lugar, não é incomum entre as pessoas que vivenciam namoros violentos a repetição desse padrão em relações futuras (Martsof, Draucker, Stephenson, Cook & Heckman, 2012).

O estudo dos desfechos relativos à violência após o fim da relação ainda é incipiente e informa pouco sobre esse período e sobre sua importância na superação da violência por parceiro íntimo. Bell, Goodman e Dutton (2007) realizaram estudo longitudinal ao longo de um ano em que avaliaram o *status* da relação e a vitimização e bem-estar a cada período de três meses. Os resultados apontaram que mulheres que estiveram todo esse tempo fora da relação tiveram maior grau de bem-estar e menor vitimização. Em seguida, vieram as mulheres que estiveram o tempo todo na relação, sem rupturas, para quem o bem-estar foi levemente menor e a vitimização maior quando comparadas ao grupo anterior. Os piores resultados para bem-estar e o maior índice de vitimização foram observados para mulheres que apresentaram retomadas e término do relacionamento alternadamente ao longo do período de um ano.

Martsof et al. (2012) baseiam sua classificação sobre vivência de violência por adolescentes em relacionamentos de namoro na experiência de apenas uma relação violenta ou na repetição desse padrão em mais de uma relação. Dos 88 participantes, 32 haviam vivido mais de um relacionamento violento, apontando para a repetição da violência em mais de uma relação como um fenômeno significativo. Quando essa condição ocorre, ainda, as autoras apontam para a possibilidade, em sua classificação, de que a severidade permaneça a mesma entre uma relação e outra ou de que haja aumento.

Alguns estudos cujo foco foi o processo de término de relacionamentos violentos endereçaram alguma atenção às circunstâncias vivenciadas no período após o término, explorando aspectos como barreiras e dificuldades vivenciadas e estratégias adotadas para

manter o término. As barreiras e dificuldades enfrentadas após o fim da relação apontadas nesses estudos referiram-se ao manejo do sentimento de amor - nos casos em que ainda existia - e necessidade de manter contato em função de filhos em comum (Burke, Gielen, McDonnel, O'Campo & Maman, 2001). As estratégias identificadas para enfrentamento das dificuldades foram manter a resolutividade sobre a decisão de terminar o abuso e manter uma distância segura do ex parceiro (Burke et al., 2001), autoconhecimento direcionado aos riscos da recaída e manejo dos desencadeadores da reaproximação (Murta, Ramos, Cangussú, Tavares & Costa, 2014), atender a necessidades pessoais anteriormente negligenciadas, analisar prejuízos e ganhos, valorizar a si, dedicar-se a novos projetos e recorrer a suporte social (Murta, Ramos & Parada, 2017), frequentar grupos de ajuda mútua, buscar novos relacionamentos não violentos e manter alta autoestima e felicidade (Anderson, 2003).

No que tange à transição para novos relacionamentos, no entanto, não se encontraram estudos que se debrucem sobre esse período. A superação da violência nos relacionamentos amorosos pode ser pensada dentro de uma mesma relação – com o fim do uso de violência - ou através do término da relação violenta e do início de novos relacionamentos que sejam saudáveis. Portanto, a melhor compreensão da transição ente relacionamentos parece ter potencial de oferecer entendimento e ferramentas preciosas para avançar na prevenção e tratamento direcionados ao problema da violência nas relações amorosas.

Por se tratar de um fenômeno que envolve questões complexas ligadas à emoção e aos sentimentos, a teoria do apego vem sendo aplicada aos estudos sobre relacionamentos violentos. Embora não tenha sido encontrada consistência nos resultados que tentaram relacionar estilo de apego e término de relacionamentos violentos (Alexander, Tracy, Radek & Koverola, 2009; Parada & Murta, 2017; Shurman & Rodriguez, 2006), a teoria do apego tem sido bastante aplicada para a compreensão da dinâmica da violência, tendo sido encontrada correlação importante entre estilos de apego inseguros e envolvimento em relações violentas,

seja como vítima ou como perpetrador (Bonache et al., 2016; Bonache et al., 2017). Dessa forma, a maior compreensão sobre o apego nas relações de namoro talvez não seja útil para a compreensão dos processos que permitem chegar ao término de uma relação violenta quando tomada de forma isolada, mas parece promissora no que tange à superação da violência nas relações, uma vez que é preciso pensar nesse como um processo que transcende a vivência e término de uma única relação.

Bowlby (1998) aponta a receptividade e a acessibilidade das figuras de apego como sendo fatores fundamentais no desenvolvimento da autoconfiança. Esse autor estudou de que maneira as experiências de separação, perda e falta de receptividade das figuras de cuidado na infância apresentam desfechos negativos no que tange à dificuldade de confiar nas outras pessoas e em si e de receber e prover ajuda. Por outro lado, crianças cujos pais apresentam disposição para agir como provedores de conforto e proteção – especialmente diante de situações que despertem insegurança e medo – atingem maiores graus de autonomia e autoconfiança, o que se expressa de forma positiva em vários campos do desenvolvimento, especialmente no que diz respeito ao desempenho nas relações interpessoais e na capacidade de enfrentar adversidades e lidar com desafios impostos ao longo da vida, como é o caso do estabelecimento de relações íntimas.

A partir do final da década de 80, o conceito de apego começa a ser aplicado à vida adulta (Hazan & Shaver, 1987; Jhonson, 1986). Alguns de seus princípios preveem a compreensão da dependência não como algo indesejável, mas como característica intrínseca ao ser humano que, quando consistente em dependência segura, permite autonomia e conexões (Jhonson, 2012). Dessa forma, o apego oferece uma base segura a partir da qual é possível explorar o ambiente e adaptar-se a ele, com suporte às angústias advindas desse processo. Sendo assim, diante de situações que sugerem medo ou incerteza, as necessidades de apego são ativadas e serão supridas caso haja figuras que apresentem acessibilidade e receptividade,

condições para a construção dos vínculos (Jhonson, 2012). Diferente das relações entre pais e filhos, no entanto, as relações entre casais tendem a envolver parceiros em condições menos assimétricas. O envolvimento com um novo parceiro pode ser compreendido, nesse escopo, por requerer as habilidades de explorar novidades, enfrentar medos e incertezas e tolerar angústias. O grau de acessibilidade e receptividade encontrados no parceiro podem favorecer ou dificultar o enfrentamento dessas condições.

Duas dimensões mostraram-se adequadas para explicar o apego adulto: ansiedade e evitação. Essas dimensões dizem respeito às formas de responder diante de situações que suscitam sensação de ameaça ou medo. As respostas da dimensão de ansiedade referem-se a tentativas de agarrar o parceiro e impedir seu distanciamento. As da dimensão evitação, por sua vez, dizem respeito a evitar a aproximação afetiva, a busca e a oferta de ajuda. A partir delas, quatro estilos são propostos por Bartholomew (1990): seguro – quando há baixa evitação e baixa ansiedade -, preocupado (ou ansioso) – caracterizado por baixa evitação e alta ansiedade -, evitador desconsiderador – com alta evitação e baixa ansiedade – e evitador medroso – para os quais há alta evitação e alta ansiedade. A nomenclatura *estilos inseguros* é utilizada para reunir os estilos de apego preocupado, evitador desconsiderador e evitador medroso, em contraste com o estilo seguro.

Tais estilos são relacionados tanto com a qualidade de relações amorosas como com a resolução de conflitos nelas. Nesse sentido, relações nas quais os parceiros são seguros tendem a apresentar maior grau de satisfação. Quando ao menos um dos parceiros é seguro, tende a haver satisfação para ambos na relação (que pode ser um pouco menor ou igual quando comparada à condição em que ambos são seguros). Casais nos quais ambos têm apego inseguro tendem a expressar maior insatisfação (Schachner, Shaver & Mikulincer, 2012). A resolução de conflitos mostrou-se com maior probabilidade de recorrência à violência em casais nos quais ambos apresentam apego inseguro (Bonache et al., 2017), especialmente quando um dos dois

é desconsiderador e o outro é preocupado (Schachner, Shaver & Mikulincer, 2012). Esses dados sugerem que a ativação dos sistemas de apego nas relações adultas guarda relação próxima com a acessibilidade e receptividade encontradas no parceiro amoroso.

Diante da grande lacuna encontrada no que concerne aos desfechos após o fim de uma relação violenta e, mais especificamente, no que diz respeito à transição para novos relacionamentos após esse processo, a questão de pesquisa norteadora desse estudo diz respeito a quais estratégias, contextos e desfechos favorecem e quais não favorecem a transição para novas relações que sejam saudáveis e satisfatórias após o término de um namoro violento. O Modelo Transteórico de Mudanças (Prochaska, Di Clemente & Norcross, 1992) será usado nesse estudo no sentido de mapear os processos de término que antecederam desfechos diversos no que concerne à transição para novas relações. Dessa forma, esse estudo teve como objetivo compreender, a partir de estudos de caso, as características da transição para novos relacionamentos que favoreceram a superação da violência através da entrada em relações saudáveis após o término de namoro violento.

Método

Participantes

Esse estudo teve como delineamento o estudo de casos múltiplos (Creswell, 2007), tendo feito parte de um estudo mais amplo que investigou tanto o processo de término quanto o de transição para novas relações. Os participantes foram recrutados através do método bola de neve. Enviaram-se e-mails e mensagens via aplicativo de celular com a descrição do perfil de interesse: pessoas que já tivessem terminado relacionamentos de namoro violentos. O critério para definir relação de namoro, portanto, limitou-se à identificação dessa condição pela própria participante. 17 pessoas fizeram contato manifestando interesse e sete pessoas – seis

mulheres e um homem - foram entrevistadas. Para abordar o processo de transição, objeto de interesse desse artigo, selecionaram-se dois casos: uma participante que viveu namoro violento e atualmente vive relação saudável e outra que viveu dois relacionamentos violentos e havia terminado o último há cerca de um mês quando da participação. A tabela 4.1 resume os dados sociodemográficos das participantes.

Tabela 4.1. *Dados sociodemográficos das participantes.*

Nome	Marília	Isabel
Idade	23	22
Sexo	Feminino	Feminino
Raça/cor	Branca	Branca
Orientação Sexual	Bissexual	Hetero
Classe Social ^a	C	C
Renda individual	R\$3.000,00	Sem renda
Ocupação	Estudante	Estudante
Escolaridade	Sup. Inc.	Sup.Inc.
Nº de relações violentas	2	1
Idades nos namoros violentos	17-18 e 20-23	15-19
Tempo desde o término do último namoro violento	2 meses	3 anos

a. Classe social da família de origem segundo classificação do IBGE.

Procedimentos

Realizaram-se três entrevistas piloto visando testar a adequação do roteiro, das técnicas de entrevista e dos procedimentos, a partir das quais se definiu o método aqui apresentado.

Foram utilizados roteiro de entrevista semi-estruturado (Anexo B) e a versão brasileira da escala *Experiences in Close Relationships* - ECR (Shiramizu, Natividade & Lopes, 2013) (Anexo D), que mede ansiedade e evitação nas relações com base na teoria do apego. O roteiro de entrevista semiestruturado teve como base a técnica de entrevista narrativa (Jovchelovitch & Bauer, 2000), que envolve cinco fases: preparação, iniciação, narração central, fase de perguntas e encerramento.

A fase de preparação se dá antes da entrevista e consiste no contato prolongado com o campo a ser investigado. Nesse momento, traçam-se questões exmanentes – aquelas de interesse do pesquisador – que devem ser transformadas em questões imanentes – os temas,

tópicos e relatos de acontecimentos que surgem durante a narração (Jovchelovitch & Bauer, 2000). Para essa pesquisa, isso ocorreu em um serviço psicossocial de assessoramento no qual são atendidos casais e ex-casais que estão envolvidos em processos de violência doméstica contra a mulher, no qual a pesquisadora atua.

Na iniciação, primeiro momento da entrevista em si mesma, apresenta-se o contexto da investigação ao participante e explica-se o procedimento da Entrevista Narrativa (Jovchelovitch & Bauer, 2000). Nesse estudo, após esclarecimento acerca do foco de interesse, as participantes eram convidadas a fazer uma linha do tempo com todos os relacionamentos de namoro ou outros relacionamentos íntimos que tivessem sido significativos. Em seguida, se lhes pedia que contassem de forma resumida a história desses relacionamentos e, a partir daí, que identificassem em qual ou em quais relacionamentos houve experiência de violência. Na sequência, solicitava-se às participantes que construíssem nova linha do tempo abarcando o relacionamento violento mais significativo e uma outra relação (podendo essa ser violenta ou saudável, nos casos em que isso havia ocorrido).

A fase seguinte, narração central, é quando se convida o participante a narrar a história. Nesse momento não deve haver interrupções e o papel do entrevistador é de encorajar a fala através de signos não verbais (Jovchelovitch & Bauer, 2000). No caso dessa investigação, pedia-se às participantes que contassem a história do primeiro relacionamento, a história do período entre eles e a história do segundo relacionamento.

A quarta fase, a de questionamentos, se inicia quando o participante conclui seu relato espontâneo. Não devem ser feitas questões que estimulem julgamentos ou apontem contradições, o que se busca são complementações sobre o relato naqueles pontos em que se quer aprofundar (Jovchelovitch & Bauer, 2000). Para esse estudo, o roteiro semiestruturado (Anexo B) foi construído de forma a possibilitar que a entrevistadora assinalasse as questões já abordadas. Para as que não houvessem sido relatadas, perguntas na forma de estímulo à

narração de situações ou períodos específicos eram acrescentadas. Por fim, na fala conclusiva – última fase – perguntas do tipo “por quê” podem ser feitas (Jovchelovitch & Bauer, 2000).

Por fim, solicitava-se o preenchimento de dois questionários da ECR: um que tivesse como base o período em que ocorreu o primeiro relacionamento narrado (violento) e outro baseado no período do segundo relacionamento (que podia ser violento ou saudável a depender do caso). Embora as instruções de aplicação da escala requeiram a consideração de todos os relacionamentos que a pessoa viveu, de forma geral, nesse estudo, para fins exploratórios acerca da relação entre apego e transição para novos relacionamentos após a vivência de uma relação violenta, demandaram-se esses dois preenchimentos. As entrevistas foram conduzidas em salas de um centro de atendimento da Universidade ou em salas cedidas em prédios destinados a oferta de serviços públicos direcionados a pessoas com experiência de violência por parceiro íntimo.

Análise dos dados

A figura 4.1 sintetiza as etapas de análise dos dados. As entrevistas foram transcritas pela pesquisadora e por assistentes de pesquisa. Na primeira etapa, realizou-se leitura livre do material transcrito para maior familiaridade com os relatos, tomando-se notas sobre possibilidades de análise. Na segunda fase, identificaram-se os trechos dos relatos que correspondiam ao processo de construção das relações, ao processo de término das relações e ao processo de transição entre as relações.

A terceira etapa compreendeu a categorização de cada um desses processos. O processo de construção constituiu uma categoria em si mesma, sob a qual os trechos da entrevista que tratavam dele foram classificados. O processo de término foi categorizado segundo os estágios do Modelo Transteórico de Mudanças: pré-contemplação, contemplação, preparação, ação e manutenção. O processo de transição compreendeu quatro categorias que emergiram como

temas a partir das etapas de análise anteriores: (a) estratégias adotadas no período entre os relacionamentos para manter-se fora da relação anterior e para não entrar em novas relações violentas; (b) características das relações intermediárias entre as duas relações principais narradas; (c) aspectos contextuais do período de transição entre as relações e (d) desfechos na forma de se relacionar.

Figura 4.1. *Etapas de análise dos dados*

1ª etapa: familiarização com os dados			
2ª etapa: Delimitação de processos	Processo de construção	Processo de Término	Processo de Transição
3ª etapa: definição de categorias dentro de cada processo	Categoria única	- Pré-contemplação - Contemplação - Preparação - Ação - Manutenção	- Estratégias adotadas; - Características do contexto; - Características das relações intermediárias. - Desfechos na forma de se relacionar.
4ª etapa: construção da linha do tempo dos relacionamentos – análise intra-caso.			
5ª etapa: comparação entre casos.			

Posteriormente, no intuito de manter o encadeamento das histórias individuais – típico do delineamento de estudo de casos - e não apenas tratar as entrevistas dentro dos temas definidos, construiu-se a linha do tempo dos relacionamentos de cada participante, englobando todos os relacionamentos relatados, as experiências de violência e os estágios do Modelo Transteórico de Mudanças. Esses eventos foram dispostos de forma cronológica, com a perspectiva de analisar os encadeamentos relativos a cada caso. Os processos de construção das relações violentas, término e transição para novas relações foram abordados na linha do tempo. A última etapa da análise dos dados qualitativos das entrevistas envolveu a comparação entre os casos - os processos pessoais tanto de término da relação violenta como de transição para novas relações de cada participante - e a identificação de similaridades e divergências.

Para análise dos dados advindos da ECR, utilizaram-se os percentis para a população brasileira da versão reduzida da escala (ECR-R; Natividade & Shiramizu, 2015) – para a qual

há equivalência psicométrica com a ECR - em razão da indisponibilidade dos dados da versão estendida. As características sociodemográficas das participantes desse estudo estão de acordo com as que predominam na amostra de Natividade e Shiramizu (2015). As dimensões de ansiedade e evitação foram dispostas em plano cartesiano cujo cruzamento indica o percentil 50 para a população de mulheres segundo a distribuição encontrada pelos autores. Indicou-se o ponto que relaciona as duas dimensões para cada uma das participantes nos dois períodos cujo preenchimento havia sido demandado: o período de vida que englobou a primeira relação narrada – violenta – e o período de vida da segunda relação narrada (que para uma das participantes foi o período atual).

Cuidados Éticos

Essa pesquisa passou por aprovação no Comitê de Ética em pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília (Protocolo: 57966016.0.0000.5558). Além das garantias previstas pela Resolução CNS 466/12, devidamente apresentadas no TCLE, foram disponibilizadas informações acerca da rede de atendimento pública e privada e ofereceu-se a possibilidade de encontro adicional para tratar de eventuais desconfortos emocionais que o procedimento de pesquisa viesse a desencadear.

Resultados

Caso 1: Marília

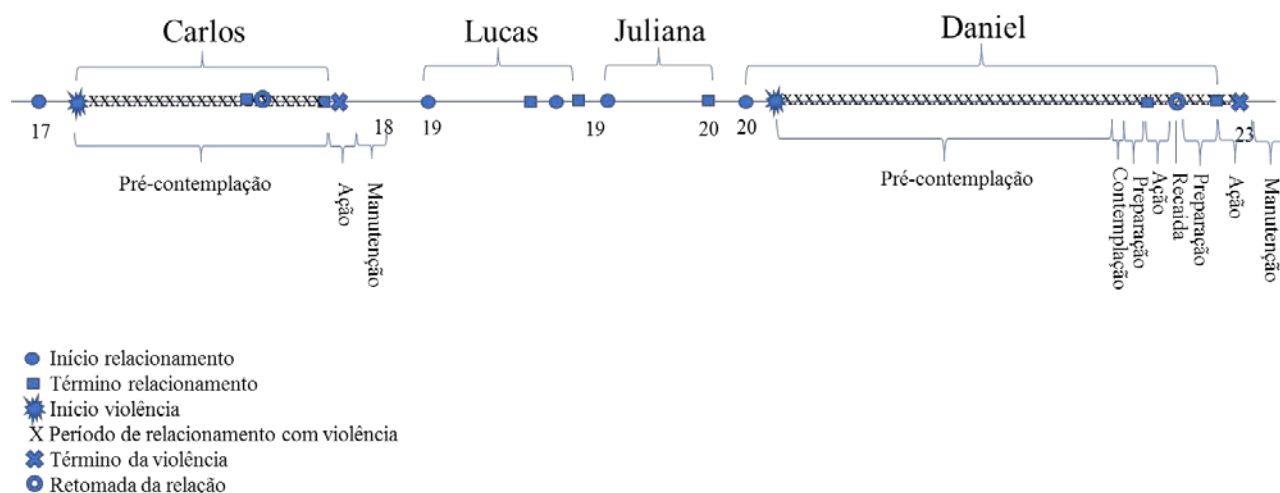
A Figura 4.2 apresenta a linha do tempo dos relacionamentos de Marília. Ela teve dois relacionamentos violentos. Com Carlos, aos 17 anos, durou um ano e três meses. Nessa relação, a violência teve início muito cedo, ainda por volta do primeiro mês, e consistiu no cerceamento do acesso a amigos e no controle das relações, locais que frequentava e formas de lazer que podia ter, na desqualificação cotidiana de seus gostos, suas atividades e suas fontes de alegria,

no término do namoro quando não era atendido em suas exigências e nas brigas com gritos hostis e acusações insistentes, que só cessavam quando ela cedia às vontades dele. Ela aponta que o alto envolvimento emocional que tinha com ele dificultava que ela percebesse a violência.

Com Daniel, o namoro durou três anos, tendo se iniciado quando ela tinha 20 anos. A violência se iniciou ainda nos primeiros meses e suas formas englobaram aquelas que ela havia vivenciado com Carlos e se estenderam a outras: manipulação (partir de ideias às quais ela tinha simpatia para convencê-la a seguir algo que ele queria, mas que a prejudicava ou restringia suas possibilidades de escolha), *gaslighting* (suscitar nela dúvida ou desqualificação sobre as próprias percepções), criar relação de dependência quanto a cuidados relativos ao estado de saúde dela (em uma dinâmica em que as brigas dos dois desencadeavam crises depressivas, nas quais ele cuidava dela, tirando-a da crise), suscitar culpa para que ela se mantivesse na relação e fosse leniente com a violência. Na relação com Daniel, ao contrário do que ocorrera com Carlos, as agressões eram muito sutis e veladas, tornando difícil sua identificação, motivo pelo qual permaneceu em pré-contemplação por muito tempo. Além disso, embora ela percebesse desde o início algumas semelhanças entre os dois, estava muito envolvida emocionalmente com Daniel e não dava credibilidade a essas percepções.

O término com Daniel havia se dado cerca de dois meses antes da participação dela na pesquisa. Entre ele e Carlos, ela teve dois relacionamentos que considera significativos que não eram violentos: um de namoro, com Lucas, que durou cerca de cinco meses, e outra pessoa com quem apenas ficou, Juliana, também durante cerca de cinco meses.

Figura 4.2. Linha do tempo dos relacionamentos de Marília.



No término com Carlos, ela saltou da pré-contemplação para a ação (tendo como referência o término), sem passar pelos estágios anteriores. Ela só se deu conta de que o relacionamento havia sido violento e de que esse era um problema daquela relação algum tempo após o término. Dessa forma, não houve a passagem pelo período de contemplação e preparação. A decisão de manter-se fora da relação se deu porque o sofrimento era muito grande. Dessa forma, ela identificava sofrimento na relação, mas não atribuía à violência, entendendo-o como resultante da sua incapacidade de estar à altura do namorado. Sabia, apenas, que já não podia suportar esse sentimento.

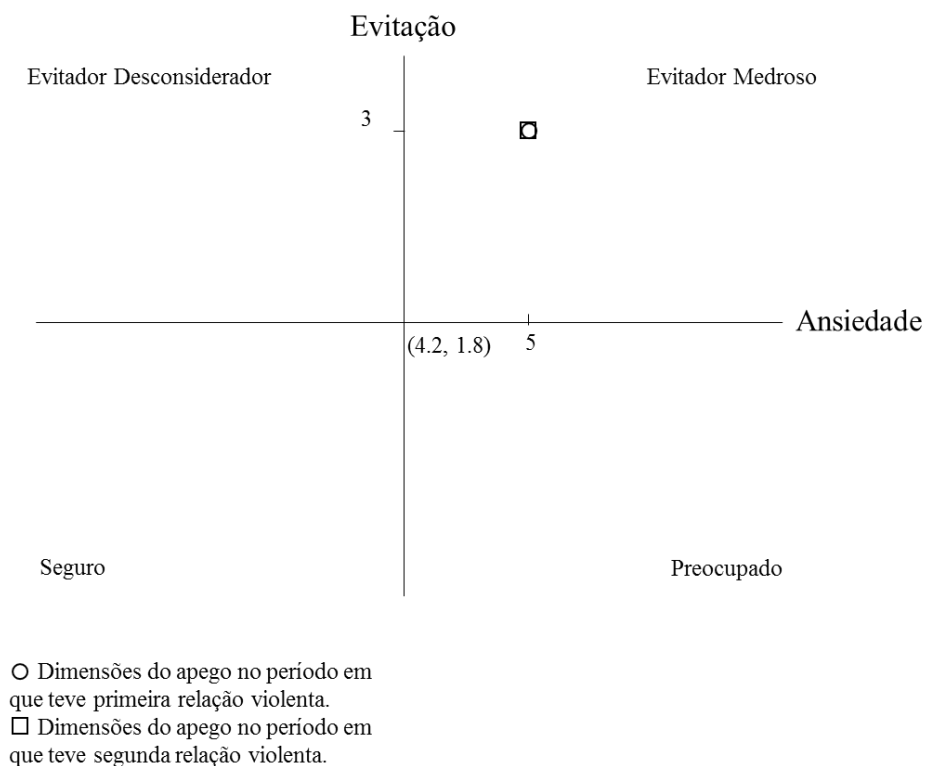
No período entre os relacionamentos, ela adotou estratégias de forma ativa tanto para manter o término como para evitar que viesse a se envolver novamente em novos namoros violentos. Essas estratégias envolveram buscar relações de ajuda, procurar novas experiências, fazer terapia, buscar formas de autocuidado, identificar e refletir sobre os problemas do primeiro namoro e conversar com novos parceiros sobre isso, buscando evitar que o padrão se repetisse. As mudanças contextuais foram a entrada na universidade – onde vivenciou a expansão de modelos e o acesso a novas ideias –, a vivência de novas experiências que ampliaram sua visão de mundo e suas fontes de prazer – como fazer viagens, frequentar espaços

nos quais antes era impedida pelo ex-companheiro, adotar novos estilos estéticos – e o fato de ter ganho um carro, o que aumentou sua autonomia.

As relações intermediárias entre Carlos e Daniel não foram violentas e tiveram uma característica importante: a dificuldade dela de identificar o que realmente queria e sentia. Diante disso, chegou a retomar o relacionamento com Lucas por se sentir só e postergou o término com Juliana por não conseguir entender como se sentia sobre ela, ainda que se questionasse com frequência sobre a continuidade dessa relação. Ambos os terminos foram motivados pelo fato de ela já não se sentir envolvida por cada um dos parceiros. Os desfechos na forma de se relacionar advindos das estratégias adotadas, das mudanças no contexto e das relações intermediárias entre Carlos e Daniel referiram-se a buscar ter mais liberdade na relação, passando a ter um relacionamento aberto com Daniel, que foi novamente violento.

Marília respondeu à ECR da mesma forma para os dois períodos que englobaram os relacionamentos, considerando não haver mudanças para os itens do instrumento nesses dois momentos. Dessa forma, ambos os períodos apresentaram os mesmos escores nas dimensões evitação e ansiedade, representados na figura 4.3. Ela apresentou alta ansiedade (percentil 70) e alta evitação (percentil 80). Tais características, são típicas do estilo de apego evitador medroso, que está relacionado com a insatisfação nas relações amorosas e a maior chance de envolvimento em relacionamentos com violência.

Figura 4.3. *Dimensões de evitação e ansiedade no período de cada um dos relacionamentos para Marília.*

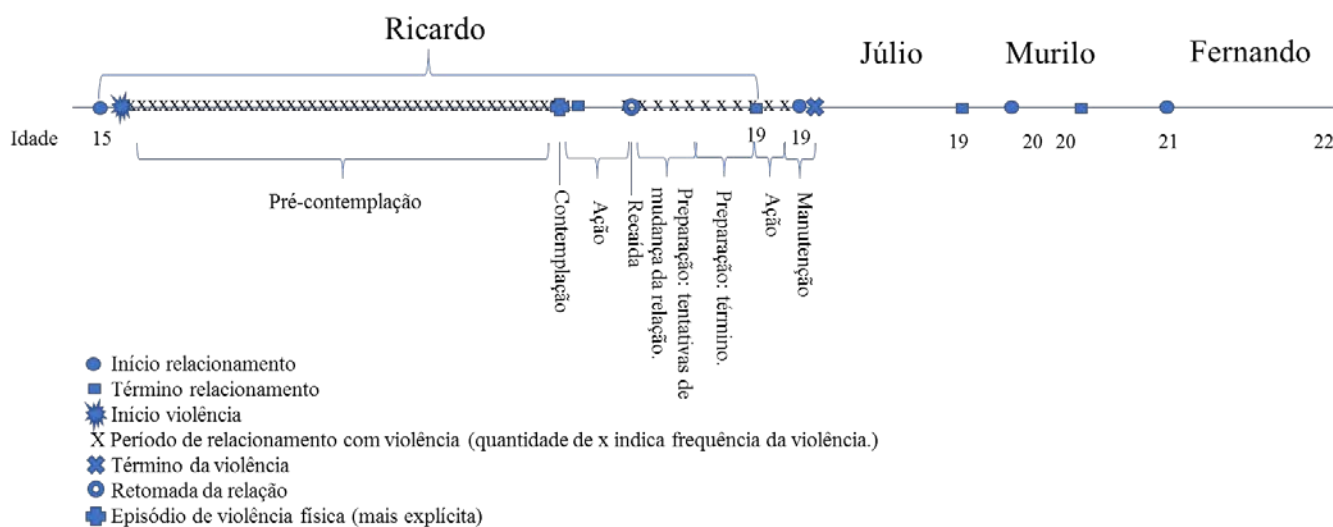


Caso 2: Isabel

A Figura 4.4 apresenta a linha do tempo dos relacionamentos de Isabel. Ela teve um relacionamento violento com Ricardo que teve início quando tinha 15 anos e durou quatro anos. A violência se fez presente quase desde o início da relação e consistiu principalmente no controle persistentes de suas relações, dos locais que frequentava e de sua conduta, nos gritos hostis quando contrariado, nos términos do namoro sempre que ela se recusava a se submeter a ele e na desqualificação das decisões dela. Já com o relacionamento avançado, houve um episódio pontual de violência física e patrimonial em que ele apertou os punhos dela, chegando a deixar marcas, e atirou suas chaves de casa para longe, sem que tenha sido possível voltar a encontrá-las. No início do relacionamento, ela avalia que estava muito apaixonada por Ricardo e que, embora sofresse muito com o relacionamento, não pensava na possibilidade de sair dele.

O término com Ricardo envolveu mais de uma tentativa. Na primeira, ela saltou da contemplação para a ação. Houve recaída (retomada da relação) para o estágio de preparação. A preparação mais consistente permitiu que ela tivesse mais sucesso na segunda tentativa de término, que foi definitiva. Atualmente, Isabel está em um relacionamento saudável e com alto nível de satisfação há um ano. O namoro com Fernando envolve apoio e cuidado mútuo, respeito à individualidade e aos limites de cada um, diálogo e alto grau de negociação, com presença de respeito pelos sentimentos e posicionamentos, afinidade sexual e carinho, sem qualquer indício de violência presente em seu relato. Entre os dois namoros, ela teve dois relacionamentos que considera importantes e que não eram violentos com pessoas com as quais apenas ficou: Júlio, que durou cerca de 6 meses, e Murilo, aproximadamente 3 meses.

Figura 4.4. *Linha do tempo dos relacionamentos de Isabel*



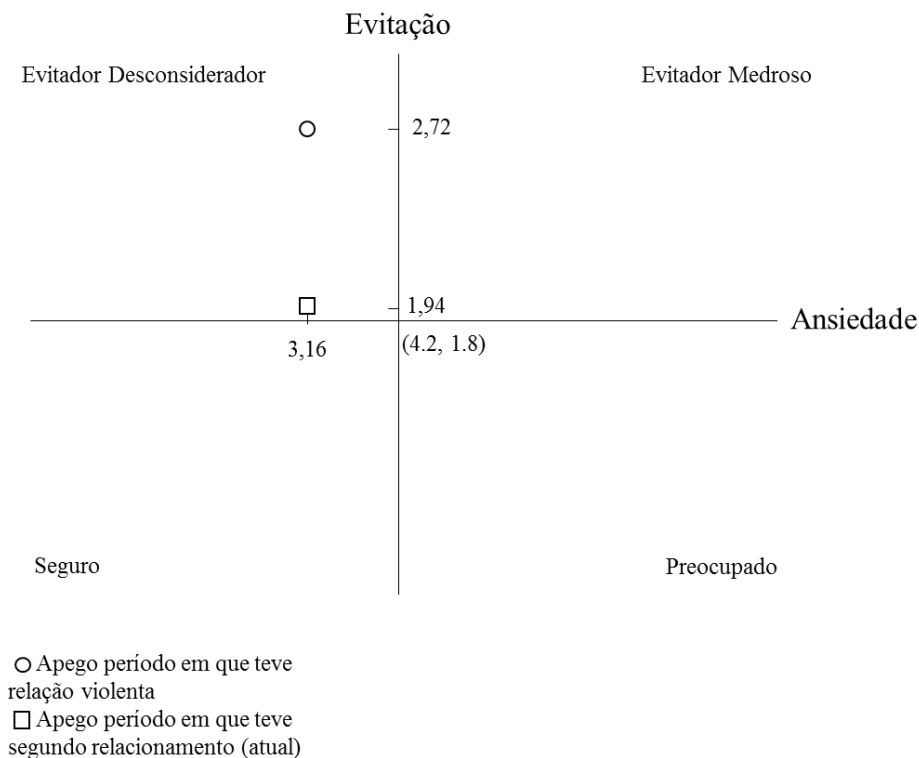
Na transição entre o namoro violento e o saudável, Isabel adotou ativamente estratégias para manter o término e evitar que voltasse a entrar nesse tipo de relação. Ela fortaleceu amizades e desenvolveu grupos de socialização relacionados a maiores possibilidades de lazer (o que já havia iniciado no estágio de preparação já que essa fora uma barreira importante ao primeiro término). Além disso, buscou experiências novas nas quais antes era restringida por

Ricardo. Essa estratégia trouxe mudanças ao contexto uma vez que ampliou espaços de convivência, o que trouxe acesso a novas ideias e modelos. Outras estratégias que buscou ativamente foram as práticas de autocuidado, como yoga e meditação e, cerca de um ano após o término, fez psicoterapia.

Nas duas relações intermediárias, ela terminou por observar incompatibilidades importantes entre eles ainda que tivesse sentimentos fortes. No caso de Júlio, ela percebeu que as expectativas dela quanto ao futuro do relacionamento estavam além do que ele estava disposto a oferecer. Quanto a Murilo, eles haviam tido duas brigas (nas quais não houve violência, porém trouxeram desgaste aos dois) e combinaram que, caso isso voltasse a ocorrer, terminariam a relação, o que efetivamente fizeram, a despeito de gostarem um do outro. Os desfechos na forma de se relacionar advindos das estratégias relacionadas e das experiências que teve foram o aumento na capacidade de identificar e validar o que ela quer e sente e a diminuição da necessidade de atender as expectativas das outras pessoas a qualquer custo. Por conseguir identificar melhor seus próprios sentimentos, vontades e percepções e validá-los, ela aumentou sua capacidade de ser assertiva sobre o respeito com seus próprios limites, espaços e necessidades. Isabel identifica essa capacidade como o elemento chave que lhe permite desenvolver um relacionamento saudável uma vez que disso advêm as características positivas de sua relação que dizem respeito a ela.

Isabel apresentou diminuição significativa na dimensão de evitação (percentil 75% no primeiro relacionamento e percentil 50% no segundo) ao comparar o período que englobou o primeiro relacionamento e o do segundo (que coincide com o momento atual), aproximando-se muito do estilo de apego seguro. Ela manteve estável o nível de ansiedade ente os dois períodos (percentil 50%). A figura 4.5 apresenta os resultados de evitação e ansiedade nos dois períodos.

Figura 4.5. *Dimensões de evitação e ansiedade nos períodos de cada um dos relacionamentos para Isabel.*



Comparação entre casos

Nos dois casos apresentados, as participantes recorreram ativamente a diversas estratégias nos seus processos de término de relacionamento violento e de transição para novas relações. Ambas contaram com suporte social e relações de ajuda e buscaram novas experiências, ampliando relações, modelos e tendo acesso a novas ideias e visões de mundo. As duas, ainda, identificaram claramente a violência na relação após o seu término, recorreram a psicoterapia e estratégias de autocuidado. As mudanças contextuais para as duas trouxeram novos modelos e ideias. Essas estratégias são avaliadas como muito positivas por elas e tiveram início ainda no período de manutenção do término do primeiro relacionamento violento.

Os aspectos que divergem nas experiências das duas referem-se principalmente aos relacionamentos intermediários e aos desfechos advindos a partir das estratégias adotadas e das mudanças contextuais. Nas relações intermediárias, nenhuma das duas experimentou violência

nas relações intermediárias entre os dois namoros narrados. Marília teve dificuldade em tomar a decisão de término, prolongando ou retomando relacionamentos por sentir-se só ou ter dificuldade em identificar o que sentia pela outra pessoa. Isabel, por outro lado, conseguiu terminar as relações, mesmo que ainda sentisse sentimento forte pela outra pessoa, ao perceber incompatibilidades importantes.

Como desfecho na forma de se relacionar, Isabel experimentou ganhos na capacidade de permitir-se sentir e querer e diminuiu sua busca por atender a qualquer custo as expectativas das outras pessoas. Ao conseguir se permitir querer, perceber e validar o que sente, pensa e deseja, ela passou a ser mais assertiva nas relações quanto a seu espaço, suas vontades e os limites que precisam ser respeitados, mantendo o respeito por esses aspectos em relação ao parceiro também. Marília, por sua vez, revelou em sua narrativa como principal desfecho em sua forma de se relacionar a percepção de sua necessidade de ter liberdade nas relações, o que culminou na decisão de ter um relacionamento aberto. Tal desfecho, no entanto, não impediu que ela voltasse a sofrer com a restrição de sua liberdade e as tentativas de controle em novo relacionamento violento.

Discussão

Os resultados encontrados sugerem caminhos pelos quais a transição para novas relações após o término de um namoro violento pode ocorrer. Em um dos casos, o desfecho foi a vivência de nova relação violenta. Em outro, observou-se a entrada em relacionamento saudável e altamente satisfatório.

As estratégias relacionadas a perceber os problemas da relação violenta, observar características de novos parceiros e conversar com ele sobre as experiências indesejáveis da relação anterior não favoreceram, ao menos sozinhas, a transição para relações saudáveis. A

ampliação e fortalecimento de relações de amizade e a diversificação de experiências - estratégias que implicam em novos modelos e contato com outras formas de pensar os relacionamentos - tampouco favoreceram essa transição. Por outro lado, essas estratégias se mostraram valiosas para o avanço nos estágios de contemplação, preparação, ação e manutenção do término do namoro violento, o que também fora encontrado por Murta et al. (2017). Em outras palavras, elas favorecem a saída de uma relação violenta, mas não parecem proteger da entrada em novos relacionamentos violentos, mesmo que as agressões tenham início ainda nos primeiros meses de namoro.

Apenas perceber, nomear e tomar consciência da violência não se mostraram, pois, medidas suficientes para evitar a entrada em novo relacionamento violento. Por outro lado, habilidades ligadas a conseguir acessar e validar os próprios sentimentos e desejos mostraram-se necessárias. Esse processo de maior percepção de si – dos sentimentos e desejos - trouxe desfechos de maior assertividade na nova relação e de menor ansiedade por atender as expectativas das outras pessoas. No entanto, não foram as habilidades comunicacionais relativas à assertividade as que tiveram maior destaque, mas sim o processo anterior à comunicação, que diz respeito a conseguir acessar como uma pessoa se sente quanto a algo, compreender o que ela realmente quer e validar para si essa percepção: dar-se o direito. Essa habilidade parece ser muito próxima do que define a autoconfiança na dimensão de perceber-se digno de valor.

No que se refere aos estilos de apego, Isabel, que transitou para relação saudável apresentou redução considerável da dimensão evitação ao comparar o período de tempo em que esteve em relacionamento violento e o período em que vive relacionamento saudável, aproximando-se, assim, do apego seguro. Marília, que transitou para novo relacionamento violento, por sua vez, não observou diferenças nas dimensões de ansiedade e evitação entre as

duas relações. Resta analisar a que se associam esses dois desfechos, o que será feito mais adiante.

Observa-se, portanto, nos resultados dessa pesquisa a presença de dois aspectos que caminham no mesmo sentido apontando para mudanças que favorecem a construção de relacionamentos saudáveis: a aproximação do estilo de apego seguro e a habilidade de validar sentimentos, percepções e vontades e, a partir daí, comunicá-los ao parceiro de forma assertiva e estabelecer limites. Pesquisas futuras poderão estudar a relação entre esses dois elementos de forma mais aprofundada. Por ora, no entanto, vale recorrer às palavras de Bowlby ao descrever os impactos do apego seguro na autoconfiança: “Uma bem fundada autoconfiança – torna-se claro – não apenas é compatível com a capacidade de confiar nos outros, mas brota dessa capacidade e é dela complementar” (Bowlby, 1998, p. 378). O trecho citado sugere que o desfecho favorecedor da transição para novas relações apontado nesse estudo – a capacidade de acessar e, especialmente, validar os próprios sentimentos e vontades – aproxima-se da definição de autoconfiança apresentada por Bowlby. Os resultados sinalizam que a transição para novos relacionamentos que sejam saudáveis após o término de um namoro violento demanda que ocorram mudanças significativas nas dimensões do apego.

Os resultados sugerem que as habilidades de acessar e validar os próprios sentimentos e vontades favorecem a construção de relações saudáveis por permitirem reconhecer o que se quer e manter assertividade quanto a isso. Em contraste, quando não há acesso e validação de sentimentos e desejos, a identificação da violência mostrou-se uma tarefa difícil. Essa dificuldade, no caso de Marília, foi agravada pela sutileza com que as agressões ocorriam, sendo, por exemplo, o controle, às restrições à sua liberdade e o estabelecimento de dependência frequentemente apresentados na forma de cuidado, o que a confundia. Em outras relações, no entanto, pode se expressar através da esperança de mudanças sem base na realidade ou de minimizações e negações sobre as agressões. A capacidade de validar as próprias

percepções, de toda forma, parece demandar que os sentimentos e desejos sejam acessados e validados, trazendo o desafio para o campo da afetividade. Essa tarefa mostra-se necessária para o exercício da assertividade, que se mostrou favorecedor de relações saudáveis.

Sobre as mudanças nas dimensões do apego, algumas questões permanecem incongruentes nos dados. A necessidade de atender às expectativas do parceiro ou de estar em uma relação a qualquer custo - na qual Isabel narrou ter experimentado redução significativa e que ela associa à capacidade de conseguir acessar e validar os próprios sentimentos e desejos - está definida como parte da dimensão de ansiedade no apego. Essa participante, no entanto, não apresentou redução nessa dimensão, mas sim na de evitação. Por outro lado, ficou claro o movimento em direção ao estilo de apego seguro. Sobre esse ponto, Bartholomew & Horowitz (1991), no artigo em que desenvolvem a caracterização desses estilos de apego, ressalta que grande parte dos participantes apresentou características de mais de um estilo de apego, sendo tais especificidades individuais camufladas ao tratar os dados na coletividade. Sobre esse ponto, Bonache et al. (2016) apontaram que pessoas com estilo evitador desconsiderador - diante das exigências do parceiro - podem recorrer a estratégias de superengajamento. Tais resultados apontam para a possibilidade de que as respostas de ansiedade e de evitação possam ocorrer independentemente do estilo de apego predominante dentro de circunstâncias distintas, especialmente para os estilos de apego inseguro.

Resta analisar as estratégias ou contextos que favoreceram desfechos de aproximação do apego seguro e de aumento do acesso e validação dos próprios sentimentos e desejos. Isabel atribui especialmente ao processo psicoterapêutico as mudanças em si mesma que identifica como favorecedoras de um relacionamento saudável. Pode-se, portanto, ventilar a possibilidade de que o processo psicoterapêutico tenha sido favorecedor da restauração do apego, aproximando-a do apego seguro. Marília, no entanto, também recorreu a essa estratégia e não obteve o mesmo desfecho. Diferenças na qualidade da intervenção, no tempo, no foco da

terapia, nas características individuais, na história familiar e no grau de insegurança no apego de cada participante mediam a relação entre o tratamento e o desfecho apontado, não sendo possível, a partir dos dados, analisar essas particularidades. Os resultados desse estudo apontam que processos terapêuticos direcionados à construção de relacionamentos amorosos com maior qualidade precisam promover o acesso dos próprios sentimentos e desejos e a validação dessa percepção.

No que concerne às características das relações intermediárias, elas parecem ter funcionado como um termômetro acerca dos aspectos favorecedores da transição para relações saudáveis: a habilidade de conseguir terminar relações diante de incompatibilidades (que não se expressaram de forma violenta) mesmo que o sentimento pela outra pessoa ainda estivesse presente antecedeu a entrada em relacionamento saudável. Nesse sentido, a validação das percepções, sentimentos e vontades – apontada aqui como favorecedoras de relações saudáveis - também parece atuar: quando esse processo não ocorre a contento, a retomada ou a extensão de relações que já não trazem felicidade ou não atendem às necessidades da pessoa torna-se mais provável, como ocorreu com Marília. Por outro lado, a capacidade de terminar relações diante da identificação de incompatibilidades e a despeito do sentimento parece consistir em um indicador de avanços nesse processo.

As diferenças nos processos de término de relacionamento que antecederam cada um dos desfechos devem ser também consideradas. Enquanto Isabel passou por todos os estágios de mudança – incluindo recaídas -, Marília saltou, no primeiro relacionamento, da pré-contemplação para a ação - tendo posteriormente, contudo, identificado claramente as características de violência daquela relação - o que pode ter limitado a exposição a alguns aprendizados importantes. De toda forma, ressalta-se mais uma vez que mesmo no caso de Isabel, as habilidades que permitiram o término da relação violenta não coincidiram com aquelas que permitiram o início de nova relação que fosse saudável. Tendo como perspectiva

a superação da violência – e não o término de uma relação violenta – a entrada em nova relação abusiva pode ser entendida como recaída, exigindo novo avanço no processo para o qual o desfecho de assumir relações saudáveis parece demandar as habilidades de acessar e validar sentimentos e desejos apontadas nesse trabalho.

Sobre as implicações para a prática profissional, os resultados encontrados apontam para a complexidade dos processos necessários para efetiva superação da violência através da transição para novas relações que sejam saudáveis. Intervenções delineadas a partir da promoção da capacidade de acessar e validar os próprios sentimentos e vontades e de promover apego seguro tenderão a apresentar maior chance de efetividade na promoção de relações saudáveis. As características do apego são moldadas ainda nos primeiros anos de vida, com forte influência da qualidade das relações parentais e, embora não sejam imutáveis, tendem a ser relativamente estáveis (Bowlby, 1998; Scharfe, 2012). Outras relações estabelecidas ao longo do desenvolvimento, no entanto, podem favorecer mudanças no apego desde que contem com acessibilidade, receptividade e estímulo à autonomia. Professores, parentes da família estendida, irmãos, amigos e parceiros amorosos, por exemplo, podem ser figuras importantes para propiciar mudanças no apego. Nesse sentido, investimentos no desempenho do papel de proteção entre profissionais que atuam com crianças e adolescentes podem ser frutíferos. Para adultos cujo apego inseguro já esteja estabelecido, a psicoterapia baseada na restauração do apego também parece ser promissora (Diamond & Stern, 2012; Levy & Orlans, 2012).

Para a prevenção, especialmente a de caráter universal (direcionada a toda a população), a primeira e mais evidente estratégia reside no fomento a relações parentais baseadas em acessibilidade e disponibilidade (Murta, Rodrigues, Rosa & Paulo, 2012; Van Ryzin, M.J.; Roseth, C.J.; Fosco, G.M.; Lee, Y. and Chen. I., 2016). Iniciativas que insiram a promoção de saúde mental e vínculos seguros na atenção à saúde básica e, mais especificamente, no acompanhamento das famílias gestantes apresentam grande potencial preventivo nessa

perspectiva. Para a prevenção seletiva (aquela direcionada a um grupo de risco), ainda, o apego inseguro mostrou-se um bom critério de seleção.

Outro caminho que parece promissor reside não só em ter o apego como critério de seleção, mas como estratégia de intervenção. Estudos anteriores apontam que a ativação de apego seguro através de imagens ou sugestões, independente do estilo de apego, tendeu a suscitar mais respostas de empatia, menos agressividade contra grupos externos (mesmo em contexto de conflito armado, como no caso de Israel e Palestina!) e mais valores autotranscendentes (Mikulincer, Gillath, Halevy, Avihou, Avidan, & Eshkoli, 2001; Mikulincer & Shaver, 2001). A viabilidade de tal aplicação demanda ainda muito estudo, o que poderá ser realizado em pesquisas futuras. Investir na qualidade das relações de amizade e dos laços comunitários como fonte de acessibilidade e disponibilidade pode se mostrar um caminho promissor nesse sentido uma vez que contextos com menos instabilidade e mais acolhimento e suporte tendem a gerar mais respostas de apego.

O treino de habilidades sociais também é uma possibilidade a ser explorada para a prevenção de namoros violentos. O desfecho final indicado como favorecedor do estabelecimento de relacionamento saudável foi a maior capacidade de assertividade. É importante, no entanto, que a adoção de tal estratégia não resida nos aspectos comunicacionais dessa habilidade, mas na primeira etapa apontada como parte dela: *entitlement*, dar-se o direito. Os resultados encontrados nesse estudo sugerem que a dificuldade de assertividade nos relacionamentos violentos não reside em não saber comunicar, mas no momento anterior, que se refere a identificar o que se quer comunicar. Ou seja, na segurança de que os próprios sentimentos e desejos são válidos e dignos de serem respeitados e atendidos. Dessa forma, o problema central que precisa ser endereçado não está em não conseguir dizer de forma adequada o que se quer, mas em não conseguir saber o que se quer.

Como limitações dessa pesquisa, é importante destacar, em primeiro lugar, a impossibilidade de generalização dos dados. Por se tratar de delineamento de estudo de caso, os dados apresentados permitem elucidar a compreensão de um processo, mas não sua validade externa para grupos populacionais. Ainda, a amostra contou com participantes com alto nível de escolaridade, brancas e que narraram relações com pessoas do sexo oposto (embora uma delas tenha orientação bissexual) e que, ainda que não pertençam aos estratos mais altos de renda, tampouco compõem grupo vulnerável, não tendo sido verificadas outras vulnerabilidades sociais associadas à sua história de vitimização por violência no namoro, o que eventualmente poderia gerar particularidades nos processos estudados.

A influência do pertencimento a grupos minoritários de raça e orientação sexual merece maior atenção no estudo da transição para relacionamentos saudáveis, especialmente considerada a restrição de apoio social enfrentada como consequência dos preconceitos e da discriminação. Ainda, diferenças entre homens e mulheres no que tange aos processos de término de relações violentas e transição para novas relações poderão ser endereçados em pesquisas futuras. Dada a forte incidência de estereótipos de gênero nas relações entre homens e mulheres, e as diferenças no apego entre os gêneros, essa influência precisa ser melhor explorada em estudos quantitativos e qualitativos.

Outra limitação reside no recorte retrospectivo. Tanto as informações acerca do enfrentamento da violência nos relacionamentos e à transição para novas relações, como as mudanças no apego foram avaliadas retrospectivamente, o que traz viés aos dados. Estudos longitudinais poderão trazer esclarecimentos sobre as interpretações aqui realizadas. Ainda, a inexistência do acesso do parceiro ou de outros informantes é uma limitação importante no que tange às fontes de informação. Diante das limitações de natureza ética e prática que dificultam o acesso ao parceiro, o recrutamento em ambientes nos quais o casal já esteja sendo atendido

em razão da situação de violência – como nos espaços judiciais ou de atenção à violência – podem ser uma alternativa viável.

Referências

Alexander, P.C. Tracy, A., Radek, M. & Koverola, C. (2009). Predicting Stages of Change in Battered Women. *Journal of interpersonal violence*. 24, 1672-1772.

Anderson, C. (2003). Evolving Out of Violence: An Application of the Transtheoretical Model of Behavioral Change. *Research and Theory for Nursing Practice: An International Journal*, 17 (3), 225-240.

Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: an attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7, 147-178.

Bartholomew, K. & Horowitz, L.M. (1991). Attachment Styles among young adults: a test of a four-category model. *Journal of personality and social psychology*, 61 (2) 226-244.

Bell, M.E., Goodman, L.A., Dutton, M.A. (2007). The Dynamics of Staying and Leaving: Implications for Battered Women's Emotional Well-Being and Experiences of Violence at the End of a Year. *Journal of family Violence*. 22:413–428.

Bonache, H.; Gonzalez-Mendez, R.; Krahé, B. (2016). Adult Attachment Styles, Destructive Conflict Resolution, and the Experience of Intimate Partner Violence. *Journal of Interpersonal Violence*. DOI: 10.1177/0886260516640776

Bonache, H.; Gonzalez-Mendez, R.; Krahé, B. (2017). Romantic attachment, conflict resolution styles, and teen dating violence victimization. *Journal of Youth and Adolescence*. DOI 10.1007/s10964-017-0635-2.

Bowlby, J. (1998). Vol II: Separação: angústia e raiva. *Apego e Perda*. Martins Fontes: São Paulo.

Burke, J.G., Gielen, A.C., McDonnel, K.A., O'Campo, P. & Maman, S. (2001) The Process of Ending Abuse in Intimate Relationships: A Qualitative Exploration of the Transtheoretical Model, *Violence Against Women*. 7, 1144-1163.

Creswell, J.W. (2007). Five qualitative approaches to inquiry in *Qualitative Inquiry and Research Design: choosing among five approaches*. California: Sage.

Diamond, G.S. & Stern, R.S. (2012). Terapia familiar baseada no apego para adolescentes – restaurando as falhas de apego. In S.M. Johnson & V.E. Whiffen (org.). *Os processos do Apego na Terapia de Casal e Família*. São Paulo – SP: Roca.

Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*. 52, 511-524.

Johnson, S.M. (1986). Bonds as bargains: Relationship paradigms and their significance for marital therapy. *Journal of Marital and Family Therapy*, 12, 259-267.

Johnson, S.M. (2012). Introdução ao apego: Um guia terapêutico para lidar com os vínculos primários e sua renovação. In S.M. Johnson & V.E. Whiffen (org.). *Os processos do apego na terapia de casal e família*. São Paulo – SP: Roca.

Jovchelovitch, S. & Bauer, M.W. (2000). Entrevista Narrativa in M.W. Bauer and G. Gaskell (org.). *Pesquisa Qualitativa com Texto Imagem e Som*. Petrópolis,RJ: Vozes.

Levy, T.M. & Orlans, M. (2012). Criando e restaurando apego em famílias biológicas, de adoção temporária e adotiva. In S.M. Johnson & V.E. Whiffen (org.). *Os processos do Apego na Terapia de Casal e Família*. São Paulo – SP: Roca.

Martsof, D.S., Draucker, C.B., Stephenson, P.L., Cook, C.B. & Heckman, T.A. (2012). Patterns of dating violence across adolescence. *Qualitative Health Research*. 22(9) 1271-1283.

Mikulincer, M., Gillath, O., Halevy, V, Avihou, N., Avidan, S., & Eshkoli, N. (2001). Attachment theory and reactions to others' needs: evidence that activation of the sense of attachment security promotes empathic responses. *Jornal of Personality and Social Psychology*, 81, 1205 – 1224.

Mikulincer, M. & Shaver, P.R. (2001). Attachment theory and intergroup bias: evidence that priming the secure base schema attenuates negative reactions to outgroup. *Journal of Personality and Social Psychology*, 81, 97-115

Murta, S.G., Ramos, C.E.P.L., Cangussú, E.D.A., Tavares, T.N.G. & Costa, M.S.F. (2014). Desenvolvimento de um website para prevenção à violência no namoro, abandono de relações íntimas abusivas e apoio aos pares. *Contextos Clínicos*.7(2):118-132.

Murta, S.G., Ramos, C.E.P.L. & Parada, P.O. (2017). Abandonando namoros violentos: da tomada de consciência à prevenção de recaídas. *Manuscrito em preparação*.

Murta, S. G., Rodrigues, A. C. R., Rosa, I. O., & Paulo, S. G. (2012). Avaliação de um programa psicoeducativo de transição para a parentalidade. *Paideia*, 22, 403-412.

Natividade, J.C. & Shiramizu V.K.M. (2015). Uma medida de apego: versão brasileira da *Experiences in Close Relationship Scale – Reduzida* (ECR-R-Brasil). *Psicologia USP*. 26 (3) 484-494.

Parada, P.O. & Murta, S.G. (2017). Término de relacionamentos íntimos violentos: uma revisão da literature. *Manuscrito em elaboração*.

Prochaska, J.O., DiClemente, C.C., Norcross, J.C. (1992). In search of how people change. Applications to addictive behaviors. *American Psychologist*. 47 (9) 1102-1114.

Schachner, D.A., Shaver, P.R. & Mikulincer, M. (2012). Teoria do apego adulto, psicodinâmica e relações conjugais: uma visão geral. In S.M. Johnson & V.E. Whiffen (org.). *Os processos do Apego na Terapia de Casal e Família*. São Paulo – SP: Roca.

Scharfe, E. (2012). Estabilidade e mudança das representações de apego: do berço à morte. In S.M. Johnson & V.E. Whiffen (org.). *Os processos do Apego na Terapia de Casal e Família*. São Paulo – SP: Roca.

Shiramizu, V.K.M., Natividade, J.C., Lopes, F.A (2013). Evidências de validade do Experience in Close Relationships (ECR) Inventory para o Brasil. *Estudos de Psicologia*. 18 (3) 457-465.

Shurman, L.A., Rodriguez, C.M. (2006). Cognitive-Affective Predictors of Women's Readiness to End Domestic Violence Relationships. *Journal of interpersonal violence*. 21, 1417-1439.

Van Ryzin, M.J.; Roseth, C.J.; Fosco, G.M.; Lee, Y. & Chen. I. (2016) A component-centered meta-analysis of family-based prevention programs for adolescent substance use. *Clinical Psychology Review*, 45 (2016), pp. 72-80.

Capítulo 5

Conclusões

Sumário dos Resultados

Esse trabalho teve como foco dois processos importantes ao alcance de relações saudáveis por boa parte dos adolescentes e jovens adultos: o de terminar uma relação violenta e o de fazer a transição para uma nova relação. Tais processos foram estudados com o objetivo de maior compreensão dos aspectos contextuais, relacionais e pessoais envolvidos em seu desenrolar com o intuito de respaldar iniciativas de desenvolvimento de intervenções, especialmente as de caráter preventivo.

A literatura sobre a área mostrou-se pouco desenvolvida, apontando, no entanto, para caminhos promissores. Sobre o término de relações violentas, os estudos quantitativos tiveram como características metodológicas o uso exclusivo de delineamentos observacionais com predominância do recorte transversal e a ausência de métodos de recrutamento que permitam acessar pessoas nas condições mais vulneráveis de violência. A escala Conflict Tactics Scale - CTS 2 (Straus, Hamby, Boney-McCoy & Sugarman, 1996) mostrou-se instrumento bastante utilizado no campo. O uso do Modelo Transteórico de Mudanças permitiu a inserção da compreensão do término enquanto processo nos estudos quantitativos. As variáveis relacionadas ao avanço rumo ao término foram: ter poucas barreiras estruturais (relativas a renda, ter casa própria, etc), contar com normas subjetivas (aquilo que a própria pessoa entende como sendo a opinião de outros significativos) favoráveis ao término, ter baixo nível de comprometimento e investimento na relação (definido pela avaliação da satisfação com o relacionamento, da qualidade das alternativas e dos investimentos irrecuperáveis), atribuir a responsabilidade pelas agressões ao autor da violência, ter intenção e avaliar o término como possível, além do sentimento de raiva.

Os estudos qualitativos lançaram luz à aplicação de modelos – especialmente do Modelo Transteórico – e propuseram novos modelos e estratégias de análise para compreensão do fenômeno: Modelo de Prontidão Psicossocial e Modelo Conceitual de Vulnerabilidade. O

uso de linha cronológica do processo de superação da violência também foi feito. Esses estudos, ainda, apontaram avanços em investigar algumas das estratégias às quais participantes recorreram no processo de término da relação. Auto-observação, busca de suporte social, autocuidado, busca de informações, teste de soluções (ex: terminar e retomar, tentar acabar com a violência dentro da própria relação), avaliação de riscos para terceiros, controle de estímulos, análise de riscos e benefícios, regulação de emoções e empoderamento foram empregadas no avanço rumo ao término. Após o término, trazer à consciência os aspectos relacionados às emoções negativas ligadas à relação e aos próprios esquemas disfuncionais que operam nas relações amorosas, manejar situações de risco, dedicar atenção a necessidades de outros campos da vida, análise de prejuízos e ganhos, autovalorização e dedicar-se a novos interesses foram as estratégias mapeadas nos estudos que se debruçaram sobre esse tema.

Sobre o Modelo Transteórico de Mudanças, esse estudo apresenta uma proposta de aplicação ao término da vivência de violência em uma relação que se mostrou adequada com base nos dados coletados. Ter o fim da vivência de violência em uma relação como foco da mudança, nesse caso, torna o modelo mais aplicável que na condição em que o foco é unicamente o término do namoro uma vez que o processo de mudança mostrou ter início com a percepção da violência e a atribuição dos sentimentos de sofrimento a essa condição, o que caracteriza o estágio de contemplação. Anteriormente, na pré-contemplação, a violência não passa totalmente despercebida, mas os questionamentos a esse respeito são minimizados ou negados e o sofrimento é vivenciado de forma difusa ou atribuído a outras condições. A entrada na preparação se dá com tentativas de mudança dentro da própria relação, através de testes de soluções. Diante da falta de resposta do parceiro, tem início a preparação para o término da relação. O que informa esse avanço é a resposta do parceiro aos testes de solução: quando as mudanças esperadas não ocorrem a despeito das tentativas, o foco no término se inicia. Nesse ponto, pode haver recaída para a contemplação do término, que consiste justamente na

avaliação sobre os desfechos diante da constatação de que, a despeito dos esforços, o parceiro não muda. A ação, diante do viés de seleção da amostra, se deu através do término da relação e envolveu enfrentar barreiras de ordem prática. A violência teve fim após o término, mas ainda durante essa fase para a maior parte dos participantes a partir da decisão de romper totalmente o contato. A permanência fora da relação caracterizou a manutenção. Essa proposta insere a dimensão da relação no avanço entre os estágios do processo, além de permitir compreender a interrupção da violência a partir de dois desfechos possíveis: o término da relação ou o fim da violência dentro do próprio relacionamento. Pesquisas que investiguem os processos relativos ao segundo desfecho ainda ficam pendentes.

Para avanço entre os estágios, identificaram-se aspectos contextuais, características da relação e das estratégias que cada pessoa adotou que favoreceram ou retardaram o processo. As mudanças contextuais favorecedoras proporcionaram ampliação de modelos, acesso a novas ideias ou a informações sobre relações abusivas, o que impactou ou catalisou as estratégias que cada pessoa vinha adotando. A presença de suporte social adequado foi um aspecto contextual que incidiu sobre diversas estratégias pessoais e processos de mudança, despontando como um foco promissor para o desenvolvimento de intervenções futuras. No mesmo sentido, as principais barreiras contextuais residiram no apoio inadequado de amigos ou familiares. Na esfera da relação, os facilitadores mais comuns foram a ocorrência de formas de violência mais explícitas ou mais severas e a falta de mudança por parte do parceiro, levando à conclusão de que, independentemente dos esforços empregados, a outra pessoa permanece recorrendo à violência. As principais barreiras na esfera da relação referiram-se à ponderação e afeto relativos aos aspectos positivos do relacionamento e à suscitação de culpa pelo parceiro.

Na dimensão pessoal, as estratégias adotadas foram classificadas segundo os processos de mudança propostos por Prochaska et al. (1994). Para avançar entre pré-contemplação e contemplação, aumento da consciência (ex: ler sobre o assunto, confirmar percepções com

ajuda de outras pessoas) e alívio dramático (ex: acessar e validar sofrimento advindo da relação) foram os principais processos. Entre contemplação e preparação, autorreavaliação (ex: ponderar como os problemas da relação afetam a vida), relações de ajuda (ex: conversar com amigos sobre os problemas) e aumento de consciência foram utilizados com mais intensidade. Na passagem da preparação para mudança para a preparação para o término, os processos do estágio anterior, além da reavaliação do ambiente (ex: constatar que, a despeito de qualquer esforço, não há mudança da outra pessoa), foram os mais presentes. Entre a preparação para o término e sua efetivação (ação) recorreu-se a autoliberação (ex: dizer a si que é capaz de terminar, empoderar-se), relações de ajuda (ex: suporte emocional para si e para o parceiro, fortalecer amizades), manejo de reforços (ex: estabelecer para si data limite para tomar a atitude do término) e controle de estímulos (ex: olhar marca roxa no espelho). Para o avanço entre ação e manutenção, os principais processos foram contracondicionamento (ex: pensar em como se sentia com ele e como se sente sem ele quando sente saudade), controle de estímulos (ex: mudar de telefone), relações de ajuda (ex: distrair-se com amigos, apoio emocional, apoio para rompimento total do contato), reavaliação ambiental (ex: perceber ganhos em outros campos da vida), e liberação social (ex: expandir experiências que antes não podia ter por restrição do parceiro).

A principal barreira encontrada na dimensão pessoal referiu-se a uma barreira desenvolvimental: as dificuldades intrínsecas ao período de adolescência, seja no que tange à escassez de habilidades diante da falta de experiências ou no amadurecimento emocional que permita acessar sentimentos, compreendê-los e lidar com eles. Para além da barreira desenvolvimental, lidar com os sentimentos (medo, tristeza, saudade, culpa) e compreender que a empatia não pode gerar leniência foi um aspecto que precisou ser ultrapassado pelos participantes.

Para investigar a transição para novas relações, focou-se no estudo de caso de duas participantes: uma que transitou para relação saudável após o término e outra que transitou para novo namoro violento. Os dados apontaram que mudanças no contexto favorecedoras da ampliação de modelos, do acesso a novas ideias e a informações sobre violência nas relações, embora tenham sido importantes para gerar bem-estar e desencadear processos pessoais de autocuidado, não foram suficientes para o desfecho de transitar para relação saudável. Para o alcance de tal relação, a capacidade de acessar sentimentos e vontades e validá-los foi um ponto crucial encontrado nos dados. Essa habilidade foi acompanhada de mudanças no apego que o aproximaram do estilo seguro. Esses dois aspectos se expressaram no novo relacionamento através de maior capacidade de assertividade sobre os próprios limites e espaço, acompanhado do respeito a esses aspectos em relação ao parceiro.

Relevância Científica

Esse estudo avançou principalmente por se constituir em uma exploração inicial acerca de um processo crucial para a superação da violência nos relacionamentos que, a despeito disso, tem sido negligenciado nas pesquisas científicas: a transição para relações saudáveis após o término de namoros violentos. Ademais, analisou lacunas na aplicação do Modelo Transteórico de Mudanças ao fim da vivência de violência em uma relação. Esse modelo já conta com vasto histórico de investigações científicas, motivo pelo qual sua adoção tende a trazer avanços tanto para o campo das pesquisas na área como para as implicações práticas nos serviços de atendimento. Como última contribuição, esse trabalho examinou os aspectos do contexto, da relação e pessoais que constituem barreiras e facilitadores para o fim da relação, encontrando resultados semelhantes aos de estudos anteriores (Murta, Ramos, Cangussú, Tavares & Costa, 2014)

Relevância Social

A violência nas relações amorosas mostrou-se um fenômeno de alta prevalência entre adolescentes e adultos (Oliveira, Assis, Njaine, K. & Oliveira, R.V.C., 2011) e tem sido associada a diversos desfechos sociais e pessoais preocupantes: depressão (Adeodato, Carvalho, Siqueira & Souza, 2005), transtorno de estresse pós-traumático (Hatzenberger, Lima, Lobo, Leite & Kristensen, 2010), prejuízos cognitivos (Hatzenberger et al., 2010), maior risco de suicídio (Nahapetyan, Orpinas, Song, Holland, 2013), maior chance de sexo desprotegido (Silverman, Raj, & Clements, 2004; Taquette, Ruzany, Meirelles, Ricardo, 2003), maior chance de gestação indesejada, aborto e complicações na gestação (Puccia & Mamede, 2012), maior risco de gestação na adolescência, (Silverman, Raj, & Clements, 2004), maior instabilidade no emprego (Crowne, Juon, Ensminger, Burrell, McFarlane & Duggan, 2011).

Tal cenário aponta para a urgência em aprimorar as políticas públicas e desenvolver estratégias e técnicas de intervenção que permitam reduzir a vivência de violência na relação, o que pode se dar por diversos caminhos. Sob uma perspectiva preventiva, as relações de namoro configuram-se em um contexto precioso à intervenção em razão de tenderem a envolver menor grau de comprometimento, estabilidade e barreiras externas. Nesse sentido, o favorecimento da transição para relações saudáveis após o término de um namoro violento mostra-se uma estratégia promissora.

Implicações para a prática profissional e para as políticas públicas

Os dados apresentados confirmam o namoro como espaço importante para a prevenção da violência nos relacionamentos. A revisão de literatura encontrou as barreiras estruturais como um grande limitador ao término. Os participantes enfrentaram poucas limitações nesse sentido - à exceção de uma, que teve coabitação - uma vez que as relações de namoro não

costumam envolver compartilhamento de responsabilidades ou dependência financeira. Ainda, no que concerne ao nível de investimento na relação, os investimentos irrecuperáveis – como tempo de relação e esforços empreendidos em sua manutenção - tendem a ser menores para essa forma de relacionamento. No mesmo sentido, a qualidade das alternativas ao relacionamento apresenta menos ônus por não envolver filhos, perdas financeiras ou resoluções de questões práticas na maioria dos casos.

No que tange às políticas públicas, a maior efetividade de suporte, especialmente no âmbito da assistência, mas também da educação e da saúde, mostra-se essencial para viabilizar o término de relações violentas diante dos dados consistentes na literatura que apontam as barreiras estruturais como um dos principais limitadores da saída desse tipo de relação. Se para as(o) participantes desse estudo, que não contavam com vulnerabilidades sociais associadas ao histórico de violência, o término do namoro foi um processo sofrido, complexo e longo, há que se imaginar o nível de complexidade que esse tipo de vulnerabilidade acrescenta. Nesse sentido, celeridade nos auxílios emergenciais das políticas de assistência, políticas de geração de trabalho e renda e de assessoramento na inserção ao mercado e a existência de abrigos ou residências provisórias mostram-se requisitos mínimos para se falar em atenção à violência. Somado a isso, o acesso a vagas em creches e na educação infantil para os filhos e a assistência em saúde que considere os processos envolvidos no abandono da relação são necessários. Diante das desigualdades de gênero no que concerne ao tempo dedicado e responsabilidade nos cuidados dos filhos e às discrepâncias salariais e de oportunidades entre homens e mulheres no mercado de trabalho, essas vulnerabilidades tendem a atingir as mulheres em grau abissalmente maior, o que deve ser considerado na priorização de recursos.

Os dados trazem implicações interessantes para a prática profissional no que concerne ao avanço rumo à identificação consistente da violência na relação e de seu término – quando esse for o desfecho desejado pela pessoa – e na transição para relações que sejam saudáveis.

No que concerne à prevenção, apontam-se estratégias para as modalidades universal, seletiva e indicada. Para a prevenção universal, estratégias que promovam apego seguro mostram-se preciosas. Tais iniciativas encontram nas relações pais e filhos, com ênfase nos primeiros anos de vida, um espaço de atuação necessária. O momento de transição para parentalidade é promissor e os espaços da atenção básica e, mais particularmente, do pré-natal ganham importância nesse viés.

Para a prevenção seletiva (cujo foco é um grupo de risco), ter algum dos estilos de apego inseguro mostra-se um bom critério com base na literatura científica. De acordo com os resultados desse estudo, os objetivos de programas preventivos deverão incluir o desenvolvimento da capacidade de acessar e validar sentimentos e vontades. Tal desfecho, se exitoso, tenderá a se expressar em maior assertividade nas relações interpessoais. Estratégias baseadas na restauração do apego apresentam potencial de sucesso. O espaço da escola, especialmente na condição de interface com os serviços de saúde atuando de forma conjunta – a despeito das dificuldades enfrentadas na efetuação dessa atuação, que precisam ser endereçadas -, mostra-se muito adequado para essa esfera de prevenção (Penso, Brasil, Tarouquella, Arrais, Lordello, 2013).

A prevenção indicada, por sua vez, demandaria a identificação de pessoas que estão em momento inicial de um primeiro namoro violento, o que se mostra um desafio. Para pessoas que vivenciem essa condição, técnicas que favoreçam a validação das percepções sobre a violência e a atribuição do sofrimento a isso mostram-se necessárias. A partir desse ponto, o papel do profissional consistiria em auxiliar a avaliação realista sobre a resposta do parceiro às tentativas de mudança, o que tenderia a informar sobre o desfecho na continuidade do processo de mudança: se a continuidade da relação sem violência ou o seu término. A diversidade de estratégias mostrou-se importante para finalizar uma relação violenta. Uma vez finalizada, o investimento no processo de transição para novas relações com base no acesso e validação aos

próprios sentimentos e vontades são, ainda, necessários para favorecer a transição para relação saudável.

Dada a importância crucial da rede de suporte, estratégias direcionadas aos pares e às famílias parecem apresentar grande potencial. Quando ausente ou inadequada, essa rede mostrou-se uma barreira consistente no avanço rumo ao término. Quando adequada, por outro lado, foi um facilitador essencial em todos os estágios, influenciando nos processos de mudança. No âmbito macro, campanhas que reduzam os preconceitos – ainda tão comuns - dirigidos às pessoas que vivem relações violentas são urgentes, especialmente aqueles que se referem à culpabilização e desqualificação da vítima. Maior acesso à informação e à sensibilização para o fenômeno também é necessário uma vez que a sua banalização – especialmente das formas de violência mais aceitas socialmente, como aquelas associadas aos ciúmes - não só permeia a cultura e a história como aparece frequentemente em letras de música, histórias, novelas sem que haja qualquer forma de questionamento sobre isso. Sob uma perspectiva micro, o desenvolvimento de intervenções que auxiliem as pessoas a identificarem se os amigos ou familiares estão em relações violentas, em qual estágio eles estão e quais as formas de ajuda que podem ser mais adequadas demonstram grande potencial de efetividade. Tais iniciativas, no entanto, demandam mais estudos sobre os impactos da ajuda naqueles que a oferecem, visando evitar riscos. Santos (2016) realizou iniciativas promissoras nesse sentido.

No que tange aos tratamentos, sua customização segundo os estágios do Modelo Transteórico de Mudanças apresenta maior potencial de efetividade. As intervenções breves - condição muito comum nos serviços públicos de atenção a vítimas de violência –, por exemplo, podem ser delineadas com o objetivo de avançar um estágio, o que aumenta muito as chances de sucesso futuro. A customização, nesse caso, reside essencialmente em oferecer a cada pessoa aquilo que se adequa ao momento de prontidão para mudança em que se encontra, ao invés de tratar a todas como se estivessem sob as mesmas condições.

Por fim, no que concerne à capacidade de transitar para relações saudáveis e, aparentemente, de construir esse tipo de relação, a habilidade de acessar e validar sentimentos e vontades mostrou-se necessária. Nesse sentido, a reparação do apego, aproximando-o do apego seguro mostra-se um caminho promissor. Esse é um elemento que provavelmente já faz parte da atuação dos bons terapeutas de forma intuitiva. Sua maior sistematização, no entanto, tende a contribuir para o desenvolvimento e disseminação de técnicas.

Limitações do Estudo

Essa pesquisa teve como limitação a impossibilidade de generalização dos dados diante da pouca quantidade de participantes, propondo-se, no entanto, à compreensão aprofundada dos processos vividos pelas participantes. Pesquisas futuras com amostras representativas poderão investigar a validade externa das análises aqui apresentadas. Um segundo aspecto limitante reside no recorte retrospectivo do método de coleta dos dados. A pesquisa baseada no acesso a experiências ocorridas há algum tempo apresenta a fragilidade de não permitir acompanhar um processo enquanto ele ocorre, trazendo mais vieses.

Limitações da amostra no que diz respeito ao acesso a grupos socialmente vulneráveis e a minorias sociais devem ser ponderadas. As(o) participantes contavam com alto nível de escolaridade e vinham de famílias das classes A, B ou C, não contando com vulnerabilidades sociais significativas no aspecto de renda. Ainda, todas as relações abordadas foram com pessoas do sexo oposto, ainda que duas participantes tenham declarado orientação bissexual (sendo essa, por si só, uma vulnerabilidade).

Agenda de Pesquisa

Essa pesquisa explorou os processos de término de relações violentas e transição para novas relações como alternativa para a superação da violência nas relações amorosas. Outros caminhos, no entanto, são possíveis para o alcance desse desfecho e merecem maior atenção. Nesse sentido, a possibilidade de cessação das agressões dentro de uma mesma relação é um fenômeno que carece de mais estudos que abordem tanto aspectos relacionais como individuais e contextuais. Pesquisas com casais que tenham seguido esse desfecho poderão elucidar os processos seguidos nas experiências em que se obteve resultados satisfatórios. A cessação da perpetração de violência, seja em relações em que ela ocorre de maneira bilateral ou unilateral, seja através das transições entre relacionamentos, também merece atenção especial. O uso do Modelo Transteórico de Mudanças a esses outros desfechos possíveis também aponta para elevado grau de aplicabilidade tanto ao campo da pesquisa como às intervenções com pessoas que estejam envolvidas em relações violentas. Sobre esse Modelo, ainda, pesquisas futuras poderão avançar no que concerne à aplicação das dimensões da balança decisória e da autoeficácia para o fenômeno da superação da violência nas relações, além de produzir instrumentos que avaliem as quatro dimensões do Modelo: estágios de mudança, processos de mudança, balança decisória e autoeficácia. Investigações futuras poderão confirmar a validade externa das análises aqui apresentadas utilizando-se de amostras representativas da população.

Outro aspecto digno de atenção da agenda de pesquisa reside na ampliação da compreensão do fenômeno da violência nas relações amorosas. Esse tem sido estudado como sinônimo de estratégia de resolução de conflitos, sendo a CTS 2 (Straus et al., 1996) um instrumento ao qual se recorre com frequência. As entrevistas com as(o) participantes desse estudo, no entanto, demonstraram que essa é apenas um dimensão da violência que, embora muito importante, não parece ser a mais deletéria. As formas de violência que as(o)

participantes associaram aos desfechos mais prejudiciais à saúde mental residiram, com frequência, justamente naquelas que impediam que eventuais conflitos viessem à tona, prendendo as pessoas durante longos períodos em ciclos de agressões veladas. A maior atenção à violência simbólica nos instrumentos e métodos de pesquisa pode se mostrar como um caminho viável no acesso mais fidedigno às experiências de violência nas relações amorosas, aspecto que poderá ser endereçado em pesquisas futuras. Esse também parece apontar para um aspecto importante no que concerne à categoria gênero. Os estudos epidemiológicos são consistentes em apontar vitimização em níveis muito próximos entre homens e mulheres, o que contrasta drasticamente com as observações dos profissionais que atuam com essa população, não no sentido de que a violência não ocorra frequentemente de forma recíproca entre os casais – o que a torna essencialmente um fenômeno relacional -, mas no sentido de que a vitimização de homens e de mulheres não aparece absolutamente como um fenômeno simétrico. A inserção da dimensão da violência simbólica – definida pela violência que ocorre de forma silenciada, nas práticas e nas relações sociais cotidianas e que pode se manifestar de maneira concomitante com outras formas de violência – nos instrumentos de pesquisa parece apresentar potencial de elucidar as diferenças de gênero, cuja compreensão limitada à direcionalidade da violência nas situações de conflito parece mostrar-se limitada diante da realidade.

Ainda no que concerne à instrumentação, um aspecto que salta aos olhos é a classificação de toda a violência psicológica como leve nos instrumentos e nas pesquisas, aspecto unânime em todos os artigos que tangenciaram esse assunto. Em contraste, essa forma de violência foi indubitavelmente aquela apontada como associada aos desfechos mais deletérios pelas(o) participantes. Se os estudos desenvolvidos por psicólogos não forem capazes de dar a devida importância para esse fenômeno, não será possível que ele venha a ser tratado com a devida atenção. Classificações que segmentem níveis de violência psicológica – leve, moderada e grave, por exemplo -, como ocorre com outras formas de violência, parecem

apresentar maior adequação ao fenômeno. Estudos futuros poderão debruçar-se sobre essa questão.

Por fim, um último ponto para a agenda de pesquisa reside na operacionalização da compreensão do estabelecimento de relações saudáveis como tarefa desenvolvimental que emerge nas fases de adolescência e jovem adulto. As limitações desenvolvimentais da adolescência, por exemplo, consistiram em uma barreira significativa que prolongou as relações violentas nessa fase da vida. O potencial de intervenções nessas faixas etárias, portanto, mostra-se promissor. Nesse sentido, ainda, os aspectos que tangenciam as fases de adolescência e jovem adulto como período sensível à vivência de relacionamentos violentos aparecem nos casos relatados e sua relação com o apego parece merecer atenção. Pesquisas anteriores com recorte transversal demonstraram a tendência de redução da dimensão de ansiedade - o que não ocorre com a evitação - com o aumento da idade (Natividade & Shiramizu, 2015). Tal aspecto permite endereçar o desafio de aprender a relacionar-se intimamente de forma saudável como uma tarefa desenvolvimental importante nas fases de adolescência e jovem adulto. Tal tarefa tem sido negligenciada entre os estudiosos desse período, que só recentemente começam a considerá-la como parte da crise de desenvolvimento (Bonache, González-Mendez & Krahé, 2017).

Referências

- Adeodato, V.G., Carvalho, R.R., Siqueira, V.R., & Souza, F.G.M. (2005). Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros. *Revista de Saúde Pública*. 39 (1) 108-113.
- Bonache, H.; Gonzalez-Mendez, R.; Krahe, B. (2017). Romantic attachment, conflict resolution styles, and teen dating violence victimization. *Journal of Youth and Adolescence*. DOI 10.1007/s10964-017-0635-2.
- Straus, M.A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S. & Sugarman, D.B. (1996). The revised Conflict Tactics Scale (CTS2): development and preliminary psychometric data. *Journal of Family Issues*, 17, 283-316.
- Crowne, S.S., Juon, H., Ensminger, M., Burrell, L., McFarlane, E. & Duggan, A. (2011). Concurrent and Long-Term Impact of Intimate Partner Violence on Employment Stability. *Journal of Interpersonal Violence*. 26(6) 1282–1304
- Hatzenberger, R., Lima, A.P.V.L., Lobo, B., Leite, L. & Kristensen, C.H (2010). Transtorno de estresse pós-traumático e prejuízos cognitivos em mulheres vítimas de violência pelo parceiro íntimo. *Ciências & Cognição*. 15 (2) 094-110.
- Murta, S.G., Ramos, C.E.P.L., Cangussú, E.D.A., Tavares, T.N.G. & Costa, M.S.F. (2014). Desenvolvimento de um website para prevenção à violência no namoro, abandono de relações íntimas abusivas e apoio aos pares. *Contextos Clínicos*. 7(2):118-132.
- Natividade, J.C. & Shiramizu V.K.M. (2015). Uma medida de apego: versão brasileira da Experiences in Close Relationship Scale – Reduzida (ECR-R-Brasil). *Psicologia USP*. 26 (3) 484-494.
- Oliveira, Q.B.M., Assis, S.G.; Njaine, K. & Oliveira, R.V.C. (2011). Violências nas relações afetivo-sexuais in M.C.S. Minayo; S.G. Assis; K. Njaine (org.). *Amor e violência: um*

aparadoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros. Rio de Janeiro – RJ: Fiocruz.

Penso, M. A., Brasil, K. C., Tarouquella, R., Arrais, A.R., Lordello, S.R. (2013). A relação entre saúde e escola: percepções dos profissionais que trabalham com adolescentes na atenção primária à saúde no Distrito Federal. *Saúde e Sociedade*. 22, 542-553.

Prochaska, J.O., Velicer, W.F., Rossi, J.S., Goldstein, M.G., Marcus, B. H., Rakowski, W., et al. (1994). Stages of change and decisional balance for 12 problem behaviors. *Health Psychology*. 13 (1) 39-46.

Puccia, M.I.R. & Mamede, M.V. (2012). Revisão integrativa sobre a violência por parceiro íntimo na gestação. *Revista Eletrônica de Enfermagem*. 4(4) 944-56.

Santos, K.B. (2016). *Mobilizando Comportamentos de Ajuda na Rede de Amizades: Uma Estratégia de Prevenção à Violência no Namoro Baseada nos Pares e na Abordagem do Espectador*. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília. Brasília-DF. Brasil.

Silverman, J.G., Raj, A. & Clements, K. (2004). Dating Violence and Associated Sexual Risk and Pregnancy Among Adolescent Girls in the United States. *Pediatrics*. 114 (2) 220-225.

Anexos

Anexo A – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética

UNB - FACULDADE DE
MEDICINA**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: O processo de construção e abandono de relacionamentos de namoro violentos e não violentos entre jovens adultos.

Pesquisador: Priscila de Oliveira Parada

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 57966016.0.0000.5558

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia -UNB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.708.485

Apresentação do Projeto:

Vide parecer anterior.

Objetivo da Pesquisa:

Vide parecer anterior.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Vide parecer anterior.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O cronograma foi refeito e prevê o início do estudo piloto para 12/09/2016 e da pesquisa em si para 26/09/2016. Foi incluída nova Planilha de Orçamento contando com as despesas com alimentação e transporte dos participantes. O TCLE foi ajustado e incluído o título da pesquisa e a relação risco-benefício da mesma.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram incluídos no processo o TCLE; o projeto preenchido na Plataforma Brasil e planilha de orçamento e o cronograma refeitos.

Endereço: Universidade de Brasília, Campus Universitário Darcy Ribeiro - Faculdade de Medicina

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.910-900

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3107-1918

E-mail: fmd@unb.br

UNB - FACULDADE DE
MEDICINA



Continuação do Parecer: 1.708.485

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Trata-se de um projeto de pesquisa prospectivo que visa à dissertação de mestrado da pesquisadora responsável. Considero que as pendências foram resolvidas e o projeto poderá ser aprovado, salvo melhor juízo dos membros do CEP-FM.

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto apreciado na Reunião Ordinária do CEP-FM-UnB. Após apresentação do parecer do Relator(a), aberta a discussão para os membros do Colegiado. O projeto foi Aprovado por unanimidade.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_713455.pdf	13/08/2016 01:37:50		Aceito
Orçamento	Planilha_orcamento_revisada_Parada.pdf	13/08/2016 01:35:26	Priscila de Oliveira Parada	Aceito
Brochura Pesquisa	Projeto_orcamentoe Cronograma_revisados_Parada.pdf	13/08/2016 01:33:06	Priscila de Oliveira Parada	Aceito
Cronograma	Cronograma_revisado_Parada.pdf	13/08/2016 01:30:01	Priscila de Oliveira Parada	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_revisado_Parada.pdf	13/08/2016 01:25:54	Priscila de Oliveira Parada	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.doc	09/06/2016 20:39:21	Priscila de Oliveira Parada	Aceito
Outros	Resumo_estruturado_Parada.pdf	09/06/2016 19:33:49	Priscila de Oliveira Parada	Aceito
Outros	Declaracao_responsabilidade_Parada.pdf	09/06/2016 19:32:53	Priscila de Oliveira Parada	Aceito
Outros	Carta_de_encaminhamento_Parada.pdf	09/06/2016 18:06:52	Priscila de Oliveira Parada	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_Parada.pdf	09/06/2016 18:02:30	Priscila de Oliveira Parada	Aceito
Outros	Lattes_orientadora_Parada.pdf	22/05/2016 18:17:11	Priscila de Oliveira Parada	Aceito
Outros	Carta_revisao_etica_Parada.pdf	22/05/2016 18:16:21	Priscila de Oliveira Parada	Aceito
Outros	Vinhetas_Holman_Jarvis_Parada.pdf	22/05/2016 18:15:44	Priscila de Oliveira Parada	Aceito
Outros	Lattes_Parada.pdf	22/05/2016 18:01:07	Priscila de Oliveira Parada	Aceito

Endereço: Universidade de Brasília, Campus Universitário Darcy Ribeiro - Faculdade de Medicina
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1918 **E-mail:** fmd@unb.br

UNB - FACULDADE DE
MEDICINA



Continuação do Parecer: 1.708.485

Outros	Mapa_violencia_namoro_Parada.pdf	22/05/2016 17:59:46	Priscila de Oliveira Parada	Aceito
Outros	Mapa_qualidade_namoro_Parada.pdf	22/05/2016 17:57:52	Priscila de Oliveira Parada	Aceito
Outros	Roteiro_entrevista_namoro_nao_violento_Parada.pdf	22/05/2016 17:57:29	Priscila de Oliveira Parada	Aceito
Outros	Roteiro_entrevista_namoro_violento_Parada.pdf	22/05/2016 17:55:24	Priscila de Oliveira Parada	Aceito
Outros	ECR_Brasil_Parada.pdf	22/05/2016 17:53:39	Priscila de Oliveira Parada	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Aceite_institucional_Parada.pdf	22/05/2016 17:53:13	Priscila de Oliveira Parada	Aceito
Outros	CADRI_Parada.pdf	22/05/2016 17:52:53	Priscila de Oliveira Parada	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 01 de Setembro de 2016

Assinado por:

Florêncio Figueiredo Cavalcanti Neto
(Coordenador)

Endereço: Universidade de Brasília, Campus Universitário Darcy Ribeiro - Faculdade de Medicina
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1918 **E-mail:** fmd@unb.br

Anexo B – Roteiro de Entrevista Semi-estruturada

Roteiro de Entrevista para pessoas que estão ou estiveram em relacionamentos violentos

1. Raport
2. Esclarecimento sobre a pesquisa.
3. Apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.
4. Iniciação

Esse desenho na sua frente representa a linha do tempo do seu relacionamento. Nós vamos usá-lo ao longo da entrevista para registrar os eventos e outras informações que você considerar importantes. Podemos começar registrando o momento em que vocês se conheceram no início da linha. Você pode me contar, a partir daí, a história do seu relacionamento.

- Linha do tempo de todos os relacionamentos
- Linha do tempo relacionamento violento + pós relacionamento

5. Fase de perguntas (caso sejam necessárias)

Entrevistadora, marque abaixo os pontos que o participante abordou de forma satisfatória na narrativa espontânea. Faça apenas as perguntas que não tiverem sido respondidas. No caso de outras perguntas, lembre-se de não expressar julgamentos.

Para as perguntas relativas aos estágios de mudança, faça apenas aquelas que correspondam ao estágio de mudança em que você identifica que a pessoa esteja.

Entrada no relacionamento

- Como se conheceram?
- Como foi o envolvimento no começo?
- Quando a violência começou? (perguntar primeiro como se percebeu em relacionamento violento).

Término do relacionamento violento

- Quando percebeu que havia violência? Vamos voltar um pouco antes, quando você acha que a violência realmente começou? Como ela ocorria?
- O que ocorreu depois que você percebeu que havia violência? O que você tentou fazer?
- O que você fez para conseguir terminar?

- Houve término e retomada? Quantas vezes?
- Depois do término, como você fez para se manter fora da relação?

Período pós-término

- Você está em um novo relacionamento? Marcar na linha do tempo?
- Como foi o período após o término definitivo?
- Como você passou a perceber seus relacionamentos?
- Houve alguma mudança em relação à maneira como você se percebe nas suas relações?
- Você fez algum esforço ativo para evitar se envolver em relacionamentos violentos novamente?
- Você está satisfeita com seu novo relacionamento? O que você valoriza nele?

6. Encerramento

- Eventuais encaminhamentos.
- Pedir para enviar outros dados caso se lembre de alguma coisa posteriormente (email ou áudio).
- Oferecer possibilidade de encontro posterior caso sinta algum desconforto emocional.
- Eventuais explicações adicionais acerca da pesquisa.
- Agradecimento.

Anexo C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

O (a) Senhor(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa “O processo de construção e abandono de relacionamentos de namoro violentos e não violentos entre jovens adultos” que tem como objetivo compreender melhor o processo de construção dos relacionamentos de namoro entre jovens adultos. Além disso, o projeto também pretende entender melhor o processo pelo qual eles terminam, quando for o caso de relacionamentos que já terminaram.

Essa pesquisa (como todas as outras) envolve alguns riscos e também foram pensadas algumas medidas para minimizá-los. Esses riscos e as medidas para diminuir-los serão descritos a seguir. Existe a chance de que em algum momento o(a) senhor(a) sinta algum desconforto emocional por falar de assuntos pessoais. Caso isso ocorra, é importante ressaltar que a pesquisadora responsável é psicóloga e conhece técnicas que podem auxiliá-lo(a) nesse ponto. Outro risco é de que a participação na pesquisa agrave alguma situação negativa que você esteja vivendo no seu relacionamento. Caso se constate que existe esse risco no seu caso específico, nós interromperemos os procedimentos da pesquisa e pensaremos juntos(as) sobre alternativas que sejam viáveis.

O principal benefício que a pesquisa trará para a geração de conhecimento é que a partir desses dados será possível entender com mais profundidade situações do relacionamento que beneficiam ou prejudicam a saúde mental das pessoas, o que poderá, no futuro, ser usado para desenvolver intervenções que ajudem as pessoas a terem relacionamentos mais saudáveis.

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá, sendo mantido o mais rigoroso sigilo através da omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a). As informações apresentadas pelo(a) senhor(a) não serão, em hipótese alguma, repassadas para o(a) seu(sua) companheiro(a), assim como as informações dele(a) não serão repassadas ao(à) senhor(a).

A sua participação será através de uma entrevista individual e da resposta a questionários. Esses procedimentos serão realizados na data que combinarmos, em uma sala da Universidade de Brasília ou uma sala do SERAV / TJDFT no fórum mais próximo de sua casa ou trabalho. A duração é de aproximadamente uma hora, podendo se estender por alguns minutos a mais. Informamos que o(a) Senhor(a) pode se recusar a responder (ou participar de qualquer procedimento) qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o(a) senhor(a). Além disso, estarei à disposição para orientá-lo(a) em relação a serviços existentes que possam ajudar a solucionar alguma situação que esteja ligada a algum desconforto em relação à pesquisa, avaliando o que melhor se encaixa a sua situação junto com o(a) senhor(a) caso seja de seu

desejo, independente de o(a) senhor(a) permanecer como participante ou não. Sua participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração.

As despesas com transporte até o local de pesquisa e alimentação durante a entrevista serão custeadas pela pesquisadora responsável.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Universidade de Brasília podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais utilizados na pesquisa ficarão sob a guarda do pesquisador por um período de no mínimo cinco anos, após isso, serão destruídos ou mantidos na instituição. Caso haja informações que permitam sua identificação pelo(a) seu(sua) parceiro(a), elas serão omitidas nas publicações.

Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor entre em contato com Priscila de Oliveira Parada, pesquisadora vinculada ao Programa de Pós graduação em Psicologia Clínica e Cultura e responsável pelo projeto pelo e-mail parada.pesquisa@gmail.com.

Este projeto foi Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos através do telefone: (61) 3107-1918 ou do e-mail cepfm@unb.br.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o sujeito da pesquisa. Por favor, rubrique todas as páginas e assine abaixo caso esteja de acordo, o que também será feito pela pesquisadora responsável.

Nome / assinatura

Priscila de Oliveira Parada

Pesquisadora Responsável

Brasília, ____ de _____ de _____

Anexo D – *Experiences in Close Relationships* – ECR

As afirmações abaixo dizem respeito a como as pessoas podem se sentir em relacionamentos românticos. Nós estamos interessados em saber como você geralmente vivência relações, não apenas no que acontece no seu relacionamento atual, se você estiver em um. Responda cada afirmação indicando o quanto você concorda ou discorda com ela. Observe que o ponto 1 significa “discordo fortemente” e o ponto 7 significa “concordo fortemente”.

	Discordo fortemente		Neutro/ misto			Concordo fortemente	
	1	2	3	4	5	6	7
1. Eu prefiro não demonstrar a uma(um) parceira(o) os meus sentimentos mais profundos.	1	2	3	4	5	6	7
2. Eu me preocupo em ser abandonado.	1	2	3	4	5	6	7
3. Eu me sinto muito confortável tendo um alto grau de proximidade afetiva com uma(um) parceira(o) romântica.	1	2	3	4	5	6	7
4. Eu me preocupo demais com os meus relacionamentos românticos.	1	2	3	4	5	6	7
5. Assim que minha(meu) parceira(o) começa a se tornar mais próxima(o) afetivamente de mim, eu percebo que começo a me afastar.	1	2	3	4	5	6	7
6. Preocupa-me a ideia de que uma(um) parceira(o) romântica não goste de mim tanto quanto eu gosto dela(e).	1	2	3	4	5	6	7
7. Eu me sinto desconfortável quando uma(um) parceira(o) romântica quer muita proximidade afetiva comigo.	1	2	3	4	5	6	7
8. Eu me preocupo bastante em perder minha(meu) parceira(o).	1	2	3	4	5	6	7
9. Eu não me sinto confortável em me abrir para uma(um) parceira(o) romântica.	1	2	3	4	5	6	7
10. Frequentemente, eu desejo que os sentimentos da(o) minha(meu) parceira(o) por mim sejam tão fortes quanto os meus sentimentos por ela(e).	1	2	3	4	5	6	7
11. Eu quero me aproximar afetivamente de minha(meu) parceira(o), mas eu acabo me distanciando.	1	2	3	4	5	6	7
12. Frequentemente, eu tenho vontade de me unir completamente com minhas(meus) parceiras(os) românticas, e isso às vezes acaba afugentando elas(es).	1	2	3	4	5	6	7
13. Eu fico apreensivo quando uma(um) parceira(o) fica muito próxima(o) afetivamente de mim.	1	2	3	4	5	6	7
14. Eu me preocupo em ficar sozinho (a).	1	2	3	4	5	6	7
15. Sinto-me confortável compartilhando meus pensamentos e sentimentos íntimos com meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7
16. Meu desejo de ficar muito próximo afetivamente, às vezes, afasta as pessoas.	1	2	3	4	5	6	7
17. Eu tento evitar ficar muito próximo afetivamente de minha(meu) parceira(o).	1	2	3	4	5	6	7

18. Eu necessito que minha(meu) parceira(o) reafirme constantemente que sou amado por ela(e).	1	2	3	4	5	6	7
19. Eu considero que é relativamente fácil aproximar-me afetivamente da(o) minha(meu) parceira(o).	1	2	3	4	5	6	7
20. Às vezes eu sinto que forço meus parceiros a demonstrarem mais sentimento, mais comprometimento.	1	2	3	4	5	6	7
21. Acho difícil permitir-me depender de parceiros românticos.	1	2	3	4	5	6	7
22. Em geral, eu não me preocupo em ser abandonado.	1	2	3	4	5	6	7
23. Eu prefiro não ficar muito próximo afetivamente de uma parceira(o) romântica.	1	2	3	4	5	6	7
24. Se eu não consigo fazer minha(meu) parceira(o) demonstrar interesse por mim, eu fico chateado(a) ou irritado(a).	1	2	3	4	5	6	7
25. Eu falo praticamente tudo ao meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7
26. Eu acho que minha(meu) parceira(o) não quer ficar tão próxima(o) afetivamente quanto eu gostaria.	1	2	3	4	5	6	7
27. Eu normalmente discuto meus problemas e minhas preocupações com meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7
28. Quando eu não estou envolvido em um relacionamento, eu me sinto um pouco ansioso e inseguro.	1	2	3	4	5	6	7
29. Sinto-me confortável em depender afetivamente de uma(um) parceira(o) romântica.	1	2	3	4	5	6	7
30. Eu fico frustrado quando meu parceiro não está por perto tanto quanto eu gostaria.	1	2	3	4	5	6	7
31. Não me importo em solicitar carinho, conselho ou ajuda para parceiros românticos.	1	2	3	4	5	6	7
32. Eu fico frustrado se meu parceiro romântico não está disponível quando eu preciso dele.	1	2	3	4	5	6	7
33. Ajuda muito poder contar com minha(meu) parceira(o) romântica em momentos de necessidade.	1	2	3	4	5	6	7
34. Quando minha(meu) parceira(o) me reprova, sinto-me realmente mal comigo mesmo.	1	2	3	4	5	6	7
35. Eu recorro à minha(meu) parceira(o) para muitas coisas, incluindo conforto e segurança.	1	2	3	4	5	6	7
36. Eu fico magoado(a) quando minha(meu) parceira(o) passa seu tempo longe de mim.	1	2	3	4	5	6	7